PONTOS EM FINAIS



ÍNDICE

APRESENTAÇÃO
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18

APRESENTAÇÃO

Olá, tudo bem?

Meu nome é Cinthia e estou muito feliz por poder compartilhar esse livro com você. Sou uma mulher apaixonada por futebol e por romance de todo os tipos, então decidi me aventurar pela primeira vez nessa história.

Nunca escrevi um livro antes, então me perdoe pelos erros se houver, mas prometo que já estou em busca de melhorar para os próximos.

Espero que você aproveite a leitura.

Obrigada por estar aqui!

Cinthia Rocha.

CAPÍTULO 1

O sol entrando pela janela não me deixa menos nervosa ao perceber que tudo no dia de hoje seria terrível.

Ouço Marcos, meu marido, falando ao telefone na sacada, porém com a porta fechada, me impedindo de entender perfeitamente o que estava sendo dito na ligação, mas tenho certeza que o assunto sou eu.

Minha mente volta a ter flashbacks sobre o que aconteceu na noite anterior.

Puxo o edredom grosso até cobrir minha cabeça, querendo sumir do mapa ao me dar conta de como estava ferrada com o que havia acontecido.

Odeio festas com políticos. Odeio política. Odeio tudo nessa cidade.

— Eu sei, Ernesto, ficou feio para nós — Marcos fala ao telefone enquanto abre a porta da sacada para voltar ao quarto. — Ela vai pedir desculpas, não se preocupe.

— Bom dia, Laura Maria — falou com desdém assim que desliga o celular e olho para ele com raiva. — Se não fosse por causa da sua cena ontem, tudo estaria dando certo para a candidatura a presidente do Ernesto. Dependemos do José, Laura, e você deu um soco nele?

— Como é? — pergunto indignada. — O cara tentou me agarrar lá e você está falando que a culpa de eu ter dado um soco nele é minha?

Ele caminha para o banheiro do quarto e ignora o que eu falo, jogo as cobertas para o lado e vou atrás dele, sentindo a cabeça latejar no caminho

devido a quantidade de bebida que ingeri.

— Lógico que sim, Laura — fala e se vira em minha direção, enquanto eu me apoio na porta do banheiro e ele pega a escova de dente. — Mas calma, já vamos resolver isso, a equipe de marketing da empresa está pensando nas possibilidades para abaixar a poeira e limpar a imagem da família.

— Limpar a imagem da família? — pergunto novamente, ainda indignada. — Ele me assediou, Marcos. Ficou passando a mão em mim.

— Mas o José é um dos maiores políticos do Brasil e um grande investidor da Eng's, Laura Maria — fala bravo. — Precisamos que ele fique do nosso lado.

Marcos é assessor do irmão, Ernesto, que atualmente é deputado estadual e quer chegar à presidência do Brasil, ou seja, nunca fui a primeira opção no casamento, pois a família inteira é casada com a política.

Ontem a noite ele fez uma festa com alguns políticos e investidores da Eng's, a empresa de engenharia da família deles, para anunciar a candidatura e já pedir apoio de outros políticos filiados ao partido, assim como alguns amigos e outras centenas de pessoas que eu sequer conheço.

Tudo começou a dar errado quando o tal José, que possui grande influência na política, me encontrou sozinha perto da mesa de comida e começou a puxar assunto comigo, logo em seguida querendo dançar comigo, sendo que ninguém estava dançando. Neguei diversas vezes o pedido até ele se irritar e começar a insistir mais, me puxando pelo braço. Fiquei com medo e com raiva e a minha única reação foi dar um soco no rosto dele assim que ele apertou meu braço, mas claro, todo mundo viu a cena do soco, ninguém viu ele me forçando a algo que eu não queria.

Ele começou a gritar assim que atingi o rosto dele, e fiquei assustada enquanto todos me olhavam. Ele começou a gritar e me chamar de louca,

então Marcos chegou até nós e ao invés de brigar com José, me apertou no braço também e pediu para que eu pedisse desculpas ao homem. Neguei, o que fez com que Marcos também ficasse bravo comigo, então saí sozinha do salão de festas enquanto todos me olhavam como se a culpada fosse eu.

— Se fosse o Papa teria levado um soco também — falo entrando no banheiro me preparando para tomar banho e me lavar dos resquícios da festa de ontem. Observo no espelho meu braço roxo onde os dois haviam apertado, com um hematoma bem aparente. — Engraçado que quando é outro cara perto de mim você fica com ciúmes, né? Mas o José pode?

Vejo que ele me encara por alguns segundos e esfrega as mãos pelo rosto.

— Eu não gosto, meu amor, mas poxa, — suspirou, — estamos tentando fazer de tudo para a candidatura do Ernesto dar certo, ele não pode se envolver em nenhum escândalo — falou despreocupado enquanto arrumava o cabelo em frente ao espelho.

— Se colocar um par de chifres na esposa toda semana não é um escândalo, então — falo baixo enquanto começava a passar o shampoo em meus cabelos.

— O que? Não ouvi.

— Nada — dou um sorriso falso para ele. — Eu não fiz nada de errado Marcos, eu só não quis dançar com ele ontem. Por qual motivo você acha que eu preciso pedir desculpas? — falo baixo, mas vejo que ele não deu muita atenção, como sempre, e meus olhos enchem de lágrima ao perceber que ele fazia pouco caso de um assunto sério. Ele também nem percebeu meu braço roxo onde ele havia apertado.

Marcos e eu estamos casados há cerca de três anos, e juntos um total de seis anos. Eu gosto dele, claro, mas ele sempre colocou a política em primeiro lugar, então percebi que sou apenas alguém a quem ele recorre

quando não tem mais nada para fazer ou então quem ele exibe para os amigos empresários e políticos em todo evento que sou obrigada a acompanhá-lo. Sou apenas a acompanhante dele, duvido que ele tenha me amado de verdade algum dia, mas não posso exigir tanto dele, já que sempre tive dúvidas se era o certo para mim.

Claro que a vida confortável que eu levo é um fator que faz com que eu tenha receio de me separar, já que quando saí de São Paulo deixei tudo para trás, inclusive a marca que eu tinha de vestidos, minhas clientes, tudo. Larguei tudo o que eu tinha e virei esposa em tempo integral, então se resolver me divorciar, sequer tenho onde morar aqui em Brasília. Na verdade, não tenho nada, tudo é de Marcos.

— Eu vou para a empresa hoje, e quando tiver alguma solução eu te ligo, tudo bem? — pergunta e eu assinto, sem nem mesmo olhar para ele, enquanto lavo meu cabelo. — Vou almoçar na empresa hoje.

— Tudo bem — respondo e continuo meu banho, observando Marcos enquanto ele terminava sua higiene pessoal e seguia para o closet do quarto para procurar um terno.

Cerca de quinze minutos depois, desço as escadas de casa e vou em direção à cozinha, onde sabia que Mirtes tinha preparado um café da manhã para mim, como todos os dias. Marcos sempre fazia questão de fazer todas as refeições na sala onde estava à mesa de jantar, já eu, preferia tomar café conversando com Mirtes ou Alberto na cozinha. Mirtes trabalhava para a família de Marcos há muitos anos, por isso, quando nos casamos, a mãe dele deixou que ela viesse trabalhar aqui em casa. Alberto é o marido de Mirtes e também é meu motorista, mas também é o jardineiro da casa. Mirtes é a pessoa que eu mais converso aqui, e adoro a companhia dela, sempre passamos o dia juntas na cozinha ou no jardim.

— Bom dia, dona Laura — Mirtes falou animada quando entrei na cozinha. — A senhora está bem? — perguntou quando me sentei à mesa.

— Não Mirtes, Marcos me tratou como uma qualquer ontem — comentei e apoiei a cabeça entre as mãos, que estavam apoiadas na mesa. Contei por cima a história do que tinha acontecido, pois provavelmente ela já sabia.

O restante do café foi como todos os dias, com os dois animados falando dos filhos e dos netos. Tirando Alice, são meus únicos amigos em Brasília. Desde que me mudei para cá com Marcos, não tenho saído muito, já que ele sempre diz que é perigoso sair sozinha, e quando saio, é para ir até a casa de minha sogra ou de Ernesto, para passar o tempo com a esposa dele, Gabriela, que não é uma grande amiga, apenas família, mas em geral, ela me trata bem. Ernesto não presta e trata ela como um nada, e mesmo sabendo que ele tem amantes, ela se recusa a se divorciar.

Durante à manhã ajudei Mirtes a organizar a despensa da cozinha e logo depois começamos o almoço, que na maioria dos dias é apenas para nós três, então sempre almoçamos na cozinha juntos. Apenas faço minhas refeições fora da cozinha quando Marcos está em casa, que na maioria dos dias é apenas à noite, mas me sinto mal, já que ele não gosta de almoçar junto com Mirtes e Alberto e os dois sempre almoçam na cozinha.

Além dos dois, ainda tem a Sônia que trabalha aqui em casa três vezes por semana e cuida da parte da limpeza e o pessoal da piscina que vem duas vezes por mês. Fora isso, é muito difícil termos convidados aqui, apenas quando minha sogra resolve aparecer de surpresa para um almoço ou jantar.

Depois do almoço, decidi me sentar na área externa da casa com meu computador, na área onde fica a piscina e o espaço de festas. Sou estilista, porém deixei de trabalhar na área quando me mudei para cá, já que

Marcos insistiu muito para que eu deixasse de trabalhar. Antes, quando morávamos em São Paulo, eu tinha muitos pedidos todos os meses para fazer vestidos, principalmente vestidos de formatura. Quando voltamos para Brasília, ele me convenceu de que não precisava continuar costurando, o que eu odeio, já que dependo dele para tudo, mas todas as vezes que resolvi tocar no assunto de voltar a costurar, ele falava que não seria bom se eu começasse a trabalhar e largasse a casa.

Apesar de não estar trabalhando, continuo sempre me atualizando em sites de moda, descobrindo as tendências, o que não usar, já que sempre foi o que me fascinou. Após alguns minutos lendo artigos, um pouco mais das duas da tarde, meu celular tocou. Vi o nome de Marcos na tela e atendi rapidamente, observando que Alberto estava no outro canto do jardim cortando alguns ganhos.

— Oi, meu amor — falei alegre.

— Oi Laura — ele falou, e franzi a testa ao ouvir seu tom. — Olha só, a equipe aqui achou uma solução para melhorar a situação do Ernesto e da empresa. Vamos participar de um programa de rádio amanhã, a mesma rádio que falou disso ao vivo hoje, e você pede desculpas para ele em rede nacional — ele continuou falando, mas parei de ouvir.

— O que? — perguntei, ainda sem raciocinar muito bem.

— Pedir desculpas, rádio…

— Pedir desculpas a alguém que me assediou e machucou? — perguntei, brava agora, e vi que Alberto parou o que estava fazendo para me observar. — Você tá maluco, Marcos?

— Meu amor, calma, é só para apaziguar a situação, não precisa desculpar de verdade — sentia meu rosto fervendo de raiva, mas continuei ouvindo. — Nós vamos participar de um programa na rádio amanhã de

manhã, eu, você, o Ernesto e o José, e lá você pede desculpas ao vivo e tudo se resolve.

— Você só pode estar brincando comigo! — falei alto, e ele continuou tentando argumentar, mas não dei ouvidos. — A minha resposta é não.

— O que? Você tá louca? — ele brigou comigo, mas logo abaixou o tom, provavelmente estava com mais pessoas na sala. — Laura, olha só, é simples. É só pedir desculpas ao vivo e dizer que você tinha bebido muito, por isso fez aquilo.

— Não. Nunca vou me humilhar desse jeito.

— Laura Maria, se você não fizer isso por mim e pela minha família, nós vamos ter uma briga séria — ele falou bravo e alto mais uma vez. — Você quer acabar com tudo o que construímos durante anos?

— Marcos, eu não vou fazer isso. Você não pode me obrigar — falei, prestes a chorar de desespero. — Ele tentou me agarrar, me machucou enquanto me segurava, queria me forçar a dançar com ele.

— Você vai fazer isso sim, e se não fizer, eu vou me separar. Você vai acabar com o nome da minha família — comecei a chorar ao ouvir isso, mas eu jamais me humilharia diante de um homem e em rede nacional por algo que eu não estava errada.

Aceitei muitas coisas por causa de Marcos, mas isso era muito. Nem mesmo ele me obrigaria a fazer isso.

— Tudo bem, estou saindo de casa — falei, enxugando algumas lágrimas.

— Como é? — ele perguntou, mas desliguei o telefone.

Quando coloquei o telefone na mesa, comecei a chorar de verdade, e ouvi Mirtes e Alberto se aproximarem.

Contei rapidamente para eles a história, que tentaram me acalmar e tentaram me convencer que Marcos não me obrigaria a fazer isso. Mas eu

sei que pela carreira e pela política a família dele faria tudo, até mesmo isso.

— Mirtes, vou arrumar minhas malas e vou embora — falei e segurei seus ombros, e ela me encarou com os olhos arregalados.

— Dona Laura, a senhora não pode fazer isso! — ela falou assustada. — Pra onde a senhora vai?



— Você só pode estar louca, Laura Maria! — ouvi a voz de Alice atrás de mim e levei um susto. Eu estava com um boné preto tentando me disfarçar, com medo de que Marcos descobrisse meu plano e viesse atrás de mim. Ou mandasse alguns de seus fiéis funcionários.

— Shhh, fala baixo. — gesticulei com as mãos, — Quer que alguém me veja?

— Você surtou, sério, surtou! — ela gritou sussurrando, e me entregou o envelope que eu havia pedido. — Quase não consegui sacar o dinheiro do banco, mas acho que essa quantia dá pra você ficar um pouco mais de um mês vivendo tranquila se resolver não voltar antes.

Eu já tinha contado para ela tudo o que tinha acontecido nas últimas horas, e sem enrolar muito, ela apenas perguntou do que eu precisava.

— Obrigada amiga, nem sei como te agradecer — Alice foi até o banco para mim pegar o dinheiro que estava guardado na minha conta, o dinheiro que eu havia colocado em uma conta desde que trabalhava, já que Marcos pagava todas as minhas contas, e por sorte, eu depositava todo mês um pouco do que ele me dava, então poderia ficar tranquila por um tempo.

— Você volta quando? — ela pergunta e me abraça quando aviso que preciso entrar no aeroporto, pois logo meu voo seria anunciado.

— Não sei ainda, até a poeira abaixar — falo, com os olhos enchendo de lágrimas. — ou até o Marcos convencer todo mundo que não sou louca e aquele José mereceu o soco que levou.

— Se cuida, tá? Me liga quando chegar lá.

— Pode deixar. Eu te ligo para o que precisar — abraço ela é me despeço, vendo ela correr em direção ao carro e entrar, dando partida logo em seguida, visto que ainda estava em horário de trabalho.

Suspiro e me viro, encaro o aeroporto, percebendo que não sei se é o certo a ser feito, mas caminho em direção a porta.

CAPÍTULO 2

Cheguei no aeroporto do Rio de Janeiro quase duas horas depois de sair de Brasília. O aeroporto ainda parecia o mesmo da última vez que estive aqui, antes de me mudar para São Paulo e nunca mais ter voltado para cá.

Assim que saí do aeroporto em busca de um táxi para me levar até o meu objetivo, senti a brisa do mar encostando no meu rosto e me lembrei do quanto amo essa sensação. Me mudei para São Paulo com 18 anos, e depois, para Brasília, mas nada se compara ao olhar para o mar que por tantos anos fui apaixonada. Marcos sempre me convidava para as viagens ao Rio de Janeiro, mas sempre neguei voltar.

— Senhora, precisa de um táxi? — ouvi alguém perguntando, e quando me virei, percebi que estava há alguns segundos hipnotizada encarando o nada. Observei o senhor que estava me encarando e que tinha escrito na blusa de uniforme “taxista”, por isso me apressei.

— Sim, claro, preciso sim — ele me ajudou a carregar as malas até o carro, que estavam pesadas. Com toda a certeza coloquei mais roupas do que seria necessário para o pouco tempo que passarei aqui, até tudo se acertar entre Marcos e eu.

Entrei no carro depois de guardar as malas, e por poucos minutos o motorista ficou em silêncio, mas vi que ele estava se segurando para não falar nada, provavelmente deve ter percebido minha cara de choro.

— Você mora aqui no Rio?

— Sim senhora, desde que nasci — falou enquanto parava em um semáforo. — E a senhora? *Tá* com uma cara triste — falou e percebi que me encarou pelo retrovisor.

Dei um sorriso não muito animado para ele.

— Sou daqui, mas fui embora há dez anos — falei baixo, enquanto observava as ruas que eu era tão acostumada a caminhar todos os dias. — Morei em São Paulo por alguns anos e agora moro em Brasília com meu marido.

— Brasília, é? Seu marido é político? — perguntou e dei uma risada.

— Não é, mas o irmão dele sim — falei novamente, sem me aprofundar nesse assunto. Política nunca foi meu assunto preferido para discutir, principalmente depois de perceber o quanto a família de Marcos e ele são obcecados por esse assunto. — Resolvi vir passar umas semanas aqui, para ficar sozinha um pouco.

— Opa, o Rio é sempre uma boa opção pra melhorar, dona — falou e eu concordei, comentando sobre como era bom morar aqui quando eu era mais nova. — A senhora cometeu um erro vindo pra cá, não vai querer voltar pra Brasília nunca.

E apesar de anos longe, eu senti como se nunca tivesse ido embora.



— A senhora quer ajuda pra levar as malas lá pra cima? — o motorista, chamado Sid, pergunta assim que estaciona o táxi na frente do prédio antigo, que parece exatamente o mesmo de dez anos atrás.

Digo que não e faço o pagamento, apenas peço ajuda para tirar as malas do porta mala do carro e levar até a porta do prédio. Assim que ele vai embora, continuo parada na frente da porta antiga de madeira e com vidro esfumaçado. Observo o prédio que nem foi pintado mesmo após tantos anos, pois lembro exatamente dos lugares onde a tinta começava a descascar.

Empurro a porta de entrada, mas me dou conta que está trancada e a chave está dentro de uma das duas malas, provavelmente no meio das roupas. Bato com a mão na testa, não seria nada legal precisar tirar as roupas da mala no meio da rua. Suspiro e me encosto na porta, observando a rua que está iluminada pelos postes e pela rua. Tudo parece igual, é a mesma visão que tive por anos enquanto saía todo dia do prédio para ir à escola ou trabalhar.

Pego uma mala enquanto deixo à outra apoiada na porta e finalmente abro, tentando procurar a chave por cima das roupas que foram praticamente jogadas dentro, então tudo está bagunçado. Alguns minutos depois, tenho certeza de que abri a mala errada, pois não encontro.

— Droga! — Murmuro baixo, enquanto sento em cima da mala para fechar o zíper e pegar a outra mala para abrir e procurar a chave.

— Laura? — Ouço uma voz conhecida me chamando, então, ainda sentada em cima da mala, olho para cima.

— Madalena? Você ainda mora aqui? — pergunto alegre, e me ergo rapidamente. — Estou procurando a chave do prédio, não vi que estava atrapalhando a entrada.

Encarei a mulher baixa com cabelos pretos, que provavelmente teria seus cinquenta anos agora. Com um pouco mais de um metro e sessenta, ela parecia a mesma, apenas com um tom de cabelo diferente. Até o sorriso era o mesmo.

— Ah, minha querida, tentaram me tirar daqui, mas ninguém conseguiu. — ela larga as duas sacolas que estava segurando no chão e abre os braços para um abraço. — Achei que nunca mais veria você.

Ando até ela e a abraço forte. O mesmo abraço que por diversas vezes me acudiu quando era adolescente, ou então o mesmo abraço que vinha sem motivo mas sempre fazia com que eu me sentisse amada ali.

— Madalena, você ainda tem o mesmo cheirinho de dez anos atrás — comento quando finalizamos o abraço, e vejo que ela está com os olhos lacrimejando.

— Ah Laura, que bom ver você. Sentimos tanta falta de você — ela fala e pega as sacolas que deixou no chão. — Passaram muitos anos, não é? Você vai morar aqui de novo? — ela fala e me ajuda a fechar a mala que estava no chão.

— Não vou, só por alguns dias ou algumas semanas. Estou com alguns problemas pessoais — falei e comecei a carregar as malas quando ela abriu a porta do prédio. — Acho que na próxima semana já vou voltar para Brasília.

— Brasília? Achei que você tivesse ido para São Paulo — caminhamos em direção a escada, para a minha tristeza. — Acho que você leva uma mala por vez, querida.

Concordei com a cabeça, pegando apenas uma mala e começando a puxar escada acima até o quinto andar.

— Eu fiquei em São Paulo por quatro anos, mas me casei e me mudei para Brasília — falei e vi que ela me olhou surpresa. — A família do meu marido e a empresa deles é em Brasília.

— Casada? — ela perguntou e eu assenti, dando de ombros. — Achei que você nunca sairia do Rio pelo tanto que gostava daqui, surpreendeu todo mundo.

Dei risada do comentário.

— Eu confesso que sinto muita falta de ir à praia quase todos os dias — falo e penso nas poucas vezes que fui à praia nos últimos anos. — Em São Paulo eu morava longe e trabalhava e em Brasília o máximo que eu consigo é uma piscina em casa.

— E você está trabalhando ainda? Se formou em moda? — ela pergunta, pois deve se lembrar de que desde criança eu falava que queria ser estilista igual minha mãe foi um dia.

— Me formei sim, mas não trabalho com isso. — Falo baixo, parando no terceiro andar para respirar após o esforço para puxar a mala pesada. — Meu marido prefere que eu cuide apenas da casa — me sinto envergonhada ao falar isso em voz alta, mesmo sendo que é a verdade.

— E por causa dele você não veio mais me visitar? — ela fingiu uma cara de brava, me ajudando a puxar a mala até o último andar.

— Eu não vim mais pro Rio de Janeiro desde que saí, algumas vezes o Marcos me convidou para vir quando ele tinha alguma reunião aqui, mas nunca aceitei, sempre achei que me traria muitas lembranças ruins. — falei, limpando o suor da testa ao chegar no quinto andar. — Eu não estou mais acostumada a subir escadas.

— Tenho certeza que você tem apenas uma lembrança ruim, Laura, pois foram anos de alegria aqui — ela fala e me encolho, sentindo um aperto e culpa por nunca ter dado notícia.

Observei o corredor familiar, sentindo meu coração acelerar ao observar a porta de número 509. Caminhamos para a mesma direção, já que o apartamento dela era em frente ao meu.

— Você quer a chave, querida? Ainda tenho a reserva que você deixou — ela pergunta, me causando alívio ao perceber que não vou precisar abrir a outra mala para procurar mais uma vez.

— Você entrou ali ainda? — pergunto atrás dela, que abre a porta do próprio apartamento e me convida para entrar. Tudo parece igual, apesar das reformas visíveis que foram feitas. Mas começo a me lembrar de todas as tardes que passei ali, até mesmo o cheiro de bolo assando é o mesmo de dez anos atrás.

— Todo mês, quando a Ligia vem limpar — ela fala e eu ergo as sobrancelhas.

— Você está pagando alguém para limpar? — perguntei, pois não lembro de ter pedido para ela cuidar do apartamento quando fui embora. Nunca tive a intenção de voltar, mas se dependesse de mim o apartamento estaria em pedaços agora.

— Que nada, ela limpa em troca de eu ficar com as crianças dela alguns dias por mês — ela fala como se não fosse nada — Eu não podia deixar o apartamento virar pó, sua mãe não gostaria de ver tudo acabado.

— É, você tem razão — falo baixo e pego a chave que ela me entrega. Evito olhar as fotos penduradas na parede, tendo apenas uma visão parcial e percebendo que algumas ainda eram as mesmas, mas não consigo desviar o olho do quadro grande que ela tem na parede branca da sala, sentindo o coração disparar ao perceber a foto recente dela e dos dois filhos no estádio.

— Quer comer alguma coisa antes de ir? — ela pergunta e lembro que estou sem comer desde que saí de casa. — Não tem nada no seu apartamento e é perigoso sair nessas horas. Tem feijoada que sobrou do almoço.



Uma hora depois, com a barriga cheia de feijoada e perto das nove e meia da noite, pego a chave que Madalena tinha guardada, me despeço e caminho em direção ao meu apartamento.

Madalena passou o tempo inteiro contando as novidades da família, do prédio, de alguns amigos antigos, mas também perguntava sobre mim, sobre o que eu havia feito nos últimos anos.

Suspiro ao virar a chave e abro a porta devagar, como se estivesse me preparando para um susto ao encarar o apartamento.

Tudo estava exatamente igual.

Puxo as duas malas que ainda estavam no corredor para dentro da sala e tranco a porta, me encostando na parede para observar a casa que morei desde que tinha nascido. Os móveis eram antigos, até mesmo o papel da parede da sala era completamente ultrapassado, mas ao observar tudo, me sinto com dezessete anos novamente.

Caminho em direção à estante com fotos e pego a minha preferida para observar. À mesma foto que eu carregava na bolsa em miniatura para todo lugar.

— Mãezinha, você não sabe como eu sinto a sua falta. — falo sozinha e com lágrimas prestes a escorrer enquanto observo a foto onde nós duas estávamos na praia de Copacabana em um pôr do sol, as duas sorrindo e com os braços erguidos jogando água para cima. — Todos os dias.

Minha mãe faleceu devido a um câncer de mama quando eu tinha acabado de completar dezoitos anos, depois de uma longa luta contra essa

doença. Algumas semanas depois de ela ir, decidi que me mudaria para São Paulo para morar com meu pai por um tempo, para não me sentir sozinha, achando que seria mais fácil largar tudo aqui e parar de pensar nela.

Eu e meu pai nunca fomos muito próximos, mas ele sempre tentou ajudar em tudo o que podia. Depois de ir morar com ele, nossa relação melhorou bastante, costumo ligar para ele algumas vezes por semana, mas faz alguns meses que não nos vemos. Morei com ele por um ano e meio até achar algum lugar para morar sozinha, já que ele havia se casado novamente e tinha mais dois filhos que são mais novos que eu. Sempre me senti acolhida, mas a falta que minha mãe fazia para mim era gigante.

Guardo o porta retrato onde estava e continuo achando coisas que nem lembrava que estavam ali, tendo várias lembranças com o que encontrava. Tiro os panos que estavam cobrindo o sofá, percebendo que tudo estava mais limpo do que eu imaginava. Madalena foi um anjo ao continuar cuidando de tudo, mas devo a ela uma boa quantia por ter cuidado daqui por dez anos.

Caminho até meu antigo quarto, dando risada ao perceber que até os posters que eu um dia colei na parede ainda estavam intactos. As fotos coladas no quadro em cima da cama ainda eram as mesmas, até mesmo a mancha de vinho na parede ao lado da porta continuava igual.

Sento na cama que um dia foi minha depois de verificar se não teria nenhuma aranha após tanto tempo sem ser usada. Encaro as fotos ao meu lado, fotos com meus amigos, que agora nem sei como estão, pois cortei o contato com todos eles depois de me mudar para São Paulo. Milhares de sentimentos tomam conta de mim ao pegar uma foto onde estou sentada na areia da praia, sorrindo, usando um shorts jeans e um bíquini rosa, Joaquim está ajoelhado atrás de mim me abraçando e Paula e Augusto estão ao nosso

lado sorrindo também, foi minha foto preferida por muito tempo, com todos meus melhores amigos juntos.

Sempre achei que manter contato me deixaria triste ao pensar na vida que eu nunca mais teria, sem minha mãe, sem ir à praia com meus amigos no fim da tarde ou no final de semana ou sair a noite para comer qualquer besteira na rua, mas olhando agora, o que me deixa triste é perceber o quão sozinha estou desde que me casei.

CAPÍTULO 3

Acordo com um pulo ao me dar conta de que não estava em casa. Encaro o quarto desnorteada até acordar cem por cento e lembrar de tudo o que tinha acontecido no dia anterior.

Suspiro e me jogo de volta para o travesseiro, e acabo batendo a cabeça na cabeceira antiga de madeira. Solto um gemido, pois esqueci que essa cabeceira não era como a que eu estava acostumada, totalmente estofada.

Encontrei um lençol antigo na noite anterior e precisei passar perfume nele para poder usar, pois o cheiro após tanto tempo guardado estava terrível. Pensei em ir até Madalena e pedir um cobertor emprestado, mas já passava da meia noite e fiquei com dó de acordá-la, caso estivesse dormindo.

Ainda passando a mão na cabeça, levanto, dobro o lençol e abro a janela do quarto para tirar um pouco do cheiro que havia ali. Apesar de tudo limpo, uma casa fechada há dez anos tem seu lado ruim.

Caminho até a sala ainda de pijama, procurando por meu celular que foi largado na hora em que entrei no apartamento. Ligo e percebo que ainda eram sete horas da manhã, um horário muito diferente do que eu costumo acordar.

Espero as mensagens carregarem até abrir o aplicativo, mas franzo as sobrancelhas ao perceber que nada apitou.

— Que estranho… — falo sozinha, andando até a porta da sacada e abrindo, para ver se a internet móvel funcionava.

No momento em que chego na sacada o celular apita, mostrando que recebi uma mensagem na mesma hora, e abri rapidamente ao perceber que era de Marcos.

Marcos: *Quando resolver parar com seu surto, volte para casa, temos que conversar sério!*

Gelo ao perceber que ele nem ao menos ligou no dia anterior para saber de mim, como eu estava ou onde estava. Provavelmente ele tinha acordado agora, como de costume, e começaria a se arrumar para o trabalho em poucos minutos.

Foi a única mensagem que ele enviou, como se ele não desse a mínima por eu ter saído de casa.

Volto para a sala e sento no sofá velho, ainda triste por ele ter mandado apenas uma mensagem e nada preocupado, ao que tudo indica. Tudo bem, deve ser a raiva e o estresse por tudo o que aconteceu nos últimos dois dias.

Largo o celular no sofá e vou até o quarto trocar de roupa. Procuro na mala um shorts jeans soltinho e uma regata básica, apenas para ir até a padaria comprar algo para comer agora e durante o dia.

Alguns minutos depois eu já estou andando em direção à padaria que fica no final da rua, a minha preferida quando morava aqui. Todos os dias comprava pão fresquinho, além de quase todos os dias à noite ir comer algum doce junto com a minha mãe. Enquanto passo pela calçada um pouco calma devido o horário, me sinto como se tivesse voltado há dez anos atrás, apesar de todas as pessoas parecerem desconhecidas agora.

O sol já começava a esquentar, mesmo sendo cedo, o que é comum no Rio. Cheguei até a padaria e o cheiro de pão fresco fez meu estômago fazer barulho. Me direciono até o balcão de salgados para escolher algumas coisas para levar e comer durante o dia.

— Quem é vivo sempre aparece. — ouço uma voz conhecida e levanto meu rosto para a porta que dava em direção à cozinha da padaria.

— Bom dia, Carlos. Tudo bem? — falo animada, reparando em como ele tinha ficado com uma aparência mais idosa em todos os anos que passei longe.

— Tudo bem, Laura, apenas fiquei mais velho — ele se aproxima para me atender. — Você *tava* sumida, né?

Concordo com a cabeça e dou de ombros. Conto um pouco sobre a minha vida enquanto apontava para o que levaria de comida e ele embalava para mim.

Carlos sempre foi um amigo da minha mãe e sempre ajudou ela quando precisou, eu adorava conversar com ele sempre que eu e ela vínhamos aqui.

— Tchau Carlos, obrigada — comento na porta do estabelecimento enquanto aceno. — Logo eu volto.

Na volta para o apartamento resolvo parar em uma pequena mercearia nova que eu tinha visto enquanto ia até a padaria para comprar alguns itens para limpeza, saco de lixo, panos, para poder limpar minha casa para o tempo que eu ficaria ali, então caminho de volta carregando várias sacolas pesadas.

Entro no prédio com os braços já doendo pelo peso que estava nas sacolas, mas murcho ao lembrar da quantidade de escadas que preciso subir até chegar ao meu apartamento.

— Vou dar a ideia de colocar um elevador aqui — falo comigo mesma, criando forças para começar o longo caminho até o quinto andar.

Ao chegar no corredor do meu apartamento, me escoro na parede antes de continuar andando até a porta rosa, e percebo que suei mais subindo as escadas do que costumo suar na academia durante os treinos.

Ergo os olhos ao notar a porta aberta, e me dou conta que realmente não tinha fechado ela quando saí, pelo fato de ter saído triste com a mensagem que Marcos me enviou. A porta de Madalena ainda estava fechada, mas o cheiro de café passado não escondia que ela já estava acordada.

Caminho devagar pelo corredor, já que minhas pernas estão doendo por ter subido tantos degraus. Entro no apartamento e com muita dificuldade consigo fechar a porta, me encostando de costas na porta suspirando pelo cansaço, e solto um grito ao notar o homem em pé na minha sala me encarando também assustado.



Joaquim dá um pulo ao ouvir meu grito de susto, e levanta as mãos como se estivesse se rendendo.

— Você quer me matar de susto? — falo alto e largo as sacolas no chão, passando a mão pelos braços onde ficou as marcas da sacola. — Como você entrou aqui?

— A porta estava aberta, achei que a Lígia estava aqui limpando, mas vi um monte de mala e roupa — ele fala e chega mais perto.

Observo ele e meu coração acelera. Os olhos verdes continuam exatamente os mesmos que eu tanto gostava de olhar dez anos atrás, o cabelo estava curto e com um pequeno topete, mas meio bagunçado. A barba por fazer mostra que ele não era o mesmo garoto que eu deixei para trás quando fui embora, agora ele era um homem completo. E bem mais bonito.

Fico alguns segundos encarando ele e percebo que ele me encara de volta da mesma maneira, como se tentasse observar tudo o que mudou com o passar do tempo. Desvio o olhar e encaro o chão envergonhada, da mesma maneira que acontecia quando ele ficava me encarando e me deixava tímida só por estar me olhando tão profundamente.

Joaquim limpa a garganta e tosse baixo.

— Você voltou pro Rio então? — ele pergunta, se encostando no sofá que ficava no meio da sala.

— Só por alguns dias, não pretendo ficar, — falo e vejo que ele concorda, ainda me encarando. — Decidi vir apenas para respirar um pouco.

Olho para ele novamente, que se desencosta do sofá e anda mais um pouco para perto de mim. Ok, eu não lembrava que ele era tão alto. Fico em silêncio, esperando ele falar algo, mas nada veio.

— Faz tempo, né? — ele pergunta, meio incerto do que fazer.

— É, faz tempo mesmo. Achei que nunca mais voltaria pra cá — falo e abraço meus braços, passando a mão por eles, também sem saber o que fazer, apenas pelo nervosismo.

— Posso te dar um abraço? — ele pergunta depois de alguns segundos, assinto com a cabeça e dou um sorriso pequeno, e vou em sua direção.

Fecho os olhos ao abraçar ele, lembrando que era meu lugar preferido para qualquer ocasião e onde sempre me senti segura. O perfume

dele não era o mesmo, mas era tão bom quanto o perfume que eu lembrava.

— Senti sua falta, gatinha — ele fala e meus olhos enchem de lágrimas ao ouvir o apelido que ele usava antigamente, a forma como me chamou por anos.

Me afasto sorrindo e limpando o canto dos olhos, olhando para o teto para não chorar.

— Nem acredito que estou aqui de novo, sabia? Parece tão estranho voltar depois de tanto tempo e tudo aqui dentro continua igual — ele concorda, como se entendesse.

— Confesso que vim aqui algumas vezes depois que você foi embora, mas depois de um tempo decidi não vir mais, me deixava triste — ele fala e me deixa surpresa, pois não imaginava isso. — Às vezes quando venho visitar minha mãe e está aberto eu apenas olho e ignoro.

— Madalena continua a mesma. Conversamos ontem quando eu cheguei.

— E mais teimosa do que era. Estou há anos tentando convencer ela a ir morar comigo ou mais perto de mim, mas nada tira ela daqui — ele fala e dou risada, imaginando que eles deveriam discutir isso toda semana.

— Jogador de futebol, ein? Um apartamento em Ipanema? — falo rindo e dou um soco de leve no braço dele.

— No Leblon — responde e eu arregalo os olhos fingindo surpresa, ele, no entanto, revira os olhos para mim, também brincando. — E você? Ainda fazendo vestidos?

— Me formei, mas não trabalho mais na área. — falo e caminho em direção à cozinha, carregando as sacolas para organizar o que havia comprado. — Mas pelo menos você realizou seu sonho, né? Vi um dia no jornal que você foi jogar até na Europa.

— É, joguei na Inglaterra e na Espanha por uns anos, mas quando meu contrato acabou resolvi voltar. Minha mãe não quis ir comigo e eu senti muita falta dela e do Hugo, então voltei — ele responde enquanto busca as outras duas sacolas que eu tinha deixado ao lado da porta com os produtos de limpeza. — Prefiro jogar aqui, mas me dei bem, jogo no maior time do Brasil agora.

— Ei, não precisa ficar se achando, está bem? — damos risada do meu comentário. — Você veio tomar café com Madalena?

— Ela tem médico daqui a pouco, vim buscar ela, já que Hugo está viajando — ele começa a tirar as coisas da sacola e me entrega enquanto fala do irmão, que agora tem filhos e pelo visto são a paixão de Joaquim.

Alguns minutos depois, tudo estava guardado e voltamos a nos encarar sem falar nada. Em tantos anos nunca ousei pensar nele ou na vida que eu levava no Rio de Janeiro, era melhor me contentar com o que eu tinha e esquecer do passado para não sofrer.

— Bom, preciso ir, ela deve estar pronta — ele fala e anda até à porta, sigo ele pelo mesmo caminho. — Foi bom te ver, Laura.

— Foi bom ver você também, Joaquim. — comento e me encosto na porta quando ele sai para o corredor. — Nós vemos por aí, certo?

— Claro, veio ver minha mãe quase todos os dias depois dos treinos — ele fala e se vira, abrindo a porta do corredor em frente à minha, mas olhando para trás mais uma vez e dando uma piscada para mim.

Fecho a porta e me encosto, jamais imaginei que encontraria Joaquim de novo, ou que Madalena ainda morava aqui. Ouvi falar muito dele, na televisão, rádios, e até nos almoços de família ele era citado. Joaquim foi descoberto cedo pelos clubes, quando ainda estávamos juntos ele jogava na base do Portobello, um time também do Rio de Janeiro. Sei que logo após eu ir embora ele foi vendido a um time da Inglaterra, por ter

se destacado aqui no Brasil no futebol profissional. Marcos e os amigos sempre falavam muito de futebol e o nome de Joaquim sempre era citado, e sempre era difícil fingir que eu não sabia quem era ou que não me importava, já que um dia conheci ele tão bem quanto a mim mesma.

Nunca acompanhei a vida dele fora das notícias que eu não poderia evitar, já que eu não tinha redes sociais e eu me recusava a pesquisar qualquer coisa. No máximo, eu ficava sabendo de alguma festa ou algo exposto por alguma mulher através dos programas de notícias dos famosos que Mirtes adora assistir. A quantidade de mulheres que corriam atrás dele era sempre um choque e saíam diversas notícias, a maioria notícias falsas.

Sei que o talento dele chamava atenção nos grandes times e deve ter ganhado muitos e muitos prêmios e jogos e provavelmente teria uma carreira gigante na europa, mas não fiquei surpresa quando ele contou que ele voltou para o Brasil por ter sentido falta da mãe e do irmão, já que de todas as pessoas que eu conheci minha vida inteira, ele era um dos mais apaixonados pela família que tinha.

Agora ele é jogador do Santa Rosa, o maior campeão do Brasil, com a maior torcida também, inclusive, meu marido é um desses torcedores, por isso sempre falava de Joaquim sem nem saber que um dia ele já foi meu namorado, e deve ganhar milhões por mês, como sempre sonhou.



O tempo passou rápido até o horário do almoço, já que passei a manhã inteira andando pela casa para tirar tudo o que tinha de antigo e velho, joguei tudo em um saco de lixo para ver com Madalena se eu jogava

fora ou conseguia mandar algumas coisas para doação. Tirei todas as roupas que haviam restado no meu armário e no da minha mãe, assim como produtos vencidos que ainda estavam ali e nunca foram tirados.

Apesar de Lígia vir todo mês, o apartamento estava bem sujo pela falta de uso. Após deixar apenas o necessário, comecei a limpeza, ou melhor, a desintoxicação do apartamento. Às vezes, pensava em Marcos, que não tinha me mandado mais nada desde aquela mensagem da manhã, mas eu também não havia respondido ele. Decidi que era melhor não mandar nada. Hoje cedo seria a tal entrevista para pedir desculpas a José, mas não fiz questão de saber se decidiram cancelar ou inventaram alguma desculpas por eu não ter ido. Meu pensamento também oscilava entre Joaquim e as diversas lembranças que ver ele me trouxe.

Nunca achei que Marcos ligaria tão pouco para mim a ponto de não se importar por um cara que eu não conheço ter me assediado em uma festa da família, ou então por eu ter saído de casa e ele não ter sequer ligado para isso.

Largo o balde e o pano que eu estava utilizando por todo o apartamento na sala e ando até a cozinha atrás dos pãezinhos de queijo que eu comprei de manhã quando fui até a padaria, morrendo de fome e com o estômago roncando. O apartamento estava com todas as janelas e a porta da sacada aberta e ainda assim não parecia fresco o suficiente, pois eu estava suada por causa da movimentação da limpeza.

Ouço vozes no corredor, imaginando que poderia ser um dos vizinhos dos outros dois apartamentos desse andar, mas levei um susto ao ouvir batidas na porta.

Caminho até a porta percebendo como já estava cansada por ter passado metade da manhã e um pouco da tarde em pé me movimentando de um lado para o outro sem parar, carregando móveis, tirando tudo do lugar

para limpar e carregando sacolas. Abro a porta e dou de cara com Madalena e Joaquim.

Joaquim me encara de cima a baixo ao notar meu estado, descabelada e suada, e minha regata que um dia foi branca agora é marrom pela sujeira. Ele, em compensação, ainda está usando a mesma roupa da manhã, porém agora usa um óculos de sol, está lindo, usando um tênis branco, calça jeans e uma camiseta preta básica, com o cabelo exatamente igual a quando nos encontramos hoje cedo. Me derreto feito uma manteiga ao perceber o quanto ele está bonito assim, já que de manhã fiquei um pouco nervosa e não reparei, e fico um pouco desnorteada e ao perceber que ele ainda me encara sem parar por trás dos óculos. Sinto meu rosto esquentar de vergonha.

— Menina, que estado é esse? — Madalena fala erguendo a mão direita e passando pelos meus cabelos bagunçados. — Resolveu dar um jeito nesse apartamento?

Observo Joaquim quieto atrás dela me olhando, ele estava carregando apenas uma sacola, que provavelmente era da mãe.

— Resolvi tirar as coisas velhas que estavam aqui, acho que vou colocar para alugar esse apartamento quando eu voltar para Brasília. — falo e saio da frente da porta, dando espaço para eles entrarem.

— Trouxe almoço pra você Laura, imaginei que não teria nada aqui — Madalena fala e pega a sacola da mão de Joaquim, tirando de dentro duas marmitas. O cheiro de comida fez meu estômago roncar mais alto, mas dou graças que eles não ouviram, pois Madalena estava falando. — Alugar o apartamento? E quando você quiser voltar?

— Acho que é melhor do que ficar aqui fechado o tempo inteiro, não é? — falo e busco um talher na cozinha, percebendo que Joaquim ainda não

falou nada. — E se eu voltar, acho melhor ficar em um hotel, como faço nas minhas outras viagens.

Sento na mesa e encaro Joaquim e Madalena, que estão um do lado do outro me encarando de volta.

— É, tem razão, melhor mesmo. — Madalena fala e logo se senta na minha frente, abrindo as duas marmitas para mim.

— Mãe, preciso ir agora, tá? — Joaquim fala e se aproxima da mãe, dando um beijo na testa dela e um abraço. Sempre foi assim desde novo, carinhoso com ela. — Tenho que voltar para o centro de treinamento agora.

Ele se afasta e me olha, incerto do que fazer, mas apenas me dá um aceno com a cabeça e caminha em direção a porta, fechando quando saiu.

— Por que ele está tão quieto? — pergunto enquanto pego um pedaço de carne, quase salivando ao perceber o tanto de comida que Madalena me trouxe.

— Ele ficou assim depois que eu falei que você é casada — ela falou tranquila e senti um grão de arroz descer pelo lugar errado, o que me fez tossir algumas vezes. — Ele deve ter achado que você ficaria solteira para sempre.

— Ele não sabia disso?

— Nem eu sabia, Laura Maria, você sumiu do mapa. — ela fala como se fosse óbvio. — Falando nisso, quem é seu marido? Você mal falou dele desde que chegou.

— Na verdade é por isso que eu vim passar uns dias aqui — respondo e passo os próximos minutos explicando o que tinha acontecido e tudo o que me levou voltar para o Rio. — Ele nem ficou preocupado, Madalena — chorei para ela enquanto terminava de contar e também de almoçar.

— Eu não queria te deixar triste não, mas esse teu marido aí não parece boa coisa Laura — ela fala enquanto recolhe a marmita vazia para jogar no lixo. — Você ama ele?

Encaro ela por um tempo, sem saber como formular uma resposta.

— A gente se dá bem, mas amor é difícil, ele sempre deixou claro que a prioridade é a política e precisava de alguém para apoiar ele — respondo triste. — Passo quase todos os meus dias sozinha, faz quase um ano que não fazemos nada como um casal, uma viagem, um passeio.

— E você acha que isso é um casamento que deu certo? — sem esperar resposta, ela continua. — Um casamento é companheirismo, amor, carinho e você sabe disse. Sempre dizia que sua prioridade era amor e felicidade e você fez algo totalmente ao contrário do que falava.

Não respondo, apenas por saber que é verdade, e ando até até a sacada do apartamento para observar a rua. Ouço os passos de Madalena chegando perto de mim, porém não viro, já que ela para ao meu lado e observa a rua comigo.

— Você teria sido muito feliz com o Joaquim, sabe disso, não sabe? — pergunta mais uma vez e eu a encaro. — Foi triste ver como meu menino sofreu depois que você foi embora, Laurinha.

Meu coração pesa com essa afirmação. Quando fui embora, passei meses e meses tentada a ligar, com o medo de que ele tivesse raiva de mim por ter abandonado tudo no Rio, mas nunca mandei uma mensagem, liguei, nunca dei notícias para ninguém, também não queria que ninguém me procurasse, por isso excluí tudo o que tinha de redes sociais.

— Quando ele chegou em casa hoje, ele estava com o mesmo brilho nos olhos que ele tinha quando vocês estavam juntos.

CAPÍTULO 4

— *Atenção, morador, venha visitar nossa feira de verduras e legumes hoje…* — solto um grunhido ao ouvir o som alto do carro de som passando pela minha janela, me acordando. Puxei o lençol que me cobria para a cabeça na intenção de ignorar a claridade, mas me arrependi quando senti o cheiro ruim de perfume e guardado.

— Droga!

Fico alguns minutos encarando o teto, mas meu celular começa a vibrar e tocar. Sento rápido na cama e pego o celular na esperança de ser Marcos, mas fico um pouco decepcionada quando vi que é meu pai.

— Oi pai, tudo bem?

— *Oi querida, estou bem, e você?* — pergunta do outro lado, ouço crianças gritando ao fundo, então provavelmente ele está trabalhando, já que trabalha em uma escola.

— Estou bem também, pai.

— *O que aconteceu?* — ele pergunta ao ouvir meu tom, já que nunca falo tão desanimada quanto estou falando com ele.

— Ah, eu e o Marcos tivemos uma discussão, não nos falamos mais, — respondo, levantando da cama para abrir a janela e deixar o ar fresco da manhã entrar. — Estou no Rio.

— *No Rio de Janeiro? Sozinha?* — pergunta preocupado. — *Está em um hotel?*

— Não, no antigo apartamento da minha mãe — falo e comento um pouco por cima sobre como estavam as coisas aqui, já que antes de ele e minha mãe decidirem se separar, foi onde ele morou também.

— *Sabe que se quiser pode vir aqui comigo, filha* — fala e eu concordo, mas preferia estar aqui sozinha. — *Vai ser bom pra você ficar aí um tempo, vá para à praia, passeie, e depois você resolve o que fazer com o Marcos.*

— Obrigada, pai.

— *Preciso desligar agora, filha, mas qualquer coisa me liga, está bem?* — ele fala e se despede.



Finalizo a limpeza de todo o apartamento perto das dez horas da manhã, já que eu tinha feito a maior parte no dia anterior. Me jogo no sofá da sala cansada, e meus olhos disparam direto em direção a máquina de costura antiga no canto, perto de uma mesa com alguns livros sobre técnicas e modelos. Sinto vontade de costurar, mas não organizei nada, apenas limpei tudo, mas estou cansada demais para organizar alguma outra coisa agora.

Desvio à cabeça em direção à sacada e enquanto observo o céu totalmente azul, decido ligar para Marcos, que não me envia nenhuma mensagem desde ontem de manhã. Quase um dia sem falar com ele, então acho que é o suficiente para ele ter esfriado a cabeça.

Digito o número no meu celular e espero chamar. Ele atende após muitos toques.

— *Alô?*

— Oi Marcos, como você está? — pergunto.

— *Estou trabalhando, Laura, o que você quer?* — ele pergunta, grosso. — *Já terminou seu showzinho e vai voltar pra casa?*

— Marcos, eu não acredito que você está falando assim comigo — falo brava. — Não é justo você me culpar por eu ter tentado me defender.

— *Laura, eu não estou com tempo pro seu drama agora, tudo bem?* — ele fala mais uma vez, me deixando chateada por me tratar assim. — *Você quase acabou com a campanha do Ernesto, precisamos consertar isso ou ele se ferra.*

— Você acha a política mais importante do que o que aconteceu comigo? — pergunto, mas não espero resposta. — Você está me tratando como se eu fosse uma qualquer querendo atenção. Eu sou sua esposa!

— *Se você é minha esposa então venha pra casa agora e faça o que estou pedindo* — ele fala e eu fico ainda mais brava. — *Te dou cinco dias para voltar ou vamos resolver isso de outra maneira.*

Ele desliga o telefone após a última fala, e fico apenas ouvindo o barulho da ligação desligada. Deixo o celular de lado e decido tomar um banho frio, tanto para refrescar quanto para relaxar.

Após alguns minutos eu já havia tomado meu banho e assim que termino de me trocar, decido ir almoçar fora, já que agora o apartamento está limpo e habitável, mas sem comida alguma. Pego meu celular e o cartão, abrindo a porta do apartamento e sentindo o cheirinho de comida no corredor, provavelmente Madalena, já que era um cheiro maravilhoso e inconfundível.

Já na rua, pego o celular para procurar na internet algum restaurante perto para poder almoçar. Encontro um restaurante italiano duas ruas depois do prédio e começo a caminhar até lá. Cerca de dez minutos depois eu já

estava entrando pela porta do local, dando uma olhada em todo o ambiente para encontrar uma mesa para sentar. Encontro uma mesa mais ao canto para dois lugares, encostada na parede e assim que me sento, um garçom vem rapidamente me entregar o cardápio de bebidas e dos pratos do dia.

Peço uma limonada e um espaguete com iscas de filé ao molho branco, e permaneço mexendo no celular enquanto aguardava o meu pedido chegar.

— Só posso estar vendo um fantasma — ouço uma voz falar à minha frente.

Ergo a cabeça e por alguns segundos não reajo, mas me levanto rapidamente quando reconheço.

— Paula! Não acredito — falo animada enquanto a abraço, mal podendo acreditar que ela estava ali.

— O que você está fazendo aqui? Desde quando voltou? — ela pergunta me analisando, nós duas com as mãos dadas.

— Vim passar alguns dias aqui, estou aqui há apenas dois dias — respondo e me sento, fazendo um gesto para ela se sentar à minha frente.

— Você sumiu quando foi embora, fiquei com tanta raiva quando tentava procurar algo seu na internet e nem rede social eu achava — ela fala, com uma cara brava. Dou um sorriso sem graça, percebendo o quão errada eu estava quando fui embora do Rio de Janeiro. Lembro do que Madalena me contou, de Joaquim ter sofrido muito quando fui embora e cortei o contato com todos, Paula era minha amiga mais próxima e por imaturidade, também me afastei. Meus únicos amigos agora são Mirtes e Alberto e Alice, nunca fui uma pessoa com muitas amizades mas as que eu tinha eram tudo pra mim, tipo Paula.

— Eu sei, me desculpa — digo arrependida e ela sorri, fazendo um gesto com as mãos como se me desculpasse, e me sinto aliviada. — Achei

que seria muito triste manter contato com vocês enquanto estava longe. A saudade seria muito maior.

— Você poderia ter vindo nos visitar muitas vezes se não tivesse sumido, dona Laura — ela reclama, mas é interrompida por um garotinho loiro e de olhos azuis que se aproxima correndo.

— Mamãe, posso pegar uma sobremesa? — ele pergunta e eu sorrio, percebendo que era o filho dela.

— Filho, olha só, essa é a Laura, amiga da mamãe — ela fala e ele me olha, esticando a mão aberta para eu bater de volta. — Se apresenta para ela.

— Meu nome é Heitor — ele fala e dá um sorriso.

— Muito prazer, Heitor — digo sorrindo de volta. — Quantos anos você tem?

— Tenho sete anos, já sou grande.

Dou um sorriso para Paula, achando graça.

— Vai lá com o seu pai, pode pegar uma sobremesa — ela responde e ele se afasta correndo em direção à mesa que estava sentado, sentando ao lado de um homem que eu não conhecia, então provavelmente ela e Augusto não estão mais juntos.

— Ele é a sua cara — comento enquanto tomo um gole da minha bebida.

— Sim, é mesmo, mas é o mínimo depois de carregar por nove meses — ela fala dando risada. — Meu marido está torcendo para a nossa filha parecer um pouco com ele, pelo menos.

Ela passa a mão na barriga e eu arregalo meus olhos, pois não sabia que ela estava grávida já que não tem praticamente nada de barriga. Parabenizo ela, feliz.

— Então, você e o Augusto terminaram mesmo? — pergunto curiosa.

— Um pouco mais de um ano depois que você foi embora — ela fala mas não parece triste. — Nós tínhamos objetivos diferentes, ele queria viajar o mundo e você sabe disso, resolvi colocar um ponto final antes de nos machucarmos.

— Apesar disso, sempre achei que vocês ficariam juntos — eu falo e o garçom traz meu prato, e eu quase começo a salivar ao olhar a massa. Olho para Paula, que dá de ombros.

— Ele também sempre disse que não queria filhos, casar, e eu sempre desejei isso — ela fala, porém não parece triste. — Nos encontramos às vezes quando alguém marca algo, somos bons amigos, já que sabemos que como casal não passaria da adolescência.

— Encontrei o Joaquim no prédio ontem — agora ela quem arregala os olhos. — Eu não imaginei que Madalena ainda morava lá, achei que ela já tinha ido morar em uma das mansões dele.

— Desde que ele voltou para o Brasil ele tenta arrancar ela de lá, mas ela é teimosa — dou risada junto com ela, concordando. — Joaquim até tentou comprar um apartamento maior e melhor para ela aqui no bairro, mas ela também não quis.

— Ele me contou, ela continua igual.

— E ele está bonitão, né? E sarado. — ela cutuca, dando um sorriso malicioso, mas eu concordo com o que ela diz, já que qualquer pessoa sabe o quão bonito ele é.

— É estranho voltar depois de tanto tempo, tudo parece igual mas tudo diferente — eu comento e ela concorda, como se entendesse.

Conversamos por poucos minutos e logo Paula se despede e avisa que precisa voltar ao trabalho. Permaneço no restaurante por mais um

tempo até finalizar meu almoço, observando que estava realmente cheio. Provavelmente é um restaurante mais conhecido.

Já na rua, começo a caminhar de volta para o meu apartamento, quase fervendo no sol do meio dia, mas decido parar no mercado para comprar o necessário para sobreviver nos próximos dias. Encho um carrinho com muitos produtos de limpeza, carnes, macarrão, arroz, água, sucos, frutas e legumes, já que não gosto de comer em restaurantes vários dias seguidos, pois foge da dieta que eu tento seguir há anos.

Nunca fui uma pessoa que se importava muito com meu peso, mas desde que comecei a namorar Marcos, ele sempre me incentivava a seguir uma dieta e treinar, sempre dizia que era melhor do que não fazer nada. Nunca fui extremamente magra como as modelos, sempre tive a barriga que me incomoda, ou às vezes acho minhas pernas grossas demais ou a bunda muito grande. O problema é que também nunca fui muito fã de dietas rigorosas e treinos pesados, meu corpo é minha casa, preciso amar, mas Marcos sempre me fazia querer mudar e estar de acordo com o que a mãe dele achava que era o certo.

Levo o carrinho até o caixa do supermercado e enquanto começo a passar os produtos me dou conta de que não consigo levar na mão devido a quantidade de sacolas e o peso das compras. Pego meu celular e abro o aplicativo para chamar um carro, rezando para todos os santos que ele aceite minhas compras. Quase dou pulos de felicidade quando um carro próximo aceita a corrida, e caminho com o carrinho cheio até a saída do mercado. Aguardo por uns minutos até ele aparecer, e o senhor simpático até me ajuda a guardar as compras no carro e quando chegamos até o prédio, me ajuda a descarregar tudo até o chão da portaria.

— Só não vou te ajudar a levar até o apartamento, moça, preciso ir trabalhar — ele fala enquanto coloca no chão as últimas duas sacolas.

— Não tem problema, eu me viro, você já me ajudou trazendo até aqui — falo e finalizo o pagamento no aplicativo. — Muito obrigada!

Ele se despede e sai, fechando a porta do prédio e me deixando sozinha com vinte sacolas. Penso em quais levar primeiro, querendo chorar ao lembrar que são cinco andares de escada para subir. Do nada, me bateu uma saudade de Mirtes e de Alberto, que sempre me ajudavam a descarregar as compras, ou então, saudades de uma casa sem andares.

A porta do prédio se abre novamente e Joaquim entra. Ele usa uma bermuda praiana preta e uma camiseta branca estampada com desenhos abstratos, nos pés usa um chinelo branco e óculos de sol, mas ele coloca o óculos na cabeça assim que entra. Ele guarda o celular no bolso e para na minha frente.

— Salva pelo gongo! — eu exclamo feliz, não conseguindo conter minha felicidade ao ver que ele estava ali e me ajudaria a levar, mesmo que fosse obrigado.

— Quem disse que eu vou ajudar a carregar essas sacolas para cima? — ele pergunta erguendo uma das sobrancelhas.

— Eu disse — falo e começo a pegar algumas sacolas leves para subir os primeiros degraus. — Pega as carnes primeiro, não quero que estrague.

Ele continua parado me encarando, como se não estivesse acreditando no que eu falei. Ele suspira e pega mais sacolas do que eu jamais daria conta, e coloca as que ficaram para trás com os pés mais ao lado da parede para não atrapalhar a passagem no corredor.

— Obrigada por insistir em ajudar, não precisava Joaquim — falo brincando, subindo os degraus na frente dele, que me acompanha logo atrás.

— Engraçadinha! — ele fala mas percebo que não está bravo. — Agora é assim? Venho visitar minha mãe e eu viro ajudante da madame do

509?

— Deveria ter me avisado ontem, teria poupado meu serviço e usado os seus dons de limpeza — falo já ofegante quando chegamos perto do terceiro andar. Eu paro de subir e Joaquim tromba atrás de mim, por sorte, ele é alto, então o rosto dele bateu nas minhas costas.

— O que foi? — ele pergunta.

— Calma, estou descansando — respondo e me encosto na parede. Ele me olha e nega com a cabeça. — Nem todo mundo tem a resistência de um jogador de futebol.

— Vai, anda, tem mais sacolas para buscar lá embaixo — ele fala e começa a me empurrar devagar com os ombros, para me fazer andar. Solto um grunhido e continuo a subir, mais devagar agora.

— Em dez anos ninguém nunca insistiu em ter um elevador? — pergunto, mesmo sabendo que a estrutura do prédio não permite. Era uma pergunta que eu fazia desde que morava aqui, a diferença é que quando adolescente eu não cansava tão rápido ao subir as escadas.

Subimos o restante da escadaria conversando sobre coisas aleatórias, e ao chegar até o corredor do quinto andar, Joaquim deixa as coisas e volta até o térreo para buscar o restante das sacolas. Abro a porta do apartamento e eu começo a carregar tudo para dentro, tirando as coisas do corredor. Joaquim logo entra com o que havia ficado lá embaixo e coloca todas as sacolas em cima da mesa da cozinha, e se joga em uma cadeira logo em seguida.

— Obrigada por buscar as sacolas pra mim — agradeço de verdade, e ele faz um gesto com as mãos como se não fosse nada.

— Algumas coisas parecem que não mudam com o tempo.

— Tipo o que? — pergunto sem entender.

— Você manda e eu obedeço.

CAPÍTULO 5

Continuo encarando Joaquim por alguns segundos após a fala dele enquanto ele me encarava de volta com um olhar debochado.

— Nunca te obriguei a fazer nada — eu respondo cruzando os braços. Continuo encarando ele com uma sobrancelha erguida.

— Vai nessa, gatinha — ele responde e caminha até o balcão antigo da cozinha para retirar os produtos da sacola. O apelido que ele fala faz meu coração dar um salto, mas decido ignorar.

— Eu continuo mandando e você continua abusado — retruco. Caminho até o balcão também e faço o mesmo que ele, começando a guardar as coisas nos armários limpos da cozinha.

— Culpa minha e da sua mãe, mimamos muito você — ele fala devagar. Eu estava de costas e me viro para ele, abrindo a boca em choque. Ele começa a dar risada da minha cara.

— Como é? — pergunto indignada. — Não sou mimada. Você fazia as coisas para mim por vontade própria.

— Ah, conta outra Laura.

Continuamos guardando as coisas, e eu mal tinha percebido que Joaquim guardava as coisas onde ficavam dez anos atrás, já que ele conhecia o apartamento tão bem quanto eu.

— Então — ele tosse, — minha mãe disse que você está casada — ele olha para minha mão esquerda onde fica a aliança.

— Sim, estou sim — respondo e olho para a aliança, lembrando de Marcos. — Há três anos.

— Bom, eu estou solteiro, para o caso de você estar interessada — ele fala e pisca em minha direção, arrancando de mim uma risada incrédula.

— Você é inacreditável — eu comento, ajuntando do chão as sacolas vazias que eu tinha jogado. — Tenho certeza que não faltou mulher para você.

— Ser jogador tem suas vantagens — ele dá de ombros, sorrindo. — Mas as vezes é bom relembrar os velhos tempos.

— Eu sou casada, Joaquim — respondo. — E não vou ficar com você de novo.

— Ah é? E cadê teu maridão?

— Em Brasília, trabalhando — eu respondo, impaciente. — Você deveria fazer o mesmo, quem sabe joga bem nos próximos jogos.

— Ah, ele é político? — pergunta debochado. — E você tem assistido aos meus jogos? Não sabia que era torcedora do Santa Rosa. Posso te dar uma visita vip no estádio ou no centro de treinamento, pode até ver os jogadores.

— Para de dar em cima de mim — ele dá uma risada. — Aliás, você não veio visitar a tua mãe?

— Ela não sabe que eu vim — ele me responde, levantando da cadeira. — Mas tudo bem, logo você vai embora de novo, né? — O tom com que ele fala essa frase me faz perceber que é em relação a eu ter ido embora uma vez, então ele espera que eu vá de novo. Meu coração aperta quando percebo que ele ainda guarda mágoas de mim, mesmo após tantos anos.

— Você sabe que eu não vou ficar muito tempo aqui, provavelmente amanhã ou depois vou embora — eu falo, sentindo uma pequena tristeza me

invadir. Marcos me deu o prazo de cinco dias, mas provavelmente vou antes para não ficar mais chateado do que já está comigo. Sei que não estou errada e sei que o que José fez não pode ser deixado de lado, mas posso estragar a campanha de Alberto e Marcos vai me culpar para sempre.

— Que animação pra voltar para casa.

— Para de me encher o saco, Joaquim — dou um tapa em seu peito quando passo ao seu lado para caminhar até a área de lavanderia para guardar os produtos de limpeza, já que eu tinha usado a maioria para limpar todo o apartamento.

— Vou falar com a minha mãe e preciso ir, tenho jogo hoje à noite — ele fala e estende a mão para mim, como um cumprimento. — Se quiser ir, tenho ingresso.

— Não, obrigada, vou dormir — eu retruco ele de propósito. — Não faça tão feio.

Ele dá um sorriso irônico. Joaquim percebe que eu sei que o time do Santa Rosa é forte e as chances de perder são muito baixas, já que é o maior time do Brasil. Sei, através de Marcos, que muitos dos jogadores são talentosos, alguns vieram de fora e outros voltaram para o Brasil, como Joaquim.

— Eu nunca faço feio, Laura Maria.



Por algum milagre, a televisão na sala ainda funciona. Fiquei dois minutos criando coragem até colocar a tomada e ligar, com medo de

explodir ou levar um choque. Gritei por nada quando liguei, e suspirei relaxada ao perceber que ligou normalmente.

Aliás, tudo ainda funciona normal, mas estou ciente que preciso trocar todos os aparelhos se eu resolver alugar o apartamento, já que são eletrodomésticos antigos. Perto das oito da noite resolvi jantar, e acabei fazendo um macarrão simples com frango com o que eu tinha comprado no mercado. Fazia muito tempo desde que eu não cozinhava, já que desde que casei, Mirtes quem fazia a comida todos os dias.

Agora, perto das nove e meia da noite, ligo a televisão e me sento no sofá no canal que vai transmitir o jogo do Santa Rosa. Quando eu e Joaquim namorávamos, sempre acompanhava os jogos e sei quase tudo sobre futebol graças a ele, mas quando decidi ir embora, parei de acompanhar tudo o que ele fazia ou qualquer coisa que estava ligada a ele. Depois, com Marcos, eu ouvia tudo o que ele me falava sobre o Santa Rosa, time que ele torce desde criança. Imagine meu choque ao ouvir que Joaquim estava de volta ao Brasil e agora era ídolo do meu marido.

Como padrão, os dois times cantam o hino nacional com crianças ao lado, e eu consigo ver quando Joaquim se agacha para amarrar o cadarço da menina que o acompanha. Dou um sorriso sozinha, sabendo que ele sempre foi apaixonado por crianças e provavelmente entrar em campo com crianças que gostam dele é uma realização. O uniforme branco com detalhes em verde e preto do Santa Rosa é lindo e destaca todos os jogadores, já o outro time usa um uniforme preto e amarelo.

Os primeiros dez minutos de jogo são parados, Joaquim atua como zagueiro, então por ser alto é fácil de achar ele em campo mesmo pela televisão. A chuteira rosa fluorescente também não é difícil de se perder na imagem. O primeiro gol do Santa Rosa vem aos vinte minutos do primeiro

tempo, um tal de Luan, que pelo que o comentarista falou, tem apenas dezoito anos.

A maior porcentagem de bola fica com o time de Joaquim, o que é sempre um alívio para os torcedores. Fico alternando entre o jogo e o celular, onde estou lendo um livro não muito interessante. Quando olho novamente para a televisão, Joaquim está caído no campo. Eles dão replay na cena onde ele foi acertado com um chute no nariz, que agora sangra. Largo o celular preocupada e me sento no sofá, esperando notícias. A equipe médica entra em campo e limpa o machucado, colocando algodão no nariz dele para parar o sangue, e logo ele já está voltando para a posição inicial para seguir o jogo.

— Parece que não é nada grave com o Joaquim, ele já levantou e voltou para a posição… — o comentarista fala.

Largo o livro e começo a prestar atenção, percebo que logo o nariz não sangra mais e ele corre como se nada tivesse acontecido. Após um escanteio, o contra-ataque é formado e Joaquim já está na metade do campo com a bola, sem adversários o alcançando. Ele passa a bola para um jogador ao lado para conseguir correr mais a frente e logo o jogador devolve, conseguindo com que Joaquim faça a finalização e marque o gol. Levanto do sofá em um pulo, mas me sento cinco segundos depois ao notar que eu realmente estava comemorando um gol, depois de dez anos sem assistir uma partida completa.

Joaquim corre até o canto do campo e comemora com a torcida, sendo abraçado pelos colegas que correm até ele. O sorriso dele é enorme. A câmera começa a focar nele e, quando ele percebe, ele olha e faz um “L” com a mão.

Meu coração para e volta a bater rapidamente.

Era a forma como ele comemorava os gols e dedicava todos para mim, sempre fazendo o mesmo gesto com as mãos.

— *O camisa 15 do Santa Rosa nunca dedicou seus gols, o capitão está apaixonadoooooo* — o comentarista fala, brincando com os outros dois que concordam que ele nunca tinha dedicado um gol. Bem, nunca tinha dedicado um gol depois de ir pra Europa.

Minha cabeça se perde em meio milhão de pensamentos após isso, e passo a não conseguir prestar muita atenção no jogo, já que fico pensando se foi para outra pessoa ou ele fez para me provocar, sabendo que eu provavelmente assistiria o jogo.

O jogo termina em 4x0 e a torcida vibra quando toca o apito final. Me arrepio, lembrando da sensação de presenciar um jogo assim ao vivo. Os jogadores andam pelo campo aplaudindo e brincando um com o outro, mas só consigo focar em Joaquim. A câmera foca nele sorrindo e parece o mesmo menino de dez anos atrás, a diferença é que agora ele é um homem de vinte e oito anos.

A transmissão logo passa para os comentaristas do jogo, que começam a falar um pouco sobre as jogadas do Santa Rosa, mas logo passa para a entrevista com os jogadores. Fico ansiosa, na esperança de ver Joaquim falando. Dito e feito, é o primeiro a dar entrevista.

— *Você, como capitão, está orgulhoso do jogo de hoje?* — a jornalista pergunta depois de parabenizar Joaquim pela vitória.

— *Ah, claro, é sempre muito bom ganhar com sobra, os jogadores sempre acabam focando mais quando sentem que o jogo não é tão pressionante pra cima da gente, por isso a maior parte dos passes são feitos sempre com cautela e na maior parte das vezes funciona.*

Ela faz mais algumas perguntas sobre o time e sobre o campeonato e ele responde todas com calma e focado.

— Tem um pessoal enlouquecendo nas redes sociais, capitão — ela fala e eu fico sem entender, mas Joaquim dá um sorriso como se soubesse sobre o que era a pergunta. *— Na hora de comemorar o seu gol você fez um "L" com os dedos, quer dizer que finalmente o capitão do Santa Rosa está dedicando um gol para alguém?*

Ele fica sem graça e passa as mãos pelos cabelos, mas tenta não demonstrar e dá um sorriso como se estivesse guardando um segredo.

— Dediquei sim, e eu tenho certeza que ela viu o jogo e sabe que o gol foi pra ela — ele fala e se despede da jornalista, que logo chama um jogador do outro time para entrevistar.

— Joaquim, você é maluco — falo sozinha e levanto do sofá para desligar a televisão, pegando meu celular e desligando as luzes da sala para ir para o quarto. Sorrio sozinha ao lembrar que ele dedicou um gol para mim, tão boba quanto eu ficava quando ele fazia isso ainda nos jogos da base.

Lembro de todas as vezes que ele ia para um jogo ele dizia que só queria fazer mais e mais gols para dedicar para mim, para me ver feliz.

Arrumo o quarto e também pego o lençol fino para me cobrir, agora finalmente limpo, pois lavei durante o dia, assim como as demais roupas de cama. Deito na cama e abro a barra de pesquisa do celular, quebrando minha regra de anos e colocando o nome de Joaquim para ler as notícias. Todos os sites fizeram posts poucos minutos atrás, a maioria tentando especular quem era a mulher cujo nome iniciava com a letra L, todos sites de fofocas.

"Joaquim Calenari dedica gol pela primeira vez após dez anos, desde que disse em entrevista que não dedicaria gol a ninguém até estar completamente apaixonado."

“Quem será a sortuda que teve a dedicação de um gol do capitão do Santa Rosa?”

“Veja os possíveis nomes da mulher que pode ser a affair de Joaquim Calenari.”

E muitos outros, todos com o vídeo de uma entrevista antiga, cliquei para ver o vídeo de poucos segundos de entrevista. No vídeo, ele ainda parecia novo, provavelmente foi um ano após eu ir embora.

— Joaquim, você que está iniciando no profissional agora, quer dedicar seus próximos gols para alguém? — o entrevistador pergunta. Joaquim deu um sorriso fraco e negou com a cabeça.

— Não vou dedicar gol a ninguém, João — ele responde. — Quando eu dedicar um gol a alguém, então podem ter certeza que é a mulher da minha vida.

Dou um suspiro, deixando o celular de lado e encarando o teto. Joaquim estava focado em me incomodar ou tentar me desestabilizar, só pode ser isso. Ou o gol realmente foi dedicado para outra pessoa.

Meu coração murcha ao pensar que ele poderia ter dedicado um gol para outra pessoa da mesma maneira que fazia comigo, porém, ao pensar nisso, lembro de Marcos, então eu não deveria estar pensando em Joaquim. Decido ignorar tudo e dormir para evitar dores de cabeça.



“Quero você em casa até amanhã à noite.”

É a mensagem que Marcos me enviou hoje no meio da manhã. Agora, no meio da tarde, pego a mala e começo a organizar algumas coisas para evitar trabalho depois. Fico chateada ao constatar que não tive mais tempo aqui, nem passei tempo o suficiente com Madalena ou Paula. Largo a mala sem organizar mais nada e passo pelo corredor, batendo três vezes na porta em frente a minha.

Madalena abre a porta alguns segundos depois, logo deixando espaço para eu entrar no apartamento.

— Oi minha querida, o que aconteceu? — perguntou enquanto fechava a porta. Me virei para ela e fiquei a encarando. Vou até ela e a abraço, fazendo Madalena se assustar.

— Vou sentir sua falta, Mada — eu falo abraçando mais forte.

— Você já está indo embora? — ela pergunta e se afasta, me encarando. Dou de ombros.

— Vou embora amanhã de manhã, Marcos me mandou mensagem para voltar.

— Mas nem deu tempo de conversarmos, você nem foi à praia ainda — ela fala triste enquanto segura minhas mãos. — Fica mais uns dias aqui, podemos fazer algumas coisas juntas.

— Não vou poder, Madalena — digo e deixo uma lágrima cair. Puxo uma mão e limpo o rosto. — Acho que eu nem deveria ter vindo, agora vou sentir mais saudades do que eu senti da primeira vez.

Ela me chama para ir até a cozinha, onde ela estava terminando um bolo de chocolate.

— Senta aí, vamos tomar café da tarde juntas então — fala e coloca a chaleira para esquentar a água enquanto coloca a calda no bolo.

Desde que eu era pequena Madalena fazia o melhor café da tarde de todos. Lembro que eu sempre comia pouco no almoço para tomar café da

tarde com Joaquim na casa deles, e lembro que minha mãe sempre ficava brava por comer bolo muitas vezes por semana.

— Que cheiro gostoso — digo enquanto sinto minha boca salivar.

— O bolo de chocolate, aquele que sua mãe adorava — ela fala e sorri para mim. — Você é muito parecida com ela, sabia?

— Sinto falta dela todos os dias — respondo, e levanto para pegar os pratos para colocar na mesa. — Sempre me pergunto o que ela estaria fazendo agora, o que diria de mim, de tudo.

— O câncer é uma doença muito injusta querida, — ela fala e eu concordo. — Com certeza ela te amaria como sempre amou, mas aposto que te daria um beliscão por ter parado de costurar ou ido embora daqui.

Dou risada, mas no fundo concordo com Madalena. Minha mãe era a pessoa que mais me apoiava em continuar costurando, e sempre dizia que eu tinha talento para fazer a peça que quisesse.

— Desde que eu fui embora, sempre evitei ficar pensando sobre o Rio, sobre você ou Joaquim, meus amigos — começo a falar. — Eu sabia que quando começasse a pensar, me arrependeria de ter ido embora, mas também não acho que eu aguentaria ficar aqui sem a minha mãe. Tudo naquele apartamento lembra ela, cada vez que eu costurava eu lembrava dela me ensinando e costurando comigo, então quando Marcos apareceu e queria que eu parasse de costurar só para ser a esposa dele, eu parei, mas fui idiota.

— Minha Laurinha, sua mãe deve olhar por você todos os dias — ela fala e para, mas alguns segundos depois continua. — Você deixou o Joaquim perdido quando foi embora, ninguém entendeu nada aqui por você ter cortado o contato. Ele fingia que estava tudo bem para os outros mas o coração do meu menino estava partido, ele chorou tanto no meu colo.

Sinto as lágrimas que eu tentei segurar saírem dos meus olhos e comecei a chorar de verdade. Madalena caminha até mim e me abraça novamente.

— Eu não queria ter magoado ninguém quando eu fui embora — falo chorando. — Fiquei com vergonha de voltar depois, eu não falava com mais ninguém, vi que o Joaquim foi pra outro país jogar e decidi seguir a minha vida.

— Ele só foi embora por que desistiu de você voltar pra cá ou procurar ele de novo — ela me conta, limpando as minhas lágrimas. Madalena caminha até a bancada e pega um copo de água com açúcar para mim. — Você não é apaixonada no seu marido, né? Se fosse, não se sentiria tão culpada pelo passado.

Fico sem saber o que responder a ela. Nem eu sei a resposta dessa pergunta.

— Não, não sou apaixonada por ele, nunca fui — respondo, suspirando. — Por muitas vezes imaginei como seria minha vida se eu não tivesse ido embora, se tivesse levado para a frente tudo o que eu tinha aqui.

— E por qual motivo você casou? — ela pergunta, me julgando. Dou um sorriso sem graça e seco o rosto.

— Era melhor ter alguém do que não ter ninguém — ela me dá um sorriso triste e de pena e me sinto envergonhada e exposta.

Madalena termina de arrumar a mesa e tomamos café, e eu evito falar no assunto anterior. Ainda me sinto culpada por ter ido embora e não manter contato com ninguém, mas me sinto melhor ao perceber que ela não guarda mágoas, apenas não entendia. Comento com ela que encontrei Paula e conversei um pouco com Joaquim no dia anterior, quando ele estava aqui.

— O Hugo volta de viagem hoje, está casado também, tem três filhos — ela fala, sorrindo carinhosa. Hugo é o filho mais velho de

Madalena, sempre foi muito próximo de Joaquim, acredito que sejam próximos até hoje.

— Joaquim me disse — respondo. — Que surpresa, né? Ele era festeiro.

— Sim, tem a Lia e o Pedro que são gêmeos e tem cinco anos, e a Malu que tem dois aninhos — ela vai atrás do celular para me mostrar uma foto deles. Pego o celular com cuidado para analisar a foto, e a foto que ela me mostra é da família completa. Em um Jardim com várias árvores, Joaquim, em pé, segurava Malu, ainda pequena, provavelmente com um ano, atrás do pescoço e segurava as mãos dela para mantê-la firme. Hugo e a esposa seguravam as outras duas crianças no colo, enquanto Madalena estava sentada em uma cadeira na frente deles. Todos eles dão sorrisos largos para a foto. — Você teve o azar de vir quando eles estão viajando, mas se o Hugo trazer eles amanhã de manhã antes de você sair, vou te chamar para conhecer eles.

— Eu vou adorar conhecer eles e rever o Hugo — eu falo sincera. — Talvez eu volte de novo daqui uns meses, prometo não sumir dessa vez. Vou colocar o apartamento para alugar, é melhor do que ficar estragando sozinho e sujo ali.

Madalena concorda e pede meu número de telefone para me mandar mensagens e ter certeza que vou voltar.

— Vou te mandar mensagens todos os dias, igual faço com meus filhos.

Meu celular ao lado na mesa começa a vibrar e vejo o nome de Mirtes na tela. Acho estranho, pois ela raramente me liga e não me ligou nos últimos três dias.

— Madalena, preciso atender — falo enquanto me levanto da mesa.

— Tudo bem querida, depois conversamos de novo.

Saio em direção ao corredor e aceito a ligação enquanto já estou entrando no meu apartamento.

— Oi Mirtes, tudo bem? — pergunto e me sento no sofá.

— *Oi dona, Laura, tudo bem aqui sim* — ela responde, mas parece aflita. — *E com a senhora?*

— Estou bem também, aconteceu algo?

— *Dona Laura, a senhora volta quando?*

— Amanhã à noite, provavelmente, Marcos me mandou mensagem hoje quase me obrigando.

— *Entendi* — ela pausa. — *E a senhora vai vir pra casa?*

— Como assim, Mirtes? Claro que vou pra casa, moro aí — eu digo, confusa. — O que você quer me dizer?

— *Dona Laura, uma mulher dormiu aqui ontem* — meu coração para. Ela continua falando, mas não consigo ouvir tudo. — *Dona Laura? A senhora está ouvindo?*

— Uma mulher? Quem? — Sinto minha garganta embolada. Tento engolir seco.

— A Alice, sua amiga — ela responde de uma vez. — O seu Marcos acompanhou ela até a porta hoje cedo, mas eu já estava organizando as coisas na sala e vi.

Não consigo responder, começo a chorar em silêncio. Meu coração pesa mais por Alice do que por Marcos. Não acredito que ela fez isso comigo.

— *Eu sei que não é bom falar uma coisa dessas por ligação, mas não podia deixar a senhora sem saber* — ela fala, e sinto que ela também está triste. — *Você vai ficar bem?*

— Obrigada por me contar, Mirtes — respondo. — Não vou voltar por enquanto. Mas pode ficar tranquila, não vou contar para o Marcos que

você me disse, tudo bem?

Falo mais alguns minutos com ela, ainda chorando, e peço para ela tentar enviar algumas caixas com roupas para mim, sem que Marcos perceba. Me despeço, mas permaneço no sofá, agora deitada. Olho para o céu através da sacada e percebo que logo vai anoitecer, já que o sol está saindo e o apartamento começa a ficar mais escuro.

Fico deitada no sofá por mais um tempo, ainda chorando. Alice era minha melhor amiga desde que cheguei em Brasília, pois sempre foi conhecida da família de Marcos. Me sinto enganada, e com certeza a traição dela é pior do que a de Marcos.

Pego meu celular e envio uma resposta a mensagem que ele me enviou nesta manhã.

Laura Maria: *Não vou voltar, pode pedir o divórcio se quiser.*

CAPÍTULO 6

Acordo cedo no dia seguinte, sentindo uma enxaqueca forte por ter passado muito tempo chorando no dia anterior. O barulho na rua ainda é calmo, mas o sol já dá as caras no meu quarto. Passo a manhã inteira arrumando minhas roupas no guarda roupa, já que não pretendo voltar para Brasília tão cedo, se é que vou voltar. Passo tanto tempo organizando as coisas que esqueço de avisar Madalena que não fui embora.

Depois de guardar todas as minhas coisas, perto do meio dia abro a porta do apartamento para levar o lixo até a lixeira na frente do prédio, e Madalena abre a porta do apartamento dela ao mesmo tempo, com Hugo atrás.

— Você não ia embora? — pergunta e Hugo me encara com um sorriso de surpresa.

— Vou ficar! — falo sorrindo. — Quanto tempo — eu falo para Hugo.

Ele dá um sorriso e vem até mim para me abraçar.

— Tudo bem, Laura? — ele pergunta e eu concordo. Começo a descer as escadas com eles, que avisam que estão indo almoçar na casa de Joaquim. Hugo fala que os filhos e a esposa dele já estão a caminho, mas ele veio sozinho buscar a mãe.

— Você não quer ir junto? Vai ficar aí sozinha — Madalena fala. Rapidamente nego o convite.

— Imagina, não quero atrapalhar o almoço de vocês — respondo e paro em frente a porta do prédio. Madalena fica do meu lado.

— Claro que não vai atrapalhar, Joaquim disse pra te convidar se ainda estivesse aqui — ela fala. Fico receosa de aceitar. Mas pensando bem, não adianta eu ficar aqui sozinha e triste. Apesar de me sentir uma intrusa na família, Madalena não me chamaria se eu não tivesse sido realmente convidada.

— Tem certeza? — pergunto e ela concorda. — Espera eu me trocar?

Hugo concorda e Madalena anda até o carro, mas afirma que estão me esperando ali. Subo os cinco andares rápido, como nunca subi a vida inteira. Chego no apartamento ofegante e a minha visão chega a ficar turva. Paro por dez segundos e respiro, vou até a cozinha e tomo um copo de água, então vou até o quarto e começo a me trocar. Dez minutos depois, tranco a porta do apartamento, guardo a chave e o celular na bolsa pequena e desço as escadas rapidamente.

Madalena e Hugo estão dentro do carro conversando e logo entro, acompanhando os dois no assunto. O trajeto até o condomínio fechado onde Joaquim mora leva em torno de vinte minutos, já que aos finais de semana a cidade fica mais cheia. Hugo acha um estacionamento perto do prédio onde Madalena fala que é onde Joaquim mora. Até mesmo eu, que sou acostumada com um padrão alto por causa de Marcos e da família, fico chocada com o quão extravagante tudo é. Passamos direto pela portaria, já que possuem a senha, cumprimentam o porteiro e caminham em direção ao elevador.

— Sou a favor de colocar um elevador lá no prédio — falo me encostando na parede gelada do elevador, e Hugo concorda comigo.

— Vocês são todos preguiçosos — Madalena responde. O elevador marca o décimo andar, e quando abre, percebo que são apenas dois apartamentos por andar. Deve ser enorme e caro. Quanto mais se aproximam da porta, uma ansiedade me consome. Ouço gritos de crianças e deduzo que são os filhos de Hugo, que toca a campainha do apartamento logo que chega perto da porta. Joaquim abre a porta dez segundos depois, e seu olhar vai direto em minha direção.

Olho para o chão assim que ele me encara, aparentemente surpreso por eu estar ali. Ele cumprimenta Madalena com um beijo e um abraço e ela logo corre em direção ao apartamento, falando alto com as crianças que comemoram ao vê-la ali. Hugo também cumprimenta o irmão com um toque na mão e segue para dentro, restando apenas eu no corredor.

— Então você ainda não voltou para Brasília — é a primeira coisa que ele fala. Nego com a cabeça e dou dois passos em sua direção, sem saber como agir direito.

— Não, nem vou voltar por enquanto — respondo, e decido que dar um abraço nele é adequado. Joaquim dá um sorriso e me abraça forte, deixando um beijo em meus cabelos, e me sinto a mesma menina que era quando ele fazia isso.

— Fico feliz que você veio — ele fala e me puxa para dentro do apartamento. É mais lindo que em sonhos, a sala inteira possui vidros ao redor que dão uma claridade em todo o ambiente. Com certeza, se eu pudesse ter um apartamento, seria assim.

— Uau, que lindo — falo impressionada. Joaquim me direciona até a área integrada com a sala onde provavelmente estão fazendo um churrasco, já que o cheiro é inconfundível. A vista é para a praia do Leblon, e tenho vontade de chorar ao ver o mar do Rio de Janeiro de perto depois de tanto tempo. Caminhamos até a área gourmet e ele me apresenta à esposa de

Hugo, Sara, e também as crianças, que são as coisas mais lindas. Hugo e Joaquim começam a organizar as coisas para o almoço enquanto eu converso com Madalena e Sara enquanto também brincamos com as crianças. Já fazia muito tempo desde que eu não tinha esse contato com alguém, já que a família de Marcos nunca foi de se reunir sem ser almoço ou janta de negócios, tampouco se tratam com tanto amor e carinho.

— Tio, quando eu crescer vou ser jogador de futebol também — Pedro, o filho de Hugo, fala enquanto brinca com uma bola de futebol perto de Joaquim.

— Certeza que você vai ser melhor que eu — Joaquim responde, mostrando apoio.

— Tio, mas você é o melhor.

— É, tem razão, você vai ser o segundo melhor então — ele fala, se achando. Dou uma risada alta ao ouvir, percebendo que mesmo depois de tantos anos ele ainda continua sendo o próprio fã. Joaquim, ao ouvir minha risada, me encara, e sorri comigo.

— E vou dedicar gols pra minha namorada igual você fez no jogo dessa semana — eu paro de sorrir na hora que Pedro fala isso. Encaro Joaquim, que olha abismado para o sobrinho. Hugo começa a dar gargalhadas, deixando claro que quem disse isso ao filho foi ele. — Lembra tio? Você fez um “L” com os dedos — e demonstra como o tio fez.

— Pois é, Joaquim, pra quem era? — Hugo pergunta debochado e me encara, começo a ficar vermelha de vergonha, querendo sumir. Madalena dá risada também, deixando claro que também assistiu o jogo.

— Ah, pra uma mulher aí, não é muito importante — ele fala, entrando na brincadeira. Fico em silêncio e pego um copo com uma batida de abacaxi que Joaquim fez, dando dois goles longos. Percebo que todo mundo me encara, e encaro eles de volta, erguendo as sobrancelhas.

— Oi? — me faço de desentendida. — Joaquim dedicou um gol para alguém? Nem sabia.

Sara dá uma risada debochada, mastigando um pedaço de carne. Hugo decide trocar o assunto e começa a falar da empresa onde trabalha como advogado, ganhando a atenção de Joaquim e Madalena. Sara continua me encarando, dou de ombros e um sorriso culpado para ela.

— Já conhece o apartamento? — ela pergunta, se levantando e me chamando para acompanhá-la. Sigo ela em direção a um corredor, e ela começa a me mostrar cada cômodo. O apartamento é enorme, são três suítes, dois lavabos, a cozinha enorme integrada com a sala e com a área gourmet onde estávamos, uma sala de jogos e um pequeno escritório. Fico realmente impressionada com o tamanho do apartamento, mas ainda mais impressionada por tudo estar milimetricamente colocado em seu devido lugar. O quarto de Joaquim é grande, uma cama king size enorme, assim como uma televisão de um tamanho que eu nunca vi em frente a cama. O quarto é decorado com tons de cinza, e combinam exatamente com ele.

— Então — Sara começa e eu a encaro. — Vocês estão namorando?

— Na verdade nós já namoramos há dez anos atrás — eu começo a falar. — Eu morava em frente ao apartamento que Madalena mora hoje desde criança, mas quando minha mãe faleceu, me mudei para São Paulo com meu pai.

— Não sabia que você já conhecia eles — ela fala sincera. — É que Joaquim não costuma falar sobre ninguém, por isso nunca tinha ouvido falar de você.

— Voltei por apenas alguns dias, meu marido e eu brigamos, mas acho que vou passar mais um tempo aqui. Não pretendo voltar para Brasília tão cedo.

— O que aconteceu?

— Ele me traiu, minha funcionária ligou ontem e me contou que minha melhor amiga dormiu lá — respondo triste. Começo a lembrar das palavras de Mirtes e o aperto em meu peito volta. — Voltei para o Rio pois ele queria me obrigar a pedir desculpas para um cara que me assediou, e acabei descobrindo que sou traída e só Deus sabe há quanto tempo.

Ela me olha com um sorriso triste, mas me dá um abraço de lado enquanto caminhamos em direção a saída do quarto de Joaquim.

— Não precisa ficar triste, você tem a gente aqui — Sara fala e eu a abraço de volta. — Vou adorar ser sua amiga, Laura.



Quando eu peguei meu celular após ir ao banheiro, percebi que já eram quase cinco horas da tarde. Passamos tanto tempo rindo e conversando que sequer vi o tempo passar. Sara é muito divertida e minha vida inteira adorei estar na presença de Madalena e da família dela.

Hugo começa a organizar as coisas das crianças para ir para casa, enquanto eu e Joaquim começamos a organizar as louças que ficaram sujas do almoço.

— Mãe, quer ir jantar com os pais da Sara hoje? — Hugo pergunta para Madalena, que logo concorda, ainda brincando com os netos. Paro de lavar a louça e me viro, e Joaquim me encara.

— Eu te levo pra casa — ele fala, já sabendo o que eu perguntaria.

— Não, eu pego um Uber, sem problemas.

— Deixa de ser teimosa, eu te levo — ele fala mais uma vez e eu concordo, ainda relutante. — Fica aí mais um pouco.

Poucos minutos depois eles se despedem, e Madalena me dá um abraço falando que amanhã podemos almoçar juntas, já que é domingo. Joaquim e eu permanecemos organizando as coisas em silêncio, apenas ouvindo a playlist que estava tocando desde que cheguei.

— *Imagina só você na minha cama pelada* — Joaquim canta no ritmo da música e eu olho para ele com o canto dos olhos, que nem percebe que estou encarando. — *Se esse beijo já ferrou com tudo, imagina a sentada.*

— Uma música muito educativa para os teus sobrinhos, hein? — eu cutuco ele.

— O que? — ele pergunta enquanto seca um copo.

— Falei que é uma letra muito boa para ouvir com os sobrinhos perto — eu falo e ele me direciona um sorriso.

— Eles não estão mais aqui — ele fala. — E você continua uma chata.

— Não sou chata, só acho que ouvir músicas que falam de alguém na cama pelada e de sentada não é algo para ouvir com crianças perto.

— Eles não estão mais aqui — ele fala e dá um sorriso de lado. — A música te incomoda tanto assim? Prefere a prática?

Ignoro o comentário e continuo a lavar as louças, que estão quase no fim. Joaquim aumenta o volume e continua cantando, agora de propósito. Conheço a maioria das músicas por causa da única rede social que eu tenho, e os sertanejos que tocam eu também conheço, já que é o único tipo de música que Marcos ouve.

Quando eu termino de organizar tudo, Joaquim finaliza de secar e guardar as louças que eu lavei.

— Você limpa tudo sozinho aqui?

— Não, Cláudia vem limpar três vezes por semana — ele fala. — Aos finais de semana sempre organizo sozinho quando tem algo aqui.

— Muitas festinhas? — eu provoco.

— Não, não gosto de trazer pessoas desconhecidas pra cá.

— Ah, entendi.

Joaquim aponta para a bancada pra mim e eu caminho até lá e me sento. Ele anda até a pequena adega feita sob medida e pega um vinho. Ele traz o vinho até a bancada e busca duas taças.

— Vinho? — dou uma risada baixa assim que vejo ele trazendo um. — Isso me lembrou de quando a gente roubava os vinhos da minha mãe e tomava escondidos na escada do prédio.

Joaquim concorda com a cabeça e também dá risada, provavelmente lembrando do mesmo.

— Passei mal algumas vezes por causa da quantidade de vinho — ele diz enquanto abre a garrafa que escolheu. — Mas agora sou um especialista em vinhos, você vai gostar desse.

Ele serve um pouco de vinho nas taças e me entrega uma, e fica me encarando enquanto dou o primeiro gole para experimentar.

— Bom? — ele pergunta. Concordo com a cabeça e dou mais um gole. Passamos alguns minutos conversando sobre os vinhos que ele tem, mas acredito que é apenas uma forma de disfarçar o nervosismo pelo fato de nós dois estarmos sozinhos novamente, após tanto tempo. Joaquim agora está apenas de chinelo e bermuda de tactel preta, que continua sendo a roupa preferida dele e sem camisa devido o calor. Eu amarrei o cabelo em um coque leve também pelo calor, e mesmo com dois ares condicionado por aí, Joaquim disse que prefere o vento que entra. O fato de eu já ter bebido um pouco me faz encarar o abdômen sarado dele algumas vezes, sem conseguir disfarçar, mas me sinto culpada cada vez que olho. Provavelmente ele ainda não percebeu, ou já estaria fazendo brincadeiras e me provocando se tivesse percebido.

O sol já desceu e agora começa a escurecer, saio da bancada e caminho até a sacada da sala, onde todos os reikis estão abertos, mas sem deixar de conversar com Joaquim. Fecho os olhos e sinto o vento bater no meu rosto, sentindo uma sensação gostosa. Quando abro os olhos, vejo que ele caminha até mim devagar, sorrindo. Devolvo o sorriso para ele e olho para a frente novamente, onde continuo a encarar a praia que ainda está cheia, apesar de ser quase noite. O barulho das ondas sempre foi meu preferido.

— Você foi para a praia desde que voltou? — ele pergunta, olhando para o mar da mesma forma que eu.

— Não — eu respondo. — Não trouxe nada de roupa de praia, achei que ficaria poucos dias.

— Mas você não vai embora já, né? — ele pergunta. — Precisa comprar algum biquíni então, vamos fazer um tour pelo Rio de Janeiro.

— Não sei se já te avisaram, mas eu já morei aqui e eu *conheço* o Rio de Janeiro — respondo, provocando ele. — E não posso, sou casada.

— Não pode ir à praia ou não pode ir à praia comigo? — ele pergunta. — E você *era* casada, Sara me contou.

— Que fofoqueira! — falo indignada, porém não brava. — Mas tem razão, quem sabe eu compro um biquíni e vou à praia *sozinha*.

— Muito perigoso, eu te acompanho — ele retruca e dá um gole no vinho. — Mas então, você está triste pelo o que o babacão fez?

Levo alguns segundos para entender sobre quem ele está falando. Primeiro, penso em não responder, mas decido ser sincera.

— Estou mais triste por minha melhor amiga, ou quem eu achava que era minha melhor amiga ter feito isso comigo, do que com meu marido.

— Calma, ele te traiu com a tua melhor amiga? — ele pergunta indignado. — Caralho, Laura!

— Pois é — eu respondo, mas continuo a falar. — Eu chorei muito essa noite, mas me sinto aliviada agora, sabe? Não preciso mais ficar na sombra dele, posso fazer minhas coisas de novo sem ninguém opinar sobre o certo e errado.

Joaquim pega a minha taça vazia enquanto eu permaneço no mesmo lugar, vai até a bancada onde estávamos sentados e enche as duas taças novamente, voltando logo em seguida.

— Como você vai me levar pra casa se continuar bebendo? — pergunto e me dou conta de que ele bebeu o dia inteiro, então não pode dirigir nessas condições. — Vou pedir um Uber.

— Ainda é cedo — ele fala e me entrega a taça novamente. Ainda estou olhando a praia quando aceito a segunda taça. — Quer ir à praia?

— Agora? — pergunto. A ideia me anima. Costumávamos ir à praia a noite o tempo inteiro, às vezes nós dois, às vezes com mais pessoas, mas era nosso programa preferido.

— É, vamos! — Joaquim deixa o celular na bancada e faço o mesmo quando ele avisa ser mais seguro, e anda em direção a porta ainda com a taça de vinho cheia. Ele coloca um boné e uma camiseta branca, alegando que é útil para disfarçar os torcedores. Paro por um segundo e penso em deixar a minha taça, mas decido levar, assim como ele.

O caminho até o térreo foi rápido, e nós dois andamos um do lado do outro rindo como duas crianças. Ao chegar na calçada, Joaquim pega minha mão e não solta até termos atravessado a rua até a orla da praia. Sempre foi assim, pegar minha mão para atravessar como se eu fosse uma criança, ou sempre me deixando caminhar do lado de dentro da calçada, entre outros hábitos que tornavam ele um homem extremamente gentil.

Tiro minha sandália ao chegar na areia e Joaquim pega para carregar junto com os chinelos que ele usava. Vou tomando o vinho aos poucos,

assim como ele, e vamos caminhando lentamente e sentindo o vento fresco no rosto.

— Definitivamente, não sei como fiquei dez anos longe daqui — falo para ele.

— Não tem como você passar a vida no Rio e ir pra Brasília achando que lá é melhor — ele responde brincando e para ao meu lado, quando eu paro também, ele fica me encarando. — O mundo inteiro sabe que o Rio de Janeiro é melhor.

Dou risada mas concordo, e falo um pouco sobre o clima seco de Brasília e o fato de lá não ter praia, apenas piscina. Joaquim me encara por um tempo enquanto ainda falo, e fico envergonhada quando percebo. Ele dá uma risada ao perceber que devo ter corado.

— Eu senti sua falta todo dia, sabia?

— Eu também senti sua falta — respondo. — Principalmente para arrumar minhas bagunças.

Dou uma risada ao perceber a cara de bravo dele, que me dá um chute leve com as pernas. Continuamos andando, e começo a me sentir tonta e feliz mesmo com a pequena quantidade de vinho que ingeri, mas lembrei que tinha bebido outras coisas durante a tarde e agora está tudo misturado. Quando o céu escurece por completo e todas as luzes se acendem, decidimos voltar para o apartamento.

Ficamos em silêncio novamente durante o trajeto do elevador, porém sempre mantendo contato visual. Fico nervosa cada vez que Joaquim me encara dessa maneira, pois parece que consegue saber tudo o que estou pensando. O elevador para e assim que abre a porta eu ando pelo corredor na frente dele. Chego até a porta do apartamento e fico parada esperando Joaquim colocar a senha na fechadura eletrônica. Sinto ele chegar pelas minhas costas, encostando o corpo em mim de propósito. Não me mexo por

puro choque, e ele aproveita para passar o nariz pelos meus cabelos até o pescoço, dou um pulo, e entro em direção ao apartamento quando percebo a porta aberta.

Joaquim entra atrás de mim e tira o boné e o chinelo, e também leva as taças até a mesa.

— Vem lavar seus pés aqui — ele fala e me chama para acompanhá-lo. Joaquim vai até o banheiro do próprio quarto e penso em avisar que vou lavar meus pés em outro chuveiro, mas decido acompanhá-lo. Vou com cuidado para não soltar areia no chão, e ele já está lavando os próprios pés em um chuveirinho pequeno dentro do grande box. Entro também, pois facilmente cabe nós dois ali e ainda sobra muito espaço, ele lava meus pés por vontade própria, e solto um riso sem som ao perceber isso. Assim que ele desliga o chuveiro e me olha, percebe que já estou encarando ele. Joaquim não quebra o olhar e balança a cabeça de forma negativa.

— O que foi? — eu pergunto, com medo de ter feito algo errado.

Joaquim não responde, apenas levanta os dois braços e segura meu rosto, me empurrando contra a parede gelada do banheiro e colando o próprio corpo em mim.

Então ele me beija.

Me beija de uma maneira tão desesperada que solto um gemido baixo ao pensar em todos os beijos que demos enquanto estávamos juntos. Não empurro ele, tampouco demonstro que não quero.

Eu quero.

Deixo ele me beijar como quiser, também desesperada para sentir o toque que sempre fez eu me sentir desejada. Ele ainda beija tão bem como eu me lembro, mas agora tudo o que ele faz parece que tem experiência de anos em cada toque. Passo meus braços ao redor do pescoço dele, retribuindo o beijo com fome e desejo. Joaquim segura com uma das mãos

minha cintura e a outra puxa meu cabelo na parte de trás da nuca, querendo ter total controle sobre a situação.

Tiro minhas mãos de seu pescoço e levo as duas até a barra da camiseta branca que ele usa, passando minhas mãos por baixo dela e sentindo o abdômen malhado. Eu levanto a camiseta dele para tirar quando ele pressiona o próprio quadril em mim, me deixando totalmente prensada entre ele e a parede, me fazendo sentir o volume duro entre minhas pernas. Solto um gemido entre o beijo. Joaquim aproveita que estou usando um shorts jeans mais largo e leva a mão que estava em minha cintura até o meio das minhas pernas, passando os dedos pela minha virilha por cima do shorts, mas logo colocando a mão dentro do shorts e me acariciando por cima da calcinha.

Paro de beijar ele e encosto minha cabeça na parede, fechando os olhos e mordendo os lábios. Joaquim começa a beijar meu pescoço e esfrega sua ereção na minha coxa, ainda estimulando meu clitóris por cima da calcinha. Há muito tempo eu não sentia essas sensações tão prazerosas, já que Marcos nunca foi esforçado o suficiente para me agradar, apenas pensava em si mesmo.

Empurro Joaquim pelo peito, que me olha assustado e tira a mão do meu shorts.

— O que foi? Você não está gostando? — ele pergunta e tenta beijar meu pescoço novamente, mas eu impeço que ele chegue perto de novo.

— Não Joaquim, não posso — falo e saio de dentro do box, mas me viro e encaro ele, que permanece lá dentro. — Acabei de sair de um casamento, é muito cedo.

— Ele te traiu Laura — ele fala e não parece bravo, apenas tentando entender. — Você não está fazendo nada errado.

— Eu sei, mas pra mim é cedo ainda — respondo. — Me desculpa.

Ele concorda com a cabeça e sai do box também, indo até um pequeno armário no banheiro e pegando duas toalhas. Ele me joga uma para secar os pés e faz o mesmo com a outra que pegou. Percebo que ele passa as mãos pelo próprio pau rapidamente, e tira a camiseta que usava. Desvio a cabeça ao observar o belo abdômen que ele tem, e sinto meu corpo me trair ao gostar da cena que estou presenciando. Joaquim usa um shorts de praia então a ereção que já era visível com a camiseta, parece maior ainda com ele usando apenas o shorts. Minha boca saliva ao notar.

Joaquim me encara.

— Para de me encarar — ele fala e eu ergo as mãos como se me rendesse. Ele pega a toalha que eu usei para secar meus pés e joga no cesto no canto do banheiro, então estende a mão e aponta para a sala. Começo a andar em direção a saída do banheiro, mas Joaquim é rápido e me encosta de frente para a parede do banheiro ao lado da porta, me deixando de costas para ele. Ele cola o próprio corpo em mim, me fazendo suspirar e fechar os olhos quando ele esfrega com força o pau duro na minha bunda e me abraçar, colocando a mão em meus peitos.

— Não vejo a hora de te chupar inteira de novo — ele sussurra no meu ouvido, me arrepiando por completo, então me solta e anda em direção a sala, me deixando plantada no banheiro e explodindo de tesão.

CAPÍTULO 7

Sinto algo molhado no meu rosto me acordar, mas ignoro e me viro novamente na cama macia. Passo a mão pelo rosto mas não me dou conta do que é.

— Afonso, vem pra cá — ouço a voz de Joaquim no fundo, sussurrando, e acordo assustada. Sento na cama mas algo grande e pesado está em cima das minhas pernas me encarando. Olho para frente e um golden enorme está em cima da cama com a língua para fora, como se estivesse sorrindo. Meu coração amolece ao perceber que é apenas um bebezão querendo carinho. Estico minhas mãos e passo pelo corpo dele, fazendo carinho.

— Ei, amigão — falo enquanto brinco com ele. — De onde você veio, hein?

Joaquim entra no quarto quando percebe que estou acordada. Ele está sem camisa, usando um shorts diferente do dia anterior.

— Laura, desculpa, ele veio correndo pra cá — ele fala e chama o cachorro, Afonso, que nem se mexe e deita ao meu lado na cama. — Afonso!

— Onde ele estava ontem? Não vi ele — pergunto e me deito na cama novamente, e o cachorro se aninha ao meu lado.

— Ele estava muito estressado durante a semana, levei ele para a creche um pouco e trouxeram ele agora — ele fala e eu fico encarando ele. — É sério, ele vai para a creche pra não passar muito tempo sozinho.

Dou risada quando percebo que ele está falando sério. Jogo as cobertas para o lado e me levanto da cama, sem perceber que estou usando apenas a regata branca do dia anterior e calcinha, já que o shorts jeans era ruim para dormir. Joaquim começa a me encarar, então corro até a pequena poltrona no canto do quarto de hóspedes e coloco o shorts rapidamente.

— Pronto, já estou vestida — respondo envergonhada. Joaquim coça a cabeça, também sem graça. Ele ainda me encara e eu levanto as sobrancelhas, então ele aponta para mim e depois pro próprio peitoral, me lembrando que estou sem sutiã e a regata branca provavelmente está marcando tudo. — Sai daqui.

— Estou indo — ele sai do quarto rindo. Assim que ele sai, me arrumo adequadamente e me olho no espelho, com o rosto inchado de sono, e percebo que Afonso ainda está na cama, porém me acompanhando com os olhos a cada passo.

Ontem a noite, depois da cena do banheiro, ficamos na sala conversando e bebendo o resto do vinho que Joaquim tinha aberto e quando percebemos já passava das dez horas da noite, então ele me convenceu de dormir no quarto de hóspedes já que tinha bebido muito para dirigir e pegar Uber sozinha seria um pouco perigoso.

Pego meu celular e vejo que ainda é cedo, sete e meia da manhã, então caminho em direção a porta e o cachorro dele me acompanha quando eu chamo, andando ao meu lado até a cozinha. Joaquim está fazendo o café da manhã concentrado, mas percebe quando eu chego.

— Afonso, seu sacana, fica deitando com desconhecidas na cama — ele fala e se agacha para fazer carinho no cachorro, que balança o rabo animado e pula nas pernas do dono. — Você é um sortudo, sabia?

— Tudo bem, não me importo de o Afonso dormir comigo — comento. — O dono é que não pode.

— Como assim? Ele é um cachorro.

— E você também!

— Tá vendo, Afonso? Elas ficam mandonas por sua causa, seu malandro — ele deixa um beijo no pelo do cachorro e vai até a pia lavar as mãos para continuar a preparar o café da manhã.

Ofereço ajuda e Joaquim diz que posso passar o café enquanto ele termina os dois queijos quente que ele está preparando. Minha barriga ronca ao observar o pão com queijo derretido.

— Não sabia que você tinha um cachorro — eu digo, puxando assunto.

— Não tinha, mas fiz um comercial ano passado com alguns filhotes e ganhei ele.

— Acho que ele ainda pensa que é um bebezão pelo jeito que estava em cima de mim — respondo, comentando sobre a hora que ele sentou em minhas pernas na cama.

— Ele não tem noção nenhuma do próprio tamanho, às vezes vem no meu colo igual meus sobrinhos.

— Sempre quis ter um cachorro em casa, mas Marcos nunca quis — falo e me sinto mal por estar colocando ele no assunto, mas não consegui evitar. Joaquim não dá bola e fala que Afonso é apenas bagunceiro.

— Tenho jogo hoje a tarde, vou te levar para casa daqui a pouco, preciso ir até o centro de treinamento.

— Tudo bem, mas posso pegar um Uber se quiser.

Joaquim nega com a cabeça e logo coloca a comida na mesa enquanto eu finalizo o café. Ele pega algumas frutas que estão cortadas na geladeira e assim que ele senta na mesa, Afonso deita aos pés dele, como se fosse um costume entre os dois. Ele avisa que hoje o jogo é mais difícil do que o jogo de quarta-feira por ser um time mais forte, mas ainda assim está confiante,

já que nas últimas partidas entre os dois, o Santa Rosa venceu quase todas e as outras foram empate.

— Você não quer ir? Tenho ingressos de cortesia — ele pergunta dando um gole no café. — Todo jogo dou ingresso para minha mãe, mas ela não gosta do barulho, então sempre assiste pela televisão. Hugo quase sempre vai quando o jogo é aqui no Rio.

— Acho melhor não, talvez eu assista com ela hoje, se ela não se importar.

— Vou marcar mais um gol para você então.

Encaro ele e termino de mastigar o que estava na minha boca, em seguida dou um gole no café.

— Então aquele “L” era para mim?

— Você disse que ia dormir ao invés de ver o jogo.

— Perdi o sono.

— Sim, era para você — ele responde. — Eu sabia que ia assistir.

— Fico feliz e agradeço, mas a internet não está feliz e está louca atrás de saber para quem era.

— E acha que eu não sei? — ele responde, enquanto pega o celular que estava ao seu lado. — Eu recebi mais de quarenta ligações de jornalistas para uma entrevista, eles apenas querem saber quem era.

Ele mostra o histórico de chamadas do celular e todas entre quarta a noite e quinta de madrugada, todas recusadas.

— Eu te procurei no Instagram mas não encontrei nada, você usa o sobrenome de casada? — ele pergunta quando devolvo o celular.

— Não tenho Instagram, mas não uso o sobrenome do Marcos — respondo. Não quis trocar meu sobrenome quando casei, o que foi motivo de brigas entre nós dois e minha sogra ficou me importunando por alguns meses após o casamento, mas no fim, decidiu ignorar.

— E por que não tem?

— Marcos e a família são envolvidos com política e a regra é a gente não ter redes sociais, só uso TikTok às vezes.

— Bom, então recomendo fazer um, tenho várias fotos sem camisa postadas pra você olhar quando não poder olhar pessoalmente.

— Você não cansa, né?

— E se pesquisar meu nome no TikTok vai ver como sou gato pra caramba, as mulheres me amam.

— Não vou perder meu tempo procurando vídeos seus, Joaquim.

— Tenho até alguns fazendo dancinha no vestiário depois dos jogos. Sem camisa.

— Joaquim, eu não vou ficar procurando fotos suas sem camisa.

— Quem vê pessoalmente não precisa mesmo.

— Para de me incomodar.

Ele apenas dá uma risada e continuamos tomando café da manhã, provocando um ao outro.



Fico encarando o aplicativo do Instagram recém instalado no meu celular, e decido criar uma conta, mesmo tendo dito que não faria. Depois que Joaquim me deixou em frente ao prédio esta manhã, comecei a listar a quantidade de coisas que eu passei anos da minha vida sem fazer por causa de Marcos, sempre querendo evitar brigas com ele ou com a mãe dele, que nunca cansava de me criticar.

No meio da tarde me juntei com Madalena para assistirmos o jogo do Santa Rosa, e Madalena conhecia todos os jogadores e me falava um pouco sobre cada um, o preferido dela, o que menos gosta, quem é casado, etc, todos que ela conhece devido aos eventos que Joaquim a leva. Ela passa a tarde me perguntando coisas sobre ter dormido na casa do filho, conto tudo mas decido deixar de lado a parte do banheiro e que rolou algo entre nós, pois sabia que ela me perguntaria sobre isso o resto do dia.

Eles ganharam o jogo de 3x1, porém dessa vez Joaquim não fez nenhum gol, apesar de ter dado duas assistências. Quando voltei para casa já era noite, tomei mais um banho devido o calor que fez durante o dia e coloquei o pijama, ligando a televisão em um canal aleatório e comecei a mexer no celular na sala.

Faço a minha nova conta no instagram e coloco uma foto de perfil onde estou no Caribe, na última viagem feita com Marcos. Na foto, estou de costas com os cabelos bagunçados pelo vento, mas meu rosto está de lado e sorrio para a câmera.

O aplicativo pede recomendações sobre quem seguir, e ao clicar no tópico futebol, a conta de Joaquim é a primeira que aparece como recomendação. Clico no perfil dele para ver e me assusto ao ver que ele tem sete milhões de seguidores, o símbolo azul ao lado do nome dele prova que é a conta oficial, e logo começo a analisar a quantidade de publicações que ele tem, porém, a maioria são fotos onde ele fala um pouco sobre cada jogo ao fim da partida, então a maior parte do instagram é ele com o uniforme do time. Existem fotos aleatórias dele sem camisa, como ele tinha me dito de manhã, clico na última foto postada dele sem camisa e vejo que a foto é de dois meses atrás, onde ele está na Bahia em uma lancha, e as fotos seguintes são com outros jogadores, pelo que vejo.

Meu celular apita com uma notificação e quando deslizo a tela para ver, fico nervosa.

"Joaquim Calenari seguiu você de volta"

Volto para a tela do Instagram onde a foto dele está aberta, mas ao deslizar o dedo para voltar ao início, acabo clicando duas vezes e deixo um coraçãozinho na foto.

— Ah não, não, não — falo sozinha, sabendo que se ele estiver acompanhando, não vai deixar de falar disso. Tiro rapidamente o like e volto a página inicial como se nada tivesse acontecido. O celular apita outra vez.

Joaquim Calenari: Eu já vi, não adianta excluir kkk.

Abro a notificação e a conversa é aberta.

Laura Maria Vieira: O que? Eu não sei mexer muito bem nesse aplicativo ainda.

Joaquim Calenari: Ah entendi, então você só estava olhando a minha foto sem camisa mesmo.

Não respondo de imediato, e logo em seguida a mensagem ele envia um vídeo, e abro logo em seguida. No vídeo, ele se grava sentado sem camisa no sofá da própria casa, usando um shorts de praia igual todas as vezes que vi ele até agora, mas o vídeo que ele manda é o reflexo dele no espelho. Consigo ver Afonso deitado ao lado dormindo e Joaquim aproxima a câmera, gravando o próprio abdômen mostrando o tanquinho malhado e em seguida ele vira a câmera para baixo, gravando a virilha onde consigo

ver o volume marcando na bermuda. Ele vira para a câmera frontal e dá um sorriso malicioso logo quando o vídeo acaba.

O vídeo fecha sozinho e volta para a conversa, porém clico no vídeo novamente e vejo mais uma vez.

Joaquim Calenari: Posso mandar outro pra você, não precisa ver esse aí de novo.

Laura Maria Vieira: Como você sabe que eu vi de novo?

Joaquim Calenari: O instagram avisa, ué.

Laura Maria Vieira: Que péssimo!!!

Joaquim Calenari: Kkkkkk

Joaquim Calenari: Se me passar o seu número posso te mandar vários e não vou saber que você ficou vendo eles a noite inteira.

Joaquim Calenari: E é mais seguro falar por outro aplicativo.

Essa mensagem vem acompanhada de um emoji com os olhos virados para o lado, que parece um emoji malicioso, e imagino que deve ser a mesma cara que ele deve estar agora. Fico receosa de passar meu número, mas decido compartilhar com ele do mesmo jeito, já que sempre sei de contas e mais contas hackeadas no instagram.

Ele visualiza a mensagem logo na sequência que envio o meu número e alguns segundos depois já recebo uma mensagem no aplicativo de conversa, mas decido seguir mais algumas contas no Instagram antes de abrir a mensagem. Sigo algumas contas que encontrei de moda, costura e algumas marcas famosas, mas Joaquim segue sendo meu único seguidor. Decido que vou pedir para ele o Instagram de alguns amigos antigos para seguir.

Abro a mensagem e vejo que ele mandou outra foto, porém, desta vez a foto era de Afonso que já havia mudado de posição no sofá e estava deitado completamente em Joaquim, que também estava deitado no sofá.

Laura: Dois cachorros.
Joaquim: Afonso já está com saudades de você.
Joaquim: E eu também.

Continuamos a conversar sobre coisas aleatórias até que ele se despede e avisa que está indo dormir pois tem treino cedo na manhã seguinte, mas a última mensagem que ele me envia é me pedindo para comprar um biquíni pois no próximo dia de folga dele, ele me levaria à praia.

Vou dormir com um sorriso no rosto pois depois de muito tempo não me sinto sozinha.

CAPÍTULO 8

— Por que isso não está costurando? — falo sozinha enquanto mexo nas máquinas de costura guardadas no apartamento. Comecei a organizar algumas coisas nos armários do apartamento durante a manhã e encontrei diversos tecidos guardados no guarda roupa da minha mãe, todos bem conservados mesmo após tanto tempo. Carreguei todos eles até o chão da sala, buscando o cesto com linhas guardadas no armário da sala e separando as cores parecidas.

Depois de organizar, comecei a mexer nas máquinas de costura para ver se ainda estão funcionando, e continuei por alguns minutos colocando fios e testando os pedais para tentar costurar o tecido para teste. Quando a máquina funciona, comemoro sozinha, e volto para o chão da sala para cortar o tecido para fazer um vestido básico de verão.

Ouço batidas na porta e grito para entrar, já sabendo que é Madalena. Ela me cumprimenta e senta no sofá, me observando cortar o tecido no chão.

— Vai fazer o que? — ela pergunta e pega outro tecido no chão, dessa vez um lilás, e também pega o manequim de costura guardado atrás da cortina para montar algo com os alfinetes que estavam no chão.

— Acho que um vestido, não trouxe muitas roupas pra cá — respondo e continuo fazendo as marcações no tecido verde no chão. Ergo a cabeça e vejo Madalena montando uma blusa no manequim, da mesma maneira que ela fazia quando costurava comigo e com minha mãe. Sou um

sorriso e continuo fazendo os recortes de cada peça, enquanto conversamos um pouco sobre costura.

— Não tenho nenhuma máquina em Brasília, o que eu tinha quando me formei ficou na casa do meu pai — falo para ela quando ela pergunta se eu costurava em Brasília. — Não costuro mais desde que saí de São Paulo.

— Laura, Laura, você ficou toda errada desde que casou com esse homem.

— Não vou discordar — dou uma risada fraca. — E agora não tenho nem emprego nem como conseguir dinheiro.

— E como você vai viver aqui? — ela pergunta preocupada.

— Marcos me dava uma quantia grande todo mês e eu guardava uma parte em outra conta — respondo. — Tenho bastante para viver um tempo, mas não posso contar com a sorte, vou começar a procurar algo.

— E por que você não costura as próprias roupas e vende na internet? Isso está na moda.

— Acho difícil começar alguma coisa do zero, mas posso pensar se não achar nada aqui.

— Difícil nada, pede pro Joaquim divulgar no instagram dele que logo, logo você tem vários pedidos — ela fala e eu digo que não quero atrapalhar ele, mas ela briga comigo. — Deixa de ser besta, Laura Maria.

— Tudo bem, não precisa brigar, vou falar com ele quando ver ele de novo.

— Eu te ajudo com o que precisar, faz tempo que eu não costuro mesmo.

— Você parou de costurar há muito tempo? — pergunto interessada e me sento no chão, encostada no sofá.

— Faz quase dois anos, a marca fechou — ela responde. — Joaquim me dá dinheiro todo mês, então não preciso trabalhar, as vezes costuro para

algumas amigas, mas só.

— Eu vou adorar se você me ajudar, então.



Pego o celular quando escuto ele vibrar com uma notificação, já imaginando que seria Joaquim mandando algo. Passamos os últimos dias trocando mensagens, já que ele tem jogo do campeonato da América do Sul e precisou viajar na quinta feira para o Chile. Não vejo ele desde domingo quando me deixou em casa, mas Madalena disse que ele passou a semana toda treinando e não conseguiu visitar ela também.

Por tudo o que ela me fala, descobri que ela e Joaquim passam o dia mandando mensagem um para o outro, ou então a noite quando ele está em casa, fazem chamada de vídeo para conversar.

Joaquim: Confesso que estou nervoso.

Laura: Vocês vão ganhar. Boa sorte!!!

Joaquim: Obrigado, gatinha! Espero ganhar um presente quando voltar.

Laura: Hahaha, quem sabe se você fizer dois gols eu posso pensar em algo.

Joaquim: Jura? Vou dar a vida aqui.

Laura: Estou brincando, mas vai ser bom ver você se esforçar para nada.

Joaquim: Um gol e você me dá um beijo igual àquele no banheiro.

Laura: Vou pensar.

Joaquim: E dois gols ou mais você me dá outra coisa.

Laura: Não!!!

Ele apenas manda duas carinhas tristes e eu não mando mais nada, mas continuo sorrindo sozinha enquanto organizo a cozinha depois do almoço.

No dia anterior fui tomar café da tarde com Paula, após termos nos seguido no Instagram e ela ter me mandado mensagem. Claro que a amizade é completamente diferente e não somos mais melhores amigas como éramos, mas fiquei feliz por ver que ela estar disposta a me aceitar em seu círculo novamente e não me julga ou culpa por ter cortado o contato.

Também aprendi a usar o Instagram corretamente e não corro mais o perigo de sair curtindo fotos sem querer. Ontem, tomando café com a Paula, postei um stories dos pedaços de bolo de chocolate que pedimos, pois passei a semana vendo postagens parecidas em outras contas de famosos e outras pessoas que conheço, e Joaquim curtiu e respondeu o stories.

Joaquim Calenari: Que orgulho, toda blogueirinha!

Paula ficou extremamente animada quando eu contei que estava me aproximando de Joaquim novamente, e ela passou minutos e minutos falando de como não gostava de nenhuma namorada antiga dele, já que eles não perderam o contato mesmo quando ele foi para a Europa.

Também passei alguns dias com Madalena aqui em casa costurando algumas peças, principalmente para mim, já que Mirtes me ligou e avisou que estava enviando caixas com roupas minhas mas que demorariam a chegar, assim como os produtos e outros pertences meus que ela avisou ter enviado junto.

Durante a ligação, falei com ela sobre como estavam as coisas aqui e perguntei sobre como estavam as coisas em Brasília, e ela me avisou que Alice está dormindo na minha casa quase todos os dias com Marcos, mas agora os dois não se preocupam mais em esconder. Alice me enviou uma mensagem também perguntando como eu estava, mas bloqueei o número dela e apaguei a mensagem, decidindo ignorar ela e Marcos completamente.

Ele não me mandou mais nada, nem sequer uma mensagem ou uma ligação, assim como também não respondeu a última mensagem que enviei, então deduzi que ele concordou com o processo de divórcio, mas não vou mandar mais mensagem falando desse assunto e nem meu endereço para receber os papéis.

Combinei com Madalena de assistirmos o jogo de hoje juntas aqui em casa, então fui ao mercado durante a manhã e comprei algumas coisas para comer durante a tarde como bolo, salgadinhos e alguns doces já que o jogo vai passar no meio da tarde.

Tudo está em ordem agora, o apartamento limpo e com todas as coisas velhas e antigas no lixo, parecendo um novo apartamento. Sei que ainda preciso comprar móveis e outros eletrodomésticos novos, mas por enquanto não estou trabalhando e não posso me dar o luxo de gastar sem necessidade.

Perto das três horas da tarde Madalena chega e se senta no sofá ao meu lado, comentando que sempre fica nervosa para os jogos.

— Acho que os jogos que a gente vê no estádio deixam a gente mil vezes mais nervosa — ela fala para mim. — Não gosto. E também é muito barulho e muita gente, Joaquim sempre tenta me levar, mas só vou nas finais.

— Estou há muito tempo sem acompanhar futebol, nem lembro mais a sensação de ficar nervosa vendo Joaquim jogar.

— Seu marido não assiste futebol? — ela pergunta enquanto toma um copo de água.

— Assiste, inclusive torce para o Santa Rosa, mas nunca falei de futebol com ele e ele nem sabe que eu conheço o Joaquim.

A partida começa logo na sequência e parece um jogo sofrido, já que no primeiro tempo nenhum dos dois times faz gol. Passamos os primeiros quarenta e cinco minutos seguindo Joaquim pela tela, e sempre reclamando quando eles chegam perto do gol e o goleiro do outro time consegue pegar as bolas.

No segundo tempo o time parece completamente diferente e o primeiro gol sai aos cinco minutos. Ficamos animadas e continuamos prestando atenção, então aos quinze minutos do segundo tempo Joaquim arma um contra-ataque depois de um escanteio do time rival e corre até o outro lado do campo, onde fica cara a cara com o goleiro que não consegue defender, e ele chuta para o fundo do gol, balançando a rede. Ele corre pelo campo comemorando e mais uma vez, ergue as mãos e faz um “L” com os dedos, e Madalena segura minha mão sorrindo. Os outros jogadores pulam em cima dele comemorando, e por ser oitavas de final, eles precisam ganhar para seguir no campeonato e levar o título.

Eu e Madalena passamos o jogo inteiro comentando sobre alguns passes dos jogadores e as posições, e mal percebemos quando no final do segundo tempo, Joaquim faz mais um gol, dessa vez de bicicleta. Levantamos do sofá e comemoramos, felizes por ver o time do Santa Rosa classificado.

Pego meu celular e abro as mensagens com Joaquim.

Laura: Parabéns pelo jogo!

Laura: Acho que você merece um presente mesmo.

Por saber que ele ainda está em campo e vai demorar a me responder, continuo conversando com Madalena, que não consegue conter a alegria. Ela janta comigo e me ajuda a organizar a cozinha depois, mas logo se despede e vai para casa. Tomo um banho e me deito na cama, idealizando algumas ideias para como começar a costurar e algumas peças para vender, mas sou interrompida com uma notificação no celular.

Joaquim: Obrigado linda.

Joaquim: Vou pensar em um presente mas por mim podia ser uma noite bem quente.

Joaquim: Pode ser?

Penso antes de responder, pronta para negar o pedido, mas lembro de domingo quando nos beijamos no banheiro e meu corpo se aquece, então penso em como não devo mais nada a ninguém além de mim mesma e não preciso mais fazer o que os outros esperam, se eu quiser ir até lá, posso ir, e sei que Madalena, Joaquim, Paula, ninguém me julgaria.

Laura: Você está muito abusado.

Laura: Vou pensar.

E Joaquim responde com alguns emojis com a língua para fora e em seguida envia uma foto escura em um ambiente escuro, por já ser noite, mas consigo perceber que ele está no avião voltando para o Brasil. Ele manda uma foto da virilha e apesar da foto escura, o volume marcando a calça de moletom é a única coisa que presto atenção.

CAPÍTULO 9

Apesar de ter dito que pensaria sobre me encontrar com Joaquim por mensagem, chego em casa perto das seis da tarde no dia seguinte, após ter passado a tarde atrás de aviamentos e tecidos. Precisei pegar Uber para ir até outros bairros e achar o que precisava para costurar algumas peças, além de coisas de papelaria para fazer os desenhos e moldes. Chego no meu apartamento ofegante, cansada de ter andado bastante durante o dia e carregando diversas sacolas de um lado para o outro.

Paro em frente ao apartamento de Madalena quando vejo a porta aberta e vejo ela e Joaquim sentados na mesa de centro da sala conversando e tomando café, e eles me notam logo em seguida.

— Laura, vem comer com a gente — Madalena fala e acena com as mãos.

— Eu acabei comendo na rua mesmo, Mada, mas obrigada pelo convite — respondo e mostro a quantidade de sacolas que estou carregando. — Preciso guardar tudo isso.

Eu entro no apartamento e fecho a porta, largando todas as sacolas no chão e andando até a sacada para abrir a porta e deixar o vento refrescar o ambiente, que ficou fechado a maior parte do dia. Guardo minha bolsa e troco de roupa, colocando um shorts soltinho de tecido e uma regata, então volto para a sala e começo a organizar tudo o que comprei. Começo a tirar algumas linhas novas mas percebo que não tem espaço o suficiente na sala,

então ando até o quarto antigo da minha mãe e começo a analisar todo o ambiente.

— Vou trocar de quarto — falo para mim mesma, pensando também que a vista do quarto que era dela é muito mais bonita do que a minha, além de ter uma sacada virada para o parque que há no bairro. Pego meu celular e coloco música, mesmo sem caixinha de som, apenas para ouvir algo enquanto faço toda a mudança. Começo a ir de um quarto para o outro carregando coisas, agradecendo por já ter tirado tudo o que era dela do guarda roupa antes de ir embora para São Paulo e ter colocado para doação, ou eu teria um trabalho danado agora. Levo tudo o que eu tinha de pertences e organizo na penteadeira branca meus produtos, e também aproveito para tirar as roupas que estavam na mala para organizar no guarda roupa.

Assim que finalizo de organizar tudo no meu quarto novo, carrego as dezenas de sacolas com o que comprei até o meu quarto, agora antigo quarto, e começo a organizar todas as linhas e tecidos no armário enquanto decido como tirar a cama de solteiro que estava ali e colocar para doação ou desmontar.

— Vai voltar a costurar? — ouço a voz de Joaquim atrás de mim enquanto estou dobrando tecidos ajoelhada no chão. Dou um pulo com o susto e quando olho para trás vejo ele apoiado de lado na porta e braços cruzados, me encarando. Ele usa uma calça jeans básica, uma camiseta e tênis brancos, deixando ele mais bonito do que o normal.

— Por que você fica me dando susto? Quer me matar? — pergunto brava, mas me viro novamente ao que estava fazendo e continuo dobrando os tecidos. — Sim, preciso fazer algo ou não vou conseguir me manter aqui no Rio e nem em qualquer outro lugar.

— Vai fazer vestidos de noiva de novo? — ele pergunta e vem até mim, parando ao meu lado.

— Não sei — respondo triste. — Não conheço ninguém aqui que vai casar, não tenho mais clientes igual nós tínhamos antes.

Vestidos sempre foi minha maior paixão, assim como minha mãe, tanto vestidos de noivas como vestidos para casamentos ou formaturas. Minha mãe também era uma estilista conhecida e tinha muitos pedidos o tempo inteiro, então comecei a ter o mesmo gosto para vestidos como ela.

— Pede pra minha mãe falar com as amigas dela, com certeza você vai começar a ter clientes — ele fala e se deita na minha cama antiga observando o quarto enquanto eu permaneço no chão ajeitando algumas coisas. — Que saudades de dormir aqui.

Viro a cabeça e observo ele totalmente esticado na minha antiga cama de solteiro box, e por ele ser enorme, metade das canelas dele ficam para fora do colchão.

— Vou tirar essa cama daqui, ocupa muito espaço e vou fazer meu ateliê nesse quarto — me levanto do chão carregando os tecidos dobrados e guardo tudo organizado no armário. — Preciso ver se alguém quer e precisa ou jogo fora.

— Ajudo um abrigo aqui perto, vou fazer com os diretores e se alguém quiser eu te ajudo a tirar — ele fala de olhos fechados, como se estivesse cansado e prestes a dormir.

Continuo observando ele, que quando percebe meu silêncio abre um olho e me encara, erguendo a sobrancelha. Faço um sinal com as mãos como se não fosse nada, mas acabo me lembrando de quanto tempo nós passávamos exatamente assim, ele deitado na cama e eu andando de um lado para o outro organizando roupas, desenhos, trabalhos da escola,

enquanto ele ficava simplesmente ali para estar comigo, sem precisar conversar, sem toques, apenas pela companhia.

Depois de alguns minutos organizando as últimas linhas e caixas, ao finalizar, me viro para ele para falar, mas paro ao perceber que ele cochilou e dormiu com um braço sobre o rosto e o outro em cima do peito. Dou um sorriso, pois ele deve ter dormido pouco já que chegou de viagem de madrugada. Me aproximo para acordá-lo.

— Joaquim, acorda — cutuco devagar o peito dele, que logo acorda pelo fato do sono ainda estar leve. Ele me encara e dá um sorriso fraco, e mal percebo quando ele coloca uma mão na parte de trás das minhas coxas e me puxa para a cama com ele. Primeiro, eu caio em cima do peito dele e com as pernas pra fora da cama e dou um grito e começo a rir, mas ele logo ajeita e me puxa para ficar completamente em cima dele deitada.

Nossos rostos ficam alinhados e ficamos nos encarando por alguns segundos, ainda rindo, mas paro de rir quando percebo que ele começa a encarar meus lábios sério e me olha em seguida, então, ao invés de sair, abaixo meu rosto e beijo ele.

Primeiro, o beijo começa calmo, como se quiséssemos aproveitar todos os segundos do beijo, mas logo Joaquim acelera e aprofunda, enquanto uma de suas mãos vai em direção ao meu rosto e pescoço me acariciando, a outra ele leva até meus cabelos e na mesma hora ergue um pouco as próprias pernas apenas para me encaixar sentada em cima dele. Deixo minhas mãos passarem por todo o peitoral forte dele ainda por cima da camiseta e até passo as unhas mais forte quando ele puxa meus cabelos, sabendo que é um ponto fraco em mim.

Ele para o beijo e começa a beijar meu pescoço, então leva as duas mãos até minha bunda e aperta, passando as mãos até as coxas e subindo novamente. Dou um suspiro e fecho os olhos aproveitando a sensação boa,

então Joaquim começa a pressionar meu quadril contra o dele, me fazendo sentir a ereção já dura, mesmo com a calça jeans atrapalhando. Um calor que há muito tempo não sentia percorre todo meu corpo, então começo a me esfregar para frente e para trás por vontade própria, agradecendo aos céus por ter colocado um shorts de tecido molinho quando cheguei, ou seria mais um jeans atrapalhando nosso momento.

— Porra, que gostosa — ele fala e volta a beijar meu pescoço e a puxar meus cabelos enquanto pressiona o quadril para cima cada vez mais. Levo minhas mãos até a bainha da camiseta dele e puxo para cima, então Joaquim se ergue um pouco apenas para tirar sozinho. Passo as unhas por todo o abdômen dele e vejo ele se arrepiar por completo, então quando eu menos espero, ele dá um tapa na minha bunda e o barulho percorre o quarto. Olho assustada para ele, pois ninguém nunca tinha feito isso. — Você não gosta assim?

— Humm, não sei — suspiro e beijo o pescoço dele. — Pode fazer de novo pra eu ver?

Olho para ele e ele me dá um sorriso malicioso, então me beija na boca novamente e me dá mais um tapa, dessa vez mais forte. É, acho que eu gosto.

Joaquim tira a regata que eu estou usando logo em seguida e seus olhos chegam a brilhar quando se dá conta que eu estou sem sutiã. Ele levanta a cabeça e apenas para se aproximar de meu peito direito e leva o mamilo até a boca, me fazendo soltar um gemido. Meu peito nunca foi o lugar mais sensível do meu corpo, mas parece que Joaquim desde sempre sabe exatamente o que fazer e da maneira correta, me fazendo sentir sensações boas por alguns minutos.

Ele leva a mão que estava na minha bunda de volta para frente e desliza pelo próprio abdômen, pois senti a movimentação, ainda de olhos

fechados. Sinto quando Joaquim leva a mão até a própria virilha e aperta o próprio pau, como se nada fosse o suficiente para aliviar. Joaquim vira a mão e passa entre minhas pernas, então estimula meu clitóris por cima do shorts, mas é o suficiente para me fazer gemer alto.

Marcos não era ruim de cama, ele apenas não se esforçava o suficiente e preferia o básico, diferente de Joaquim que desde sempre se esforçava para saber o que eu gostava. Então agora, sentindo todas essas coisas boas de novo, é inevitável não aproveitar e gostar.

— Gosta assim, né? — ele pergunta no meu ouvido, me arrepiando inteira enquanto aproveito a sensação. De repente, ele para com o estímulo e senta na cama, então me deita de costas no colchão e se levanta, parando em frente a cama. Ele me puxa pelas pernas, me deixando deitada na horizontal na cama, enquanto puxa minhas pernas para fora e coloca elas ao redor da própria cintura, se ajoelhando na cama e se abaixando para beijar mais uma vez meu pescoço e peito, descendo os beijos cada vez mais.

Ele se solta para tirar meu shorts e calcinha de uma vez, lambendo os lábios assim que me vê completamente nua na frente dele. Joaquim me encara mais uma vez, então se ajoelha no chão em minha frente e abre minhas pernas.

— Caralho, que saudade desse cheiro — ele fala e assopra levemente na umidade que se acumula, me fazendo gemer sem nem me tocar. — Que boceta gostosa.

Joaquim abre mais minhas pernas e dá uma lambida forte, e eu arqueio minhas costas, rebolando em direção ao rosto dele, querendo mais. Ele percebe o quão excitada eu estou e volta a me chupar, dessa vez com força e com vontade, enquanto segura minhas pernas abertas. Levo as mãos para meus próprios seios apertando, me contorcendo de prazer.

Ele passa os dedos pela minha entrada e penetra dois de uma vez, fazendo o movimento de vai e vem, me fodendo e me chupando. Olho para baixo e nossos olhos se encontram, e Joaquim leva a mão livre a própria calça jeans e consegue abrir o botão e o zíper, abaixando a calça e logo após a cueca preta que usava. Ele leva a mão ao próprio pau duro e começa a se masturbar enquanto continua trabalhando em mim, a cena é excitante pra caralho, mas não consigo olhar para ele por muito tempo pois sinto o orgasmo se aproximar, então deito na cama novamente, rebolando com mais força em direção a boca e os dedos dele, querendo mais e mais.

Um telefone começa a tocar em algum lugar do quarto com um toque alto, mas Joaquim ignora e continua o oral, ainda se masturbando rápido e com força, então quando o telefone desliga e começa a tocar novamente, me levanto na cama e puxo ele pelos cabelos, fazendo ele parar, mesmo quase gozando. Ele bufa e me solta, mas sem levantar do chão pega o celular que estava no bolso da calça e atende.

— Fala, Caio — ele diz assim que atende a ligação, então se levanta mesmo com a calça e a cueca abaixada, e passa os dedos na minha boceta molhada. Me contorço novamente e mordo os lábios, não querendo atrapalhar a ligação mas querendo que ele finalize o trabalho. — Porra, eu esqueci cara — ele responde e afasta o celular para olhar a hora.

Ainda deitada na cama, eu ameaço me levantar, mas Joaquim se aproxima e me impede, mesmo enquanto fala ao telefone com o tal de Caio.

— Ta, em vinte minutos estou aí — ele desliga o celular e joga na cama ao meu lado, voltando a mesma posição que estava ajoelhado. — Goza pra mim.

Mesmo com a ligação interrompendo, continuo excitada e querendo mais. Joaquim então volta a me chupar e me penetrar com os dedos, mas

fica em pé quando percebe que estou quase chegando ao ápice, então ele se ajoelha na cama e começa a me estimular no clitóris com o próprio pau, em uma falsa penetração.

A sensação é tão boa que em poucos minutos ergo as minhas costas e me agarro no pescoço dele, que acelera o movimento. Quando dou um gemido alto e sinto a sensação de alívio percorrer meu corpo, percebo que ele ainda não gozou, então levo minha mão direita ao pau duro dele à minha frente e começo a masturbá-lo com força e rápido, lembrando de como ele sempre gostou. Poucos minutos depois, ele fode a minha mão mais rápido e geme, jogando a cabeça para trás, ainda ajoelhado na cama, então começa a gozar na minha mão e barriga, tendo espasmos pelo corpo, pois vejo a barriga dele se contrair.

Assim que ele termina de gozar, levo minha mão até a boca e lambo o que ficou ali, vendo que Joaquim observa cada movimento meu.

— Porra, Laura, quero te foder até não aguentar mais — ele fala e deita em cima de mim, me empurrando em direção aos travesseiros e apertando meu pescoço para me beijar. Ele dá mais alguns beijos no meu pescoço, mas dessa vez de forma mais carinhosa. — Te chuparia a noite inteira.

— Você vai sair? — pergunto, lembrando da ligação que ele recebeu poucos minutos atrás.

— Sim, meu empresário me ligou, tenho um aniversário que preciso ir e esqueci — ele me responde, então me dá mais um beijo e logo se levanta. — Só vou estar livre de novo na sexta essa semana, tenho treino e evento quase todo dia.

— Tudo bem, manda uma mensagem quando estiver livre — respondo, sem tentar ficar chateada por ficar tantos dias sem ver ele.

— Vou para Angra com uns amigos do time sexta, vem comigo? — ele pergunta enquanto passa a camiseta que estava no chão pelo pescoço, e eu continuo na mesma posição na cama. — É aniversário do Zé, ele chamou os mais próximos.

— Não sei, Joaquim, não é muito cedo? — pergunto, meio receosa. — Não vou ser penetra?

— Não, ele já avisou que posso levar alguém, quero que você vá comigo — ele termina de se ajeitar em frente ao espelho pequeno no canto do quarto, e passa a mão pela camiseta para tirar o amassado que ficou. Ele vem até mim novamente e me dá um selinho. — Vem comigo?

— Vou pensar.

— Já é alguma coisa — ele fala e ri. — Preciso ir, te mando uma mensagem depois.

Assim que ele sai do quarto, permaneço deitada por um tempo na cama, amolecida depois do orgasmo. Suspiro e me levanto, juntando minhas roupas que estavam no chão e colocando novamente, então saio do quarto e apago a luz, fechando a porta, e vou em direção ao banheiro para tomar um banho gelado e dormir.

CAPÍTULO 10

Na sexta-feira Joaquim chega perto das dez horas da manhã para me buscar, e Madalena não conseguiu disfarçar o sorriso quando viu que estávamos saindo juntos para um passeio. Passamos a semana trocando mensagens, já que ele não conseguiu vir nem para ver a mãe por falta de tempo. Sei que ele estava em uma festa cheia de celebridades na segunda à noite depois que saiu da minha casa, pois vi nos noticiários do Instagram no dia seguinte, aniversário de uma influenciadora que aparentemente era bem famosa, mas eu nunca tinha ouvido falar. Seria mentira dizer que não passei a terça-feira inteira procurando vídeos e fotos da festa, apenas para ver se Joaquim estava com alguém, mas apenas vi ele rodeado de outros jogadores e as namoradas e esposas.

Na quarta, quando aceitei o convite para ir com ele até Angra dos Reis, depois de ele fazer o convite mais uma vez, precisei ir atrás de roupas adequadas, então fui com Madalena procurar biquínis, cangas, chapéu, protetor solar, já que não trouxe nada pra o Rio quando voltei de Brasília. Acabei comprando um biquíni branco com detalhes dourados e uma saia longa transparente do mesmo tom e um chapéu de palha que encontrei de um vendedor na rua.

— Se divirtam! — Madalena fala e fecha a porta da própria casa na nossa cara, deixando nós dois parados no corredor tentando entender.

— Tudo bem, vamos? — ele pergunta e se oferece para levar a minha bolsa, onde eu havia colocado toalha, a saia, mais protetor e minha

carteira. Decidi não ir de biquíni por vergonha, então coloquei um shorts jeans e uma blusinha solta, e nos pés uma sandália rasteirinha. Joaquim também estava confortável, com um shorts de tactel cinza que vai até metade das coxas e uma camiseta básica preta.

Entrego minha bolsa para ele e descemos as escadas conversando, enquanto ele me conta sobre como foram os treinos durante a semana.

— Você tem jogo esse final de semana? — pergunto, já entrando no carro estacionado em frente ao prédio. Joaquim também entra e coloca minha bolsa no banco de trás, se inclinando propositalmente para perto de mim.

— Domingo — ele fala e me beija, já que enquanto estávamos no corredor Madalena estava com a gente. — Vai me ver no estádio? — ele pergunta assim que finaliza o beijo com um selinho, fazendo carinho nos meus cabelos.

— Talvez eu vá desta vez — ele dá um sorriso assim que respondo.

A viagem dura mais ou menos duas horas e meia, mas o tempo passou rápido já que passamos o caminho conversando e cantando, da mesma maneira que fazíamos. Os vidros do carro estavam abertos e eu sentia o vento jogar meus cabelos para trás, e virei o rosto para observar Joaquim. Ele dá um sorriso de canto quando sente que estou encarando, e me olha rapidamente, não parando de prestar atenção na estrada.

— O que foi? — ele pergunta sorrindo, fico envergonhada e ficamos como dois bobos se encarando.

— Você é muito bonito, sabia? — falo, ainda admirando o sorriso dele. Ele dá uma risada e leva a mão até minha coxa, apertando e fazendo carinho. Me inclino e abraço o pescoço dele, cuidando para não atrapalhar enquanto dirige. Dou um beijo no rosto dele e me deito em seu ombro, então ele leva a mão livre até meus cabelos, fazendo carinho.

— Costumam me falar que sou bonito e gostoso — ele responde, se achando. Dou um tapa leve em seu peito. — Senti sua falta, sabia? Às vezes não entendia o motivo de você ter me deixado aqui.

Dou um suspiro e continuo olhando a estrada, sem saber o que responder. Eu tinha certeza que deixei Joaquim magoado quando fui embora, mas não sabia que era uma mágoa que permanecia até hoje. Passei meses doente na casa do meu pai, não comia, não conseguia dormir, e por milhares de vezes cogitei ligar e voltar, mas nunca fiz.

— As vezes eu queria ligar de novo e voltar, mas não era justo depois de ter terminado tudo — falo baixo, e ele abaixa o volume do rádio para continuar a conversa. — Um tempo depois, vi que você tinha sido contratado e ia embora e já estava namorando.

— Eu esperei por meses alguma coisa, mas até o número do telefone você trocou quando se mudou, nem a Paula sabia de você — ele fala em um tom triste. — Achei que tinha te superado até te ver de novo, e desde que voltou eu penso em você o tempo todo, Laura.

Não posso mentir, não pensei nele o tempo inteiro, mas desde o nosso beijo, passei muito tempo dos meus dias pensando nele também.

— Me perdoa? — pergunto e dou um beijo na bochecha dele. — Nunca quis te fazer sofrer.

— Já te desculpei há muito tempo, mas agora tenho medo de você ir embora de novo.

— Não vou mais, prometo.

Dou um sorriso, então continuamos a conversar e ouvir músicas, mas cerca de cinco minutos depois chegamos até o lugar destinado para pegar o iate que ele falou que era do aniversariante, Zé, que eu ainda não conhecia. Descemos do carro e Joaquim pega minha bolsa no banco de trás

do carro, me entregando assim que para ao meu lado na areia da praia logo à frente do estacionamento.

Joaquim começa a andar e estica a mão esquerda para mim, pedindo para entrelaçar, então dou um sorriso e aceito, e andamos de mãos dadas até a passarela no canto da praia que leva até onde ficam as lanchas e iate. Observo a bela paisagem da praia, as árvores, a água cristalina e o sol forte, tudo resultando em um dia perfeito. Por ser perto do horário do almoço, meu estômago começa a roncar de fome, pois tomei café cedo em casa, ainda mais sentindo o cheiro de comida dos restaurantes ali perto.

Assim que nos aproximamos do iate que Joaquim apontou, começo a ouvir gritos e assobios, e começo a dar uma risada nervosa. Joaquim começa a rir, mas sem se importar, solta minha mão e me abraça pelos ombros.

— Não liga, eles vão gostar de você — e deixa um beijo nos meus cabelos. Chegamos em frente ao iate, que é enorme, e vejo três mulheres ali sentadas conversando animadas e outras duas em pé, e na entrada do iate tem mais três homens, que deduzo serem todos jogadores, apenas por observar o físico deles.

— Olha só, se não é a primeira dama do Santa Rosa — o cara de olhos azuis e cabelo loiro fala assim que Joaquim o cumprimenta. Fico envergonhada, mas me aproximo e cumprimento ele também, que se apresenta como Antônio.

— Nos vestiários o único assunto é quem é a mulher que deixou o cachorrão na coleira — o outro, meio ruivo fala, então quando Joaquim se aproxima e deseja feliz aniversário, deduzo ser Zé.

— Feliz aniversário! — falo abraçando ele, então cumprimento o outro que estava sentado e passo para dentro do iate onde cumprimento as mulheres.

— Senta aqui com a gente — Lorena é quem fala, e me dá um espaço para sentar. Descubro que Lorena é casada com Zé, o Antônio namora a Pâmela, a loira sentada ao meu lado, e Johnatan namora com Cristine, que também está sentada aqui. As duas loiras em pé são Marcela e Pietra, Marcela é irmã de Zé e Pieta apenas uma amiga que veio acompanhá-la.

— Então, quanto tempo vocês estão juntos? — Pâmela pergunta enquanto me oferece o drink azul dela, que acredito ser gin.

— Não estamos, na verdade — respondo, e as três erguem as sobrancelhas.

— Ele falou para nós que está namorando — Lorena fala e Cristine concorda com ela, as duas rindo, mas nego com a cabeça.

— Nós namoramos há muito tempo atrás, mas só voltei para o Rio há duas semanas, desde então estamos nos encontrando novamente.

— Mas aquele gol foi para você, né? Os que ele fez na última semana também — dessa vez é Pâmela quem pergunta, é assinto com a cabeça enquanto elas sorriem e perguntam mais algumas coisas.

Nunca tive problemas com minha aparência e corpo, sempre fiz academia mas apenas para o bem estar mental, nunca tive foco para ter um corpo malhado, porém, ao ver que todas elas são magérrimas e com silicone e diversos outros procedimentos estéticos, me sinto envergonhada apenas em pensar ficar de biquíni na frente delas. Para minha sorte, apenas Marcela está de biquíni, enquanto as outras permanecem de shorts e saia.

Percebo que Marcela fica apenas me observando no canto do iate, então os rapazes entram e Joaquim traz uma bebida para mim enquanto o motorista do iate nos leva para perto de uma pequena ilha. A água transparente me deixa encantada, tanto que me levanto e ando até a borda para observar o mar e a paisagem ao redor.

Joaquim me abraça por trás e dá um beijo no meu ombro, enquanto olha a paisagem comigo. Ouço o pessoal rindo e cantando ao fundo, e me sinto feliz.

— Lindo aqui, né?

— Demais. Você vem sempre pra cá?

— Já vim algumas vezes, até já fiz meu aniversário aqui, mas é difícil achar tempo para vir sem ser em feriados ou quando a gente tem alguns dias de folga.

Lorena me chama novamente, pedindo ajuda para organizar algumas coisas para o almoço. Acompanho ela, vendo que os outros se reúnem juntos para conversar na parte de trás do iate, inclusive Marcela e Pietra, que até agora estavam isoladas conversando.

— Então, você não morava mais aqui? — ela pergunta e começo a ajudá-la a organizar os pães e salada que estavam ali. Conto toda a história, inclusive que eu era casada, mas Lorena parece perguntar não por maldade, ela parece ser uma pessoa extremamente atenciosa e querida. Ela começa a falar um pouco sobre como ela e Zé estão tentando engravidar, mas ela não está conseguindo devido a endometriose, também fala um pouco sobre as meninas.

— Marcela é minha cunhada, mas não nos damos muito bem, pra ser sincera — ela fala e parece um pouco decepcionada. — Ela é muito ciumenta com o irmão, nunca me tratou muito bem, ainda mais depois que casamos, fica tentando disputar a atenção dele.

— Mas vocês são casados, é normal que ele fique mais tempo com você — respondo, prendendo meus cabelos que estavam me atrapalhando em um coque.

— Então, mas quer a atenção para ela o tempo inteiro, nem Joaquim suportou — ela fala e ergo as sobrancelhas, não entendendo.

— Como assim? Eles já namoraram?

— Ela tentou, mas Joaquim sempre deu vários foras nela — ela fala e dá de ombros. — Eles ficaram por um tempo depois que ele voltou para o Brasil, mas ela queria cobrar tudo o que ele fazia, queria postar fotos, viajar, mas Joaquim sempre foi focado no time e sempre deixou claro que não queria nada com ela.

— Entendi, eu não sabia.

— E ela sempre fez questão de exibir que estava com ele, mas todo mundo sabe que Joaquim não gosta quando alguém ficam em cima dele apenas por ele ser jogador, por isso é difícil ver ele com novas amizades além do pessoal do time.

— Eu sei que ele ainda é próximo dos mesmos amigos que tínhamos na época, mas como ficamos tanto tempo separados, não sei como funcionam as coisas agora.

— Por isso ela está te encarando com aquele olhar mortal, ela está só com dor de cotovelo, deve ter achado que poderia tentar algo com ele aqui.

— Se ela não me jogar na água está bom — rimos juntas, e começamos a carregar as coisas.

Quando nos aproximamos dos outros, vejo que Marcela está ao lado de Joaquim, praticamente colada nele. Ignoro, pois não tenho nada a cobrar dele, mas assim que ele vê que me aproximo, ele estende um braço para mim, me chamando para ficar ao lado dele, e me abraça pelos ombros.

— Laura, com o que você trabalha? — Pietra, a amiga de Marcela, pergunta.

— Sou estilista.

— Sério? Você faz vestidos? — Cristine pergunta, e se aproxima. — Eu tenho dois casamentos no próximo mês, mas minha costureira mudou de

cidade e eu ainda não encontrei ninguém para fazer para mim.

— Claro, vestidos são o que eu sempre gostei de fazer, vestidos de noiva também.

— Você me salvou, Laura! — ela pega meu contato e avisa que vai mandar mensagem na segunda-feira, querendo programar o que precisa, e Lorena e Pâmela avisam que assim que precisarem, vão me mandar mensagem também.

Olho para Joaquim sorrindo e vejo que ele me olha e sorri de volta, e me abraça forte.

— Suas primeiras clientes, viu? — ele sussurra no meu ouvido, me fazendo sorrir também. — Estou feliz por você.

— Obrigada, também estou feliz — respondo e passo minhas mãos pela cintura dele, que já está sem camisa, enquanto Joaquim bebe uma cerveja. — E estou feliz por estar aqui com você.

Lorena chama para almoçar, já que passa do meio dia, então Antônio assa a carne enquanto Lorena serve os petiscos que preparou. Me sinto acolhida com elas, que são muito gentis comigo. Joaquim senta em um banco estofado na beira do iate e me puxa para sentar em sua perna esquerda, mesmo eu negando. Ele passa o braço pela minha cintura e me mantém presa, ainda enquanto mantém conversa com o pessoal. Lembro de quando ele sempre fazia isso em cada lugar que estávamos, como se não quisesse ficar longe de mim. Passo um braço pelo pescoço de Joaquim e deixo um beijo no rosto dele, que me aperta mais forte.

Um tempo depois do almoço, Lorena decide mergulhar e tira o shorts jeans que usa na frente de todo mundo, se jogando no mar logo em seguida. Cristine faz o mesmo, mas Pâmela avisa que não sabe nadar e prefere ficar no barco. Zé se joga e nada até a esposa, e eu observo os dois rirem e brincarem um com o outro. Olho para Joaquim que me encara de

volta, provavelmente pensando o mesmo que eu, então levantamos e tiro meu shorts e blusa, tentando deixar a vergonha de lado por estar só de biquíni, enquanto Joaquim tira a camiseta que estava usando. Ele me dá a mão e subimos na beirada do iate, pulando juntos para o mar.

Costumávamos fazer isso o tempo inteiro quando íamos à praia, subíamos em pedras apenas para pular juntos no mar, e fazíamos isso repetidas vezes em um dia. Assim que mergulho, ainda de mão dada com Joaquim, sinto a água agradável devido o calor, e me sinto feliz por viver isso. Solto a mão dele e mergulho, vendo que ele continua no mesmo lugar onde caiu, provavelmente sabendo que eu apenas queria ver o lugar. Subo novamente e mal consigo conter meu sorriso quando volto à superfície, parando ao lado de Joaquim.

— Eu odeio Brasília.

— É claro que odeia, olha isso aqui.

Olho para o mar e vejo que todos pularam, exceto Pâmela, Marcela e Pietra. Antônio pediu para Pâmela colocar o colete e descer pela escada, então insistimos para ela mergulhar também, que aceitou e depois de alguns minutos estava grudada no namorado com medo de se afogar.

— Marcela, desce aí — Zé grita, mas a irmã discorda.

— Vou estragar meu cabelo se mergulhar — ela grita de volta e se senta em outro lugar, onde mal conseguimos vê-la.

— Chata, chata, chata — Cristine sussurra perto de mim, me fazendo dar risada junto com Joaquim.

Passamos cerca de uma hora na água, aproveitando a sombra que o iate fazia. Joaquim e eu passamos um tempo brincando um com o outro, um pouco grudados e um pouco jogando água um no outro. Zé chamou para nos aproximarmos do iate novamente, onde Pietra estava na beirada com o celular, então tirou algumas fotos de todos nós na água. Depois que ela

avisou que tinha tirado algumas, percebi que eu e Joaquim ficamos abraçados na foto e se Zé postasse, todos saberiam quem eu era, mas ninguém pareceu se importar com isso além de mim e Marcela, que estava emburrada no iate.

Perto das cinco da tarde estávamos voltando para a marina, e Zé e Antônio faziam uma verdadeira performance cantando e dançando as músicas conhecidas, fazendo todos rir.

— Como vamos embora? Você bebeu — falo no ouvido de Joaquim, já que agora estou sentada ao lado dele, porém com as pernas em cima das pernas dele, que faz carinho em meus joelhos. — Você não passou protetor?

Só agora sem o sol consigo perceber como ele está vermelho no rosto, costas e ombro, e provavelmente amanhã estará dolorido.

— Acho que vamos ficar em um hotel, todo mundo bebeu aqui — ele fala e começa a encarar o próprio peito e braços, vendo a vermelhidão. — Meu Deus.

— Não trouxe roupas, nem você.

— Pode ficar pelada, sem problemas — ele fala e dá risada. Ele realmente não perde uma. — Amanhã cedo já vamos embora, temos treino a tarde e preciso buscar Afonso no hotel.

— Hotel? Não era creche? — pergunto confusa.

— Tem os dois, a creche é para os dias de semana e hotel para quando eu viajo.

— Entendi… Afonso tem a vida melhor que muita gente.

CAPÍTULO 11

O hotel que resolvemos pegar para essa noite é lindo, bem perto da praia e com uma decoração acolhedora. Após sairmos do iate, Zé guiou todo mundo de carro até um hotel conhecido por ele. Por sorte eu também tinha trazido outras duas calcinhas e mais uma blusa, assim como escova de dente e desodorante, então por um dia eu poderia sobreviver. Joaquim avisou que tinha as mesmas coisas no carro, então colocamos na minha bolsa e fomos para o hotel.

— Acho que vou tomar um banho, estou toda colada do sal — digo e deixo a bolsa em uma cadeira, com medo de ter areia e derrubar na cama. Retiro a blusa que estou usando, ficando apenas de shorts e com a parte de cima do biquíni, e percebo que Joaquim começa a me encarar. Não dou bola e ando até a bolsa pegando o que preciso, me direcionando ao banheiro logo em seguida, pegando uma toalha no armário assim que entro e fechando a porta, mas não trancando. Deixo minhas coisas em cima da bancada de pedra e retiro o shorts e a parte de cima do biquíni, abrindo o chuveiro logo em seguida, então tiro o resto da roupa e entro no box, fechando a porta. Deixo a água gelada cair em meus cabelos, mas logo me assusto ao ouvir o barulho da porta.

— O que você tá fazendo, Joaquim? — pergunto e cubro meu peito quando noto que ele olha, e fico de lado para ele não me ver por completo.

— Preciso tomar banho também — ele responde como se não fosse nada. Encaro ele enquanto ele tira o shorts e a cueca que usava, andando até

o box pelado e com um sorriso de lado.

— Sai daqui, depois você toma banho — seguro a porta do box, mas ele é mais forte que eu e consegue abrir, entrando no chuveiro comigo, me ignorando totalmente.

— Economia de água, gatinha — fico apenas encarando indignada enquanto ele vai para baixo do chuveiro e me deixa plantada esperando. Nego com a cabeça, ainda indignada, mas não envergonhada, já que eu e Joaquim já fomos tão íntimos que em um momento como esse, seria estranho se nos sentíssemos envergonhados um com o outro. Não consigo contar a quantidade de vezes que já tomamos banho juntos quanto adolescentes, claro que sem minha mãe ou Madalena saber disso.

— O que vamos jantar? — ele pergunta enquanto lava o cabelo e me oferece o shampoo para passar no meu. Pego o frasco e derrubo um pouco na mão, começando a esfregar a cabeça logo em seguida.

— Você estava comendo até agora, ainda está pensando em comida?

— Sempre estou pensando em comer.

Levo alguns segundos até entender o duplo sentido da frase, e deixo um tapa no peito dele quando entendo, fazendo ele dar risada.

— Ai, ai, ai, está queimado — ele reclama e coloca a mão onde eu bati, e lembro que ele estava queimado do sol e provavelmente tudo está ardendo.

— Desculpa, eu não lembrei disso — me aproximo e deixo um beijo onde ficou a marca branca da minha mão, erguendo a cabeça em seguida e deixando um selinho nos lábios dele, que parece ficar feliz com esse pequeno gesto.

Continuamos o banho e Joaquim pergunta o que achei dos amigos dele, e sou sincera ao falar que gostei deles, apenas Marcela ficou mais isolada mas também não me tratou mal em momento algum. Assim que

termino de me ensaboar, empurro Joaquim para o lado para ir debaixo da água corrente do chuveiro, já que até agora ele ficou o tempo todo ali. Fecho os olhos e tiro toda a espuma do cabelo e do corpo, me arrepiando agora com a água gelada.

Abro os olhos assim que termino de lavar o cabelo e vejo Joaquim me encarando de cima a baixo sério. Encaro ele de volta enquanto ele sobe o olhar por todo o meu corpo, me deixando arrepiada com isso, e não com a água gelada, e provavelmente ele percebe pois dá um sorriso de lado e se aproxima, passando a mão pelas minhas costas e me puxando para perto. Ele deixa um beijo nos meus lábios e em seguida no meu pescoço, mas são beijos carinhosos, e coloco minhas mãos ao redor da cintura dele, abraçando-o.

— Eu já falei que estou feliz que você veio?

— Já, umas duas vezes — respondo e dou risada quando ele morde minha orelha, me deixando arrepiada novamente.

Joaquim agora deixa um selinho nos meus lábios e logo aprofunda o beijo, colocando uma mão na minha bunda enquanto a outra acaricia minhas costas. Movo meus braços para o pescoço dele e o abraço, então ele leva a mão que estava nas minhas costas até a minha nuca, sabendo que gosto quando ele puxa o meu cabelo. Joaquim desliza a língua de uma forma quente, me beijando com força, com desejo, mas faço o mesmo com ele e coloco as mãos nos cabelos pretos dele, puxando também.

Tiro uma mão do cabelo dele e abaixo, levando minha mão até o pau dele, que começa a ficar ereto com o beijo, então começo a masturbá-lo e Joaquim para de me beijar, abaixando a cabeça e observando todos os movimentos que faço com a minha mão enquanto morde os lábios, beijo o pescoço dele e a orelha, tentando lembrar das coisas que ele gostava quando estávamos juntos. Joaquim fecha os olhos e joga a cabeça para trás quando

coloco força nos movimentos da minha mão, e sinto meus mamilos rígidos e a vontade de aliviar entre minhas pernas aumentando. Ele leva uma mão até o meio das minhas pernas, me fazendo gemer, mas retiro a mão dele de lá e me ajoelho no chão após fechar o chuveiro que ainda escorria água.

Continuo masturbando Joaquim e em seguida deixo um beijo na coxa dele, aproximando meus lábios até a ponta do pau dele, agora totalmente duro e do tamanho perfeito. Coloco na boca de uma vez só e Joaquim geme alto, se apoiando na parede do chuveiro quando começo a movimentar a cabeça rapidamente, auxiliando com a mão onde não conseguia alcançar com a boca.

Vejo que Joaquim fecha os olhos e coloca as mãos no rosto para não gemer, então pega uma das mãos e segura meus cabelos, me guiando nos movimentos de vai e vem e como ele queria.

— Eu vou gozar — ele fala alguns minutos depois, então paro e me levanto novamente. Joaquim me segura e me coloca de costas contra a parede, então agora ele quem se ajoelha na minha frente, colocando uma das minhas pernas no ombro dele e a outra permaneceu no chão me apoiando. Ele primeiro me penetra com um dedo e solto um suspiro baixo, querendo mais, por isso rebolo o quadril, demonstrando que quero mais.

— Apressada hoje? — ele pergunta e me provoca, tirando o dedo. Olho para ele com raiva, mas então ele coloca dois dedos de uma vez só e solto um gemido, então ele aproxima o rosto e deixa uma lambida também, me fazendo sentir mil sensações boas ao mesmo tempo. Ele me chupa forte e com vontade enquanto me fode com dois dedos, e com a perna bamba quase perco o equilíbrio, mas ele consegue me segurar contra a parede e continuar. Coloco a mão em meus peitos e aperto, sabendo que Joaquim está me encarando e vendo tudo. — Você tá toda melada pra mim.

Concordo com a cabeça, sabendo que é verdade.

Ele para também alguns minutos e me coloca de costas para ele, com os peitos encostando no piso gelado do banheiro. Ele se aproxima e encaixa o pau entre minhas pernas, movimentando para frente e para trás, mas sem penetrar.

— Quer usar camisinha? Juro que nunca faço sem — ele diz, enquanto beija meu pescoço.

— Nem eu, e eu tenho diu — respondo.

Joaquim me segura forte e me puxa, me deixando um pouco curvada no banheiro, me seguro na parede com as mãos e com o quadril para trás, então Joaquim começa a me penetrar por trás mesmo, fazendo com que eu sentisse ele mais fundo. Soltamos um gemido juntos assim que ele força e coloca todo o pau dentro de mim, fecho os olhos aproveitando a sensação, e assim que ele começa a se movimentar rapidamente, mal consigo pensar no que está acontecendo.

Com uma mão ele segura meu ombro, me pressionando para trás na mesma hora que ele me coloca mais fundo, melhorando a sensação. O barulho dos nossos corpos se chocando preenche o banheiro e parece mais alto pelo fato de estarmos molhados do banho. Joaquim com a outra mão segura meu cabelo e enrola na mão, puxando minha cabeça para trás enquanto me fode forte por trás.

— Caralho Laura — ele geme e aumenta a velocidade. Não consigo responder, apenas deixo a boca aberta e os olhos fechados, sem conseguir fazer nada a não ser sentir o pau dele deslizando dentro de mim rapidamente. A mão que estava em meu ombro Joaquim leva até meu clitóris e começa a me masturbar enquanto me fode por trás. Não duro muito tempo com tantos estímulos e sinto meu orgasmo chegar, gemendo alto e jogando a cabeça para trás, encaixando a cabeça no pescoço de

Joaquim, que não sei como, começa a me penetrar ainda mais forte enquanto ainda deixa a mão em meu clitórios, melhorando minha sensação.

Ele solta um gemido alto seguidos de alguns xingamentos e morde meu pescoço assim que sinto o pau dele pulsar dentro de mim, sentindo o líquido quente ser jorrado e escorrer entre minhas pernas enquanto ele me segura com força, já que não sei se sou capaz de me manter em pé depois desse orgasmo. Joaquim continua me segurando e me abraçando até o orgasmo terminar, então ele sai de dentro de mim e me vira para ele, mas ainda estou desnorteada.

Ele deixa alguns beijos no meu rosto e pescoço e liga o chuveiro agora na água morna, e puxa nós dois para baixo da água corrente, tirando o suor que cobria nosso corpo. Ainda com as pernas bambas, mal consigo me lavar, então Joaquim me ajuda e se lava também, desligando o chuveiro em seguida.

— Cansada? — ele pergunta assim que deito na cama, ainda com o cabelo molhado, apenas de calcinha e regata. Joaquim está apenas de cueca e liga o ar condicionado do quarto, pois percebo que já é noite e provavelmente se abrirmos a porta da sacada do quarto alguns mosquitos entrarão.

— Um pouco — respondo baixo, pegando meu celular para avisar Madalena que não voltaríamos hoje.

Joaquim deita ao meu lado e me puxa para perto, mas ele quem deita em cima de mim, enrolando suas pernas entre as minhas, me fazendo dar um sorriso.

— Quer sair para jantar ou pedir algo? — ele pergunta e pega o próprio celular, pesquisando no aplicativo de celular com a localização os restaurantes que tem perto de nós.

— Acho que não tenho forças para sair daqui — respondo e largo o celular, fechando os olhos e me esticando na cama enquanto faço carinho nos cabelos de Joaquim que está deitado em cima de mim. — Você é igual o Afonso, né? Não tem noção do próprio tamanho.

Joaquim dá risada e me beija.

Olho para ele e dou um sorriso, pois lembro que a última vez que me senti bem assim com alguém, foi com ele também.



Acordo com alguém beijando meu pescoço, mas quando abro os olhos percebo que ainda é noite, pois o quarto continua escuro e a única luz que entra é a da cortina aberta e da televisão ligada.

Joaquim me encara quando percebe que eu estou acordada, então volta a beijar meu pescoço.

— Que horas são? — pergunto, ainda desorientada. Dormimos logo após jantar o que havíamos pedido, pratos do próprio hotel.

— É madrugada ainda, — ele responde e me puxa para cima dele, me fazendo perceber que ele já estava excitado e duro. — Cavalga em mim.

E em poucos minutos já não consigo mais conter os gemidos enquanto Joaquim me leva a loucura mais uma vez.



Joaquim sobe comigo assim que chegamos no prédio, perto das dez horas da manhã. Me sinto exausta e poderia dormir a tarde inteira devido o cansaço do dia anterior e parte da madrugada, já que Joaquim mal me deixou dormir.

— Vai ficar em casa? — ele pergunta assim que abro a porta e ele se apoia com um braço, me dando um beijo novamente, apesar de ter já me beijado algumas vezes no carro assim que parou.

— Vou, preciso organizar alguns moldes para começar algumas produções para vender — respondo e beijo ele de volta mais uma vez.

Ouvimos a porta da frente abrir e sorrimos um para o outro, sabendo que provavelmente Madalena ouviu a gente e estava curiosa. Joaquim se afasta e encara a mãe, que encara nós dois com um sorriso também.

— Finalmente, achei que iam morar em Angra pela demora.

— Que exagerada, Madalena — Joaquim brinca e se afasta, dando um beijo na mãe e entrando pelo apartamento, provavelmente buscando algo para comer antes de sair. Dou um sorriso para ela e ela parece inocente, mas sei que ela vai encher Joaquim de perguntas sobre nosso passeio assim que ficar sozinha com ele.

— Se quiser almoçar comigo, está convidada.

— Claro, vou sim, mas vou organizar minhas coisas primeiro.

— Tudo bem, estou te esperando.

CAPÍTULO 12

A semana passa rapidamente e vejo Joaquim apenas uma vez, quando ele veio ver a mãe um dia depois do treino a tarde, mas estou tão ocupada montando algumas peças para vender e divulgar que mal consegui parar. Cristine veio até meu apartamento na terça-feira para tirar as medidas e me mostrar os modelos que quer para os dois vestidos que precisa, ela também trouxe um bolo e tomamos café juntas à tarde enquanto conversávamos sobre as opções de vestido para ela. Fico feliz e agradeço quando ela divulga meu nome e passa meu contato para algumas amigas, enviando também os desenhos de vestidos e roupas que fiz durante os últimos dias, pronta para divulgar meu trabalho.

Não fui ao jogo do último domingo, o mesmo que Joaquim tinha me convidado, mas acompanhei Madalena e assisti com ela. Ele me convidou mas avisou que depois do jogo precisaria ir para uma festa de uma empresa patrocinadora do Santa Rosa, então ele como capitão não poderia faltar, mas também não poderia levar nenhum acompanhante, então decidi não ir para não voltar sozinha tarde da noite e com toda a movimentação do jogo pelas ruas.

Na quarta-feira, quando ele apareceu por aqui, ficou apenas alguns minutos comigo antes de ir embora depois de jantar com a mãe, já que no dia seguinte viajaria cedo para um jogo em São Paulo pela Copa do Brasil, que seria na quinta à noite. Ele apenas passou para dar oi e um beijo, mas conversamos durante a semana inteira por mensagem.

Por sorte, o Santa Rosa venceu o jogo de volta e se classificou para as quartas de final da Copa do Brasil, com gol de Zé e Joaquim, que mais uma vez comemorou o gol como tem feito nas últimas semanas. Após o jogo, mandei mensagem parabenizando ele pelo jogo e pelo gol, mas ele me respondeu apenas de madrugada, quando eu já estava dormindo, então não conversamos mais desde então.

Na sexta à tarde vou até uma loja de tecidos que encontrei na internet para comprar os dois tecidos que preciso para fazer os dois vestidos de Cristine, e no meio da tarde, Paula me envia uma mensagem me convidando para um jantar na casa dela à noite, apenas um evento comum entre ela e o marido. Respondo a mensagem e confirmo presença, pensando que provavelmente verei algumas pessoas já conhecidas por mim e será bom rever todo mundo que fazia parte do meu círculo de amizades na época.

Assim que chego em casa tomo banho e começo a me arrumar, escolhendo uma calça verde de tecido e uma blusinha branca, já que agora as coisas que Mirtes enviou chegaram e tenho mais opções de roupas para usar. Faço uma maquiagem básica e leve e deixo o cabelo solto, então perto das sete da noite peço um carro de aplicativo para ir até o prédio onde Paula mora, em Ipanema.

Joaquim não me respondeu durante a tarde, mas ele já tinha me avisado que teria treino a tarde e coletiva de imprensa após o treino, e como Paula me convidou no meio da tarde, também não sei se ele estará presente.

Assim que saio do apartamento, Madalena está no corredor prestes a entrar em casa, ela sorri quando me vê e me cumprimenta.

— Vai sair com o Joaquim? — ela pergunta, pois também não deve ter falado com o filho durante o dia.

— Não, Paula me convidou para um jantar hoje. Não sei se ele vai.

Recebo uma notificação no celular e é o motorista do carro avisando que está em frente ao prédio me esperando, então me despeço de Madalena e corro escada abaixo para não deixar ele esperando muito tempo.

Meia hora depois estou acompanhando Paula até a área de festa do prédio onde está acontecendo o churrasco, já que ela avisou que o apartamento é pequeno para as pequenas festas que ela gosta de fazer para os amigos, então sempre faz na área de festa do prédio que conta até com piscina.

Fico um pouco tímida quando entro no ambiente e vejo diversos rostos conhecidos ali, então começo a cumprimentar um por um e até pedindo desculpas para alguns por não ter mantido contato com eles. Gabriela está casada e tem uma filha, Jorge está casado, Miguel divorciado e com dois filhos, Bianca é mãe solo de uma menina, e algumas outras pessoas. O fato de todos eles ainda serem amigos e continuarem a se reunir me deixa feliz, porém triste ao perceber quantos anos perdi com eles e acabei ficando sozinha.

— E você, Laura, como está? — Bianca pergunta, sentando ao meu lado enquanto me oferece uma taça de vinho. Estamos sentados em círculo ao redor da bancada onde o marido de Paula assa carne com a ajuda dela, então podemos conversar facilmente. — Casada?

— Estou me divorciando agora, mas fiquei casada por três anos.

— Jura? Não deu certo?

— Não, ele me traiu com a minha melhor amiga, além de sempre ter dado prioridade pro trabalho.

Jorge assovia quando conto que fui traída com a minha amiga, então dou risada. Não fico mais triste por isso, me sinto aliviada desde que percebi que agora minha vida está apenas por minha conta e não preciso mais me preocupar com o que os outros vão dizer, como aconteceu por

todos os anos em que estive com Marcos, que controlava até mesmo o que eu comia ou vestia.

— Não estou triste, na verdade me sinto aliviada por ter saído desse casamento.

— Só falta tirar a aliança do dedo, né? — a esposa de Jorge, Duda, fala, então olho para minha mão e percebo que ainda estou usando a aliança.

Nem tinha me dado conta disso, que sequer tirei a aliança dos dedos. Levanto minha mão e encaro, então tiro e guardo na bolsa que estava pendurada na cadeira onde eu estou sentada, deixando para decidir depois se é melhor eu vender ou mandar fazer alguma outra jóia com ela. Paula aplaude quando vê que tiro a aliança e solta um grito, comemorando e me abraçando, e dou risada da empolgação dela.

— Agora sim, pronta pra vida de solteira de novo — Bianca fala e comemora. — Já vou te levar comigo para algumas festas, logo vai arrumar um namorado gato.

— É Duda, só não deixa o Joaquim ouvir isso — Paula fala e todo mundo me encara, então dou de ombros, deixando claro que estamos tendo algo novamente.

— Mentira? — Miguel pergunta, ainda em choque. — Eu esperava tudo, menos isso. Agora faz sentido o Joaquim sempre achar defeito nas namoradas que ele tinha, faltava a Laura na vida dele.

Todo mundo dá risada, então me contam sobre os anos que passei longe e as namoradas que Joaquim teve. Uma era muito alta, outra era muito baixa, outra ele se incomodava com o jeito que comia e outra ele se incomodava com o jeito que ela falava, então Miguel disse que ele desistiu de namorar e começou a aproveitar a vida sozinho, tendo apenas casos mas

nunca um compromisso, e pelo jeito isso era motivo de risada entre eles, já que tinham apelidos estranhos para todas elas.

— A mente humana é engraçada mesmo, sempre achei estranho as namoradas dele ter um traço parecido com os da Laura — Gabriela fala e todos concordam, me deixando envergonhada.

Paula chama as crianças para comer quando serve em uma travessa algumas torradas com creme, servindo algumas para nós depois.

— Você nunca quis ter filhos? — Augusto pergunta. Achei legal o fato de ele e Paula continuarem amigos e não terem se afastado, já que o grupo de amizade é o mesmo, e vi que ele e o marido dela são amigos, já que conversaram desde que Augusto chegou com a namorada, Viviane.

— Sim, eu quero, na verdade, mas com Marcos nunca tive certeza disso — respondo a ele. Marcos sempre dizia que queria ter uma família e minha sogra me pressionava para engravidar, mas eu sempre falava para Marcos que era melhor engravidar quando ele se afastasse um pouco da política, o que nunca aconteceu, o que também é ótimo.

— E você ainda costura? — Miguel perguntou.

— Não estava mais costurando desde que saí de São Paulo, mas agora preciso pensar em algo, estou criando algumas peças para uma marca, mas já tenho alguns pedidos de vestidos para casamento e de madrinha — respondo, lembrando das duas amigas de Cristine que me mandaram mensagem solicitando vestidos também.

— Você faz vestidos de noiva? — Viviane, a namorada de Augusto, pergunta. — Minha irmã vai casar em alguns meses mas ela não achou nada ainda e o preço é absurdo em alguns ateliês.

— Faz tempo que não faço vestidos de noiva, mas é o que mais gosto de fazer — respondo e logo ela fala que vai me indicar para a irmã, prometendo me mandar mensagem.

Sorrio sozinha ao perceber que minha vida está se erguendo de novo no lugar de onde eu nunca deveria ter saído, mas às vezes nos afasta de tudo para aprendermos a dar mais valor para aquilo que nos faz bem.

Paula fala sobre o próprio casamento de anos atrás, reclamando do preço dos vestidos enquanto procurava e mais uma vez brigando comigo, mas apenas de brincadeira, por ter ido embora e não ter feito o vestido dela. Viviane fala que quando casar fará o vestido comigo, e propositalmente fala em voz alta para Augusto ouvir, que apenas ouve e finge que não é com ele, arrancando risada de todos nós enquanto muda de assunto.

— Tio Joaquim — as crianças, que estavam brincando, gritam e correm até a porta, onde Joaquim se abaixa e abraça elas ao mesmo tempo. Ele usa um vans preto, uma bermuda bege e uma camiseta preta, que logo fica com marcas de comida quando a filha de Bianca passa as mãos sujas para abraçá-lo.

— Olha só, vocês cresceram uns dois metros desde a última vez que vi vocês — ele brinca com elas, pegando o filho mais novo de Miguel e o mais novo entre eles e jogando para cima. Joaquim ainda não me viu, já que estou sentada no canto da bancada, mas assim que ele coloca o pequeno no chão e olha para o pessoal, me nota. Ele cumprimenta todos rapidamente, me deixando por último, e sinto o coração disparar assim que ele vem em minha direção e me abraça por trás, colocando os braços ao redor do meu pescoço e deixando um beijo nos meus cabelos e em seguida em meus lábios, não fazendo questão de esconder nada. Percebo o silêncio e noto que todos estão encarando nós dois, mas assim que Joaquim me larga e olha para eles, eles voltam a conversar, exatamente como a cena de um filme.

— Não sabia que você estaria aqui — ele fala baixo, apenas para mim.

— Paula me convidou hoje a tarde, então nem eu sabia que viria.

— Desculpa não te mandar mensagem, fiquei sem bateria ao meio dia e nem fui para casa ainda, meu celular está descarregado.

— Tudo bem, eu passei o dia ocupada também, fui atrás de tecidos a tarde para fazer os vestidos que Cristine encomendou.

Ficamos mais um tempo conversando e Joaquim continua me abraçando, sempre deixando beijos em meus cabelos ou fazendo carinho.

Pelo que percebo, ele é adorado pelas crianças aqui também, e não apenas pelos sobrinhos, já que o tempo inteiro eles vem até ele pedir algo ou mostrar o que aprenderam, e Joaquim sempre dá atenção para cada um, até mesmo parando um assunto com alguém para falar com os pequenos.

A noite passa rapidamente e quando Miguel anuncia que vai embora, já que os filhos estão caindo de sono, vejo que já passa da meia noite. Bianca também chama a filha para ir embora e se despede, saindo com Miguel e os filhos.

— Eu te levo — Joaquim fala assim que abro a boca, bocejando.

— Não precisa, peço um Uber, não é caminho pra você.

— Laura, para de ser teimosa, não vou te deixar andando de Uber essas horas.

Sei que não é uma discussão que vou ganhar, então concordo e logo nos despedimos dos demais, saindo juntos do prédio. Procuro o carro de Joaquim, um Audi Q4 igual ao carro de Marcos, mas não encontro, então continuo parada enquanto ele anda até uma Lamborghini Urus preta.

— Ah, mentira — falo incrédula, negando com a cabeça quando ele desativa o alarme do carro.

— O que foi? — ele pergunta assim que percebe que ainda estou parada no mesmo lugar.

— É lógico que você não teria apenas um Audi, né?

Ele dá risada da minha fala.

— Esse é só para ocasiões especiais — ele abre a porta do carro para mim, mas fazendo biquinho com a boca pedindo por um beijo. Dou um sorriso e deixo um beijos nos lábios dele, entrando no carro e logo em seguida ele fecha a porta, andando rapidamente até o lado do motorista.

— E qual seria a ocasião especial?

— Levar minha gata pra casa.

— Entendi.

— Mas seria melhor se eu levasse ela para a minha casa — ele me olha disfarçado, mas sorrindo.

— Não trouxe roupas, não trouxe nada.

— Eu já disse, você nem precisa ficar de roupas lá em casa — solto uma risada alta com a cara de pau dele. — Dorme comigo?

— Argg, tá bom, mas amanhã de manhã você me leva pra casa.

— Sim senhora.



Sinto algo pesado nas minhas pernas e acordo, percebendo tudo escuro no quarto de Joaquim. Ele segura minha cintura com força enquanto dorme, como se não quisesse que eu fosse embora, enquanto as pernas pesadas dele estão jogadas sobre mim. Ergo o pescoço e vejo Afonso rodando na cama, procurando uma posição confortável, e nem lembro do momento que ele entrou no quarto ou se foi Joaquim quem deixou ele entrar, já que capotei assim que deitamos na cama, perto das três da manhã depois de transar uma vez no sofá e outra no chão da sala.

Afonso deita e me olha, em seguida deitando novamente e fechando os olhos. Sinto Joaquim se aconchegar em mim, me puxando para mais perto, então deito novamente e mais uma vez pego no sono da melhor maneira possível.

CAPÍTULO 13

Solto um suspiro pesado ao abrir o instagram e dar de cara com mais uma foto de Joaquim na festa de uma influencer famosa, uma tal de Joana Bittencourt, que é conhecida por várias pessoas famosas. Joaquim me mandou mensagem durante o dia, avisou que iria até a festa, mas não imaginei que seria tão grandiosa a ponto de sair fotos da festa o tempo inteiro no Instagram e milhares de comentários de pessoas falando que dariam tudo para estar presentes também.

Já vi pelo menos dez fotos dele em diferentes páginas que ganham dinheiro falando sobre famosos e que pelo jeito adoram falar dele também. Notei em algumas fotos Joaquim cercado de várias mulheres que pareciam olhar para ele como se fosse um pedaço de ouro, pois nos vídeos que eu vi, onde ele estavam, elas iam atrás.

Jogo o celular no sofá decidindo parar de ver qualquer coisa sobre essa festa, pois começo a sentir ciúmes dele rodeado de mulheres. Sei que não posso exigir nada, nem sei o que temos ainda, mas é inevitável não pensar na quantidade de mulheres lindas em cima dele na festa.

Já passa das onze da noite mas continuo sem sono, apesar de ter acordado cedo, então levanto do sofá e ando até meu antigo quarto e pego o tecido rosa que comprei para o vestido de Cristine, então começo a cortar os moldes para passar o tempo e parar de pensar em Joaquim, pois cada vez que penso nele, meu ciúmes aumenta.

O tempo inteiro pego o celular apenas para ver se ele mandou alguma mensagem, mas nada chega, o que deixa claro que ele está aproveitando a festa. Madalena foi dormir na casa de Hugo para cuidar das crianças enquanto ele e a esposa saiam para um jantar de trabalho.

Uma hora e meia depois e todos os moldes cortados e organizados, decido me forçar a dormir, então vou em direção ao meu quarto, apago todas as luzes e me deito, decidindo abrir o Instagram e ver se há alguma novidade.

Me arrependo assim que a página atualiza.

— Meu Deus… — falo, sentindo o coração acelerado.

A foto que é seguida por um vídeo onde mostra Joaquim saindo da festa com uma loira, entrando no carro dele enquanto conversam, e todas as pessoas na saída da festa chamam por ele, que ignora enquanto passa.

A mulher também não fala nada no vídeo, só fala quando entra no carro de Joaquim, e assim que ele dá partida no carro, o vídeo acaba e começa novamente. Meus olhos enchem de lágrimas, mas lembro que não posso cobrar nada dele, tampouco ficar brava com o que vi.

Joaquim Calenari (zagueiro e capitão do Santa Rosa) e Sophia Belmonte (modelo) saem juntos da festa da atriz e influencer Joana Bittencourt. Fontes afirmam que os dois estavam bem próximos durante a noite, alguma opinião sobre os pombinhos?

Clico no usuário dela que está marcado no vídeo junto com o usuário de Joaquim e começo a olhar as fotos postadas. Sinto mais uma pontada de ciúmes ao perceber que Joaquim segue ela no Instagram e até curte algumas fotos. A maioria das fotos postadas é de biquíni mostrando o glorioso corpo que tem, me deixando ainda mais triste ao notar que jamais chegarei perto de ter um corpo assim.

Bloqueio o celular e deixo na cômoda ao lado da cama, fico olhando para o teto por alguns minutos me sentindo uma idiota por ter achado que Joaquim deixaria a vida de jogador por minha causa. É claro que é muito melhor ter várias mulheres, festas, e provavelmente é o desejo dele assim como de todos os outros jogadores.

Meu celular vibra com uma notificação e ignoro no primeiro minutos, mas pego o celular logo após.

Joaquim: Estou com saudades.

Não respondo.



Joaquim me envia mais duas mensagens pela manhã perguntando se estou ocupada e se está tudo bem, também envia um vídeo dele correndo com Afonso pela orla da praia, mas não respondo nenhuma das mensagens.

Passo a manhã inteira montando peças e almoço já depois do meio dia. Madalena ainda não está em casa pelo visto, pois não há nenhum cheiro de comida pelo corredor e nem música tocando alto, o que é costume quando ela está.

Joaquim: Aconteceu algo? Estou preocupado.

É a mensagem que ele envia quando deito no sofá depois de almoçar, descansando um pouco antes de voltar a costurar, pois estou morrendo de dor nos braços. Me sinto mal por não responder, mas ainda me sinto

chateada pelos vídeos e fotos da noite anterior. Visualizo a mensagem mas não respondo, então depois de cinco minutos pensando, pego o celular novamente.

Laura: Não :).

Joaquim me responde novamente alguns minutos depois, enquanto vejo vídeos de receita no Instagram, meu novo vício.

Joaquim: Ah, menos mal :).
Joaquim: Quer sair para comer algo hoje? Ou vir aqui em casa?
Laura: Não, estou ocupada.

Deixo o celular de lado, ficando brava novamente quando percebo que Joaquim está agindo normal comigo, então volto a organizar minhas coisas durante a tarde, sem pegar meu celular para ver se ele me respondeu ou mandou mais alguma coisa.

Deixo os dois vestidos que preciso entregar praticamente prontos. A melhor forma de ter criatividade e ser produtivo é querer se desligar do mundo todo e enfiar a cara no trabalho, apenas para não pensar em nada.

Agora estou jantando sozinha, preparei apenas frango e salada, já que ter visto fotos da tal Sophia magérrima fez eu me sentir mal por jantar tanto carboidrato todos os dia, e além disso, não cuidei da minha alimentação desde que voltei de Brasília. Estou mastigando um pedaço de carne encarando a parede quando Joaquim entra no meu apartamento sem nem bater na porta. Ele anda rápido até mim, parando em frente a mesa.

— Tá legal, o que aconteceu? — Joaquim pergunta logo em seguida.

— Você não sabe bater na porta?

— Não. Você não me respondeu mais.

— Devo ter esquecido.

— Laura, o que aconteceu? — ele insiste mais uma vez e se sente à minha frente na mesa. Continuo comendo lentamente, sem responder.

— Não aconteceu nada.

— Tem certeza? Por que você está assim comigo o dia inteiro?

— Eu estou normal, estou jantando.

Joaquim suspira e se encosta na cadeira, passando a mão sobre o rosto. Ele espera alguns segundos antes de perguntar novamente.

— Laura, mais uma vez. O que aconteceu?

Não respondo. Termino de jantar e Joaquim continua sentado me observando a cada passo, esperando por uma resposta. O fato de eu não responder confirma a ele que algo realmente aconteceu, mas não sei como falar já que ele não me deve satisfação.

— Foi embora tarde da festa ontem? — pergunto como quem não quer nada, mas Joaquim solta uma risada irônica.

— É claro que é isso — ele fala, mais para ele mesmo do que pra mim. — Sim, perto das duas horas da manhã.

— Ah ta, imaginei.

— Viu alguma coisa no Instagram?

— Eu deveria?

— Provavelmente sim, já que você segue umas quinze páginas de fofoca diferentes.

— Eu não sigo tudo isso! Só duas.

— É, e que postam besteiras tiradas de outra realidade. Você está brava por que eu fui embora com a Sophia? — ele pergunta, dessa vez sério.

— Claro que não, você não me deve nada — respondo e começo a lavar a louça do jantar. Joaquim levanta e vem até mim, parando ao

meu lado e apoiado de costas na pia da cozinha.

— Laura, por favor, fala comigo? Igual uma adulta.

Suspiro e desligo a torneira, secando as mãos em um pano de louça.

— Você está brava? — ele pergunta mais uma vez.

— Não. Estou chateada — respondo. — Me sinto uma idiota por ter achado que você faria diferente.

— Eu não fiquei com ela, a Sophia é uma amiga e conhecida minha há anos — ele responde e se aproxima. — Eu nunca fiquei com ela, Laura. Ela está quase namorando o Cadu, o ponta do time, eu só dei uma carona pra ela até a casa dele, já que ele mora perto de mim.

— Mas a página que eu vi falou que vocês estavam próximos na festa.

— Laura, tudo o que eles postam é apenas pras pessoas comentarem, eu estava próximo dela assim como de qualquer outro amigo meu — ele fala e passa os dedos pelo meu cabelo enquanto eu o encaro. — Não fica chateada comigo, tá? Eu não fiz nada e jamais faria algo assim com você.

Agora me sinto uma idiota por ter tratado ela mal durante o dia, e percebo que em momento algum vi nada sobre mãos dadas, beijos, como algumas pessoas comentavam nas publicações. Meu olho enche de lágrima, mas agora me sinto envergonhada.

— Me desculpa? — ele pergunta, me abraçando e deixando um beijo na minha testa.

— Eu tenho que pedir desculpas. Desculpa pela forma como te tratei hoje.

— Fiquei preocupado pra caramba, sabia? Cheguei a pensar que você poderia estar indo embora de novo.

Me sinto culpada mais uma vez, já que quando fui embora para São Paulo, me afastei dele aos poucos. Dou um sorriso triste para ele e aperto meus braços ao redor dele, encaixando minha cabeça no pescoço dele.

Joaquim me ajuda a terminar de limpar a cozinha e vai até a casa de Madalena ver ela, mas volta pouco tempo depois para cá com uma mochila com roupas e outros itens, avisando que passará a noite comigo.

Sorrio sozinha enquanto tranco a porta e apago as luzes da sala, seguindo Joaquim até o banheiro para tomar banho, onde vejo que ele começa a abrir todas as portas das bancadas para ver o que comprei. Deitamos na cama juntos assistindo um filme que passa na televisão, e mais uma vez, caio no sono no maior conforto que existe.

CAPÍTULO 14

— Se precisar de qualquer coisa fala com o Caio, ele vai ficar aqui na área pros familiares também, tá? — Joaquim fala assim que abre a porta do camarote ou sala destinada para os familiares e amigos dos jogadores, entro com ele e já vejo Cristine e Pâmela sentadas nas cadeiras, e elas acenam assim que veem eu e Joaquim entrando. Ele está vestido para o aquecimento antes do jogo, mas ficou me esperando até eu avisar que estava entrando no estádio, já que ele vai até lá com o time e eu precisei ir de uber, então assim que entrei com o crachá, ele veio me encontrar, precisando desviar de centenas de torcedores que encontravam ele pelos corredores.

— Joaquim, eu vou ficar bem, você já falou isso dez vezes — respondo parando na frente dele, que fica me encarando.

— Eu sei, eu sei, mas fico preocupado com você sozinha aqui — ele fala e me dá um selinho. Dou um sorriso para ele e aviso que vou ficar bem.

— Qualquer coisa eu grito daqui.

Joaquim se despede e sai correndo pela porta, provavelmente já atrasado para começar o aquecimento no campo. Vou até onde está Cristine e Pâmela e sento junto com elas, já que não conheço as outras pessoas que estão ali. Madalena não quis vir mais uma vez, mas avisou que estaria assistindo pela televisão e se o Santa Rosa se classificasse, ela iria para a final.

Duas semanas se passaram desde que Joaquim apareceu na minha casa depois de eu passar o dia ignorando ele, e desde então estamos indo

bem, mas nada sério ainda. Madalena não esconde os sorrisos quando percebe que Joaquim vem com roupas para dormir na minha casa ou quando vou dormir na casa dele, inclusive, em um dia que estávamos costurando juntas mais uma vez, ela disse que estava feliz por eu ter voltado para a vida do filho.

É a primeira vez depois de mais de dez anos que vou assistir um jogo de Joaquim, porém, no Portobello o estádio não chegava a metade do que é o estádio do Santa Rosa. Aqui, para todos os lados onde a torcida começa a chegar e se organizar eles começam a cantar e vibrar e mostra o motivo de ser a maior torcida do Brasil, me deixando arrepiada.

Mais familiares e amigos dos jogadores chegam antes do jogo começar e percebo que muitos me encaram quando veem que o nome e número estampados na minha camisa é o de Joaquim.

— Por que todo mundo me encara quando entra? — pergunto à Lorena, que chegou poucos minutos atrás.

— Não é sempre que o capitão traz alguém sem ser a família, né? — ela responde e dá risada quando eu fico vermelha. — Ele já trouxe alguns amigos, mas sempre com a família, então você estar aqui sozinha significa algo.

Logo a partida inicia e os jogadores entram em campo, cantando o hino logo em seguida. Joaquim, por ser capitão, participa do sorteio inicial e o Santa Rosa fica com a posse de bola para iniciar, e a torcida começa a cantar as músicas da torcida organizada que lota o estádio.

O primeiro tempo está parado apesar de o Santa Rosa ter mais posse de bola, e nenhum gol sai. Percebo Joaquim frustrado assim que ele sai para o vestiário no intervalo e passa pelo meio da torcida que grita. As três vezes que ele chutou para o gol, o goleiro defendeu, mesma coisa com os outros jogadores que tentaram.

— Tomara que não vá para os pênaltis, fico muito nervosa — Lorena fala enquanto comentamos sobre o jogo. A torcida continua cantando, dando forças para os jogadores que a cada minuto em campo sem gol, ficam mais afobados.

— Nas oitavas de final da Libertadores do ano passado eu achei que ia para o hospital, de verdade — Pâmela comenta.

— Por que? — eu pergunto, já que não assisti nenhum jogo.

— Eles estavam com dois jogadores a menos no campo por causa de expulsão, conseguiram manter o jogo empatado e foram para os pênaltis.

— Nossa, a gente ficou o jogo inteiro abraçadas e eu acabei com as minhas unhas de roer por nervosismo — Lorena fala.

— Por sorte o goleiro pegou um pênalti, então eles foram classificados, mas eu passei tanto nervoso que não quero nunca mais passar por isso.

— Eu ficava muito nervosa quando o Joaquim jogava para o Portobello também, odiava quando ia para os pênaltis.

Os jogadores entram em campo novamente e vão até seus lugares, esperando o juiz apitar para iniciar o segundo tempo. O Santa Rosa parece mais focado agora, porém o outro time também, os dois brigando por um gol.

Quando o outro time está na área do Santa Rosa, Joaquim tenta defender a bola mas a bola volta e bate no braço dele, então a torcida grita quando o juiz para o jogo para verificar se é pênalti para o rival ou não. Joaquim, por ser capitão, discute com o juiz sobre a jogada, mas é pênalti para o outro time. Vejo Joaquim bravo em campo, assim como os outros jogadores do Santa Rosa. Por conhecer ele, sei que ele está bravo com ele mesmo pela jogada e provavelmente vai se culpar por um tempo até aceitar que todos erram.

O goleiro não consegue defender a bola por ser chutada muito forte, porém encosta na bola ao se jogar para o lado direito, mas não consegue espalmar e jogar para fora. Fico nervosa ao ver os jogadores nervosos, sabendo que se não passarem, são eliminados.

Três minutos depois, Zé faz o primeiro gol do Santa Rosa, fazendo Lorena gritar e pular onde estávamos, e a torcida vai a loucura quando o jogo empata.

O outro time busca ir atrás de outro gol, mas após fazer o primeiro gol o Santa Rosa parece mais ofensivo e defensivo, então continuam com a posse de bola. Em um escanteio cobrado, Joaquim consegue fazer um gol de cabeça e eu grito e comemoro onde estou, então ele corre pelo campo até ficar na frente de onde estou e aponta os dedos para mim fazendo um “L” novamente, então faz um coração com as mãos e a torcida inteira olha para o mesmo lugar que ele, e entro em pânico ao perceber todo mundo olhando para mim, mas Lorena me cutuca e eu dou um sorriso, fazendo um coração para ele também.

— Olha só, assumiu — as meninas gritam e dão risada junto comigo.

— Assumimos nada, nem estamos namorando ainda — respondo, mas sentindo meu coração acelerado e apaixonado.

— Isso é só questão de tempo, amiga.



O jogo termina em 3x1 para o Santa Rosa para a felicidade de todos. Há muito tempo não tinha a experiência de ver um jogo de um time tão grande. Permaneço mais um tempo no estádio até Joaquim me enviar uma

mensagem avisando que precisa ir até o centro de treinamento de ônibus com o time para buscar o carro.

— Laura, vamos lá em casa também? — Cristine pergunta quando estamos saindo. — Acho que todo mundo vai, só pra comemorar.

— Não sei, o Joaquim vai?

— Lógico, ele é o capitão, provavelmente o Johnatan vai chamar ele agora.

— Me dá uma carona?

— Claro, pode ir comigo e eles vão até lá depois.

Laura: Estou indo até a casa da Cristine, você vai também?
Joaquim: Sim, Johnatan acabou de chamar. Vc vai com quem?
Laura: Cristine me dá carona.
Joaquim: Beleza, te vejo lá.

Cristine leva eu e Pâmela enquanto Lorena vai sozinha, já que também veio de carro. O caminho não é tão longo e logo chegamos, mas provavelmente Joaquim demorará um pouco para chegar já que eles tomam banho antes de ir para o centro de treinamento pelo que Lorena falou.

A casa deles é linda e enorme, e ficamos na área da piscina até os primeiros começarem a chegar. Johnatan chega primeiro, seguido de Zé e mais dois jogadores que vi no campo, mas não conheço ainda. Mais algumas pessoas vão chegando e se apresentando, já que não conheço quase ninguém ainda.

— Quer dizer que a Laura existe mesmo? — um jogador moreno e alto pergunta assim que me vê e me cumprimenta, me fazendo sorrir. — Todo mundo achou que o capitão estava inventando já que ninguém nunca te via.

— Quieto, Lopes — Ouço a voz de Joaquim atrás dele, então ele se aproxima e me abraça, me dando um selinho na frente de todos. — Respeita a mulher do teu capitão, por favor.

— Ele sempre usa essa do capitão — Lopes fala, em seguida cumprimenta os outros que estavam ali.

— Mulher do capitão? — pergunto baixo, apenas para Joaquim ouvir, mas sorrindo.

— Lógico, só falta um pedido oficial, mas todos sabem que estamos juntos — ele fala. — Logo será a primeira dama do Santa Rosa.

— Eu gosto desse título.

CAPÍTULO 15

— Afonso, devolve o chinelo da mamãe — Joaquim grita e sai atrás do cachorro que pegou meu chinelo e sumiu pelo apartamento.

Dou risada quando vejo pelo espelho do closet Afonso passar correndo e subir na cama, e Joaquim tentando pegá-lo, mas o cachorro desvia e corre para o corredor novamente com o meu chinelo na boca, então Joaquim vai atrás novamente.

Já faz dois meses que voltei para o Rio de Janeiro e tudo parece em seu devido lugar. Depois da semifinal onde Joaquim comemorou fazendo coração para mim, o Instagram inteiro me encontrou. Saíram diversas fotos e vídeos do momento que Joaquim comemora e eu retribuo o coração, então na primeira hora após o jogo meu Instagram já tinha mais de cinquenta mil seguidores, o que é muito, já que eu tinha apenas trinta seguidores por ter criado há pouco tempo.

Joaquim postou uma foto comigo após o jogo também, onde ele estava sentado em uma cadeira na casa de Cristine e eu estava sentada em uma das pernas dele, uma foto que Pâmela tirou e mandou para ele, então ele postou. A foto tinha mais de dez mil comentários, alguns falando algumas coisas fofas sobre nós e outros de torcedoras comentando que estavam tristes por ele estar namorando ou me chamando de feia. Joaquim me fez prometer que não ficaria lendo os comentários e que nem ele faz isso, mas às vezes era inevitável não ler.

Joaquim me pediu em namoro três dias depois do jogo, totalmente não romântico mas do jeito dele. Estávamos em uma praia do Rio mais reservada, então quando nós dois estávamos sentados e eu reclamando do calor que fazia comendo um milho, ele apenas me olhou e perguntou se eu queria namorar com ele. Dei risada da pergunta mas vi que ele estava falando sério quando ele não riu, porém, com toda a certeza, aceitei o pedido.

Hoje é o jogo da final da Copa Libertadores e Joaquim está nervoso e ansioso a semana inteira. Ele acorda durante a noite e não dorme mais, come mais do que o normal para conter a ansiedade e me perturba o dia inteiro com perguntas que nem fazem sentido, mas relevo por estar nervosa também. Dormi na casa dele essa noite e preciso levar ele até o centro de treinamento para ele ir com o time até o estádio onde será a final, que não é o estádio do Santa Rosa, mas pelo menos é no Rio de Janeiro também.

Madalena vai com Hugo para o jogo, pois, como ela mesmo disse, só vai nas finais aos estádios, pois não gosta do barulho e fica incomodada.

— Estou pronta — falo quando chego até a sala e vejo Joaquim escondendo meu chinelo no alto para Afonso não pegar novamente. — Você não tem brinquedos, neném? — faço voz de criança para Afonso, que vem até mim e pula nas minhas pernas.

— Não sei por que gastei dinheiro em brinquedos se ele gosta de tudo, menos dos brinquedos — Joaquim fala. Ele pega a bolsa esportiva com a logo do time e com as roupas para usar após o jogo e saímos em direção ao elevador.



— Isso foi falta — Lorena grita no meu ouvido, me dando um susto enquanto assistimos o jogo. Madalena já está quase roendo as unhas também e Hugo está em pé com a mão na cabeça desesperado vendo o jogo. Sara está sentada ao meu lado, mas meu coração já está acelerado de ansiedade. O jogo está empatado 1x1 no início do segundo tempo e o time argentino parece que foi treinado para atacar e machucar os jogadores do Santa Rosa, pois a cada minuto tem alguém caindo no chão.

Por sorte o Santa Rosa consegue marcar mais um gol, levando o estádio inteiro aos gritos de comemoração, e todos nós comemoramos o gol de Zé.

O problema é que Joaquim não levanta enquanto o time comemora.

O juiz apita para pausar o jogo enquanto me levanto para observar, assim como Madalena, ele está se contorcendo e gritando, colocando a mão no tornozelo. Os companheiros do time percebem que ele não vai comemorar com eles e param, correndo até o capitão vendo o que aconteceu. O telão reprisa a imagem onde Joaquim pula para tentar cabecear a bola, mas um jogador do time adversário empurra ele enquanto está no ar e ele cai, então outro jogador acaba tropeçando e pisa exatamente no tornozelo dele. Joaquim não levanta e provavelmente avisa que não consegue continuar o jogo, então em seguida os médicos e enfermeiros entram em campo para tirar ele.

O telão mostra exatamente a dor que ele provavelmente está sentindo, já que ele se contorce enquanto é carregado.

— Ah meu filho — Madalena chora quando vê Joaquim ser retirado do campo e Hugo vai até ela, abraçando-a.

— Calma mãe, ele vai ficar bem, não deve ser uma lesão grave — Hugo tenta confortá-la.

— Você sabe se dá pra ver ele agora? — pergunto para Lorena.

— Precisa ir até a enfermaria, mas não sei se te deixam entrar.

— Vou lá.

Saio da área reservada para os familiares rapidamente e corro pelos corredores do estádio atrás de onde fica a enfermaria, provavelmente perto dos vestiários. Levo alguns minutos para achar, mas consigo entrar apenas por mostrar meu crachá de familiar para o segurança, que permite minha entrada.

Encontro Joaquim deitado em uma maca e dois médicos olhando o tornozelo, mas ele sente dor cada vez que eles encostam o dedo para ver. Ele está com um braço sobre o rosto, então assim que retira para tentar olhar o próprio pé, me nota ali.

Me aproximo dele, deixando um beijo na testa dele e abraçando ele, mesmo com ele deitado.

— Já falaram alguma coisa sobre isso? — pergunto, segurando a mão dele, que me encara e logo vira para o lado fazendo careta quando o enfermeiro enfaixa o pé inteiro para imobilizar.

— Acho que vou precisar de cirurgia — ele fala. Sei que desde novo a maior preocupação dele em se lesionar era as longas recuperações, pois as vezes levam meses até voltar a jogar, e por precisar de cirurgia, o caso é mais complicado que o normal. — Está doendo pra caralho.

— Sinto muito — é a única coisa que consigo falar.

— Joaquim, é pior do que pensávamos — o médico fala. Ouço com atenção enquanto ele fala sobre o que pode ser e como funcionará a

recuperação. — No mínimo quatro ou cinco meses sem jogar, capitão.

— Tudo isso? — pergunto assustada, e Joaquim apenas vira o rosto enquanto permanece deitado.

O médico se retira e avisa que logo voltará para levar Joaquim até o hospital para fazer os exames necessários e preparar tudo o que precisa.

— Não acredito que isso aconteceu, que inferno — ele fala bravo. Joaquim coloca as mãos no rosto e chora, mas agora não sei se chora pela dor ou pela notícia de que vai ficar meses sem pisar no campo. — Não posso ficar tudo isso sem jogar, sou o capitão.

Ouvimos a torcida gritar do estádio, o que provavelmente significa que o Santa Rosa faz mais um gol já que a maior parte é a torcida daqui. Joaquim dá um soco na parede, mas acaba se mexendo e geme sentindo o tornozelo doer.

— Não precisa agir assim, Joaquim — falo e seguro a mão dele novamente. — Poderia ser qualquer jogador aqui, e tenho certeza que você vai ter um bom substituto até voltar.

Ele suspira e pede desculpas, então pede ajuda para sentar na maca sem mexer o pé. O médico volta em seguida com mais dois enfermeiros, então eles avisam que Joaquim vai até o hospital hoje mesmo para fazer a cirurgia e começar a fisioterapia e recuperação o quanto antes. Me despeço dele e vou até o vestiário acompanhada de um assistente para buscar as coisas dele, então volto para onde está Madalena para avisar como ele está.

— Ele vai precisar de cirurgia, vai ficar alguns meses em recuperação.

— Que merda — é Hugo quem fala, e Madalena suspira triste.

— Ele nem vai poder comemorar ter ganhado hoje, estava tão contente por ter chegado na final de novo — Madalena fala e me lembro

que uma festa estava sendo organizada já, mesmo sem ninguém ter certeza do resultado, mas por sorte ganharam.

Nos despedimos de todos e vamos embora antes da cerimônia de entrega das medalhas, já que Joaquim não estará ali para receber a dele. Madalena e Hugo vão juntos para casa e eu vou com o carro de Joaquim atrás, porém vou para a casa dele pegar algumas roupas conforme o enfermeiro tinha me pedido, para ele usar, e vou em direção ao hospital acompanhá-lo.



— Quer alguma coisa? — pergunto para Joaquim, que está deitado no sofá do apartamento com Afonso ao seu lado. Parece que ele entende que aconteceu algo, pois desde que Joaquim voltou do hospital no começo da semana, o cachorro não pulou nem subiu nele nenhuma vez, apenas fica atrás do dono acompanhando ele para todos os lados.

— Não, valeu.

— Dá pra parar de me tratar assim? Desde que a gente voltou do hospital você fica me tratando seco — reclamo com ele. Madalena também reclamou do comportamento dele, pois parece que não tem mais onde descontar a frustração por ter se machucado. — Não fiz nada para me tratar assim.

— Desculpa — ele fala e suspira. — Não me conformo por ter me machucado, três meses sem jogar é muito tempo.

— Poderia ser cinco, como te falaram da primeira vez, mas são apenas três — retruco. — A culpa não é sua, acidentes em campo

acontecem o tempo inteiro.

Joaquim permanece em um sofá e eu no outro, para não correr o risco de machucar ele sem querer. Já fazem cinco dias que ele voltou e eu e Madalena sempre revezamos para ficar aqui, já que eu preciso trabalhar durante o dia.

Depois que Cristine divulgou meu trabalho no Instagram e no círculo de amigas dela, diversas pessoas já vieram falar comigo e encomendaram vestidos de festas, até mesmo noivas, então para conseguir deixar tudo pronto estou precisando me multiplicar.

Apesar de Joaquim conseguir fazer tudo por conta própria já que está usando muletas, ele ainda não está bem adaptado e as vezes precisa de ajuda para alguma coisa, por isso ficamos aqui.

— Deita aqui comigo? — Joaquim pergunta e eu o encaro. — Você não vai me machucar.

Levanto do sofá onde estou e vou para perto dele, me acomodando ao seu lado cuidadosamente, virando de costas e ficando na posição de conchinha com ele, já que o sofá é estreito. Joaquim deixa uma mão sobre a minha barriga enquanto a outra estou apoiando a cabeça como travesseiro.

Ele deixa alguns beijos no meu cabelo enquanto um filme continua passando na televisão.

— Eu te amo Laura, te amo muito — ele sussurra no meu ouvido, me puxando mais contra ele e me abraçando. Meu coração acelera ao ouvir e até mesmo sou pega desprevenida, então me viro para ele da maneira que consigo, já que ele me aperta e me segura ainda colada de costas nele.

— O que? — pergunto. Não por não ter o mesmo sentimento que ele, mas apenas pelo susto. Meus olhos lacrimejam e ele solta uma risada baixa.

— Eu te amo — ele repete. — Te amo a minha vida inteira, passei todos esses anos tentando encontrar alguém que fizesse eu sentir o mesmo que eu sinto por você mas nunca encontrei, não dá pra te substituir, você é o amor da minha vida, Laura. No fundo eu sempre tive a esperança de te achar de novo.

Começo a chorar e me desprendo dele apenas para virar de frente e encarar ele.

— Eu me senti culpada por tanto tempo depois que eu fui embora — começo a falar, limpando as lágrimas. — Sempre tive medo de voltar e você não querer mais falar comigo por eu ter ido. Te amo, te amo.

Joaquim me dá um beijo e fica alguns minutos abraçado comigo, apenas me dando carinho enquanto fico com a cabeça encaixada em seu pescoço.

— Obrigada por me deixar voltar — falo, deixando um beijo no peito dele.



Acordo com dor no pescoço por ter dormido em uma posição desconfortável no sofá, mas percebo que Joaquim também continua na mesma posição, sem ter se mexido enquanto eu dormia.

Ainda estou deitada na frente dele na mesma posição que estávamos inicialmente assistindo um filme, mas agora percebo que é outro.

Joaquim percebe que estou acordada pois começa a passar a mão que estava apoiada na minha barriga pelas minhas pernas, me causando arrepios, mas percebo que ele faz de propósito.

— Você não deveria repousar? — pergunto com a voz baixa e ele dá risada, então se inclina e deixa alguns beijos na minha nuca e no meu pescoço, levando a mão até minha bunda.

— Já repousei bastante.

Ele leva uma das mãos entre minhas pernas, me provocando enquanto brinca com a barra do shorts de moletom que eu uso. Fecho os olhos quando Joaquim coloca a mão por baixo do shorts e da calcinha de renda que uso, começando a estimular meu clítoris. Fecho os olhos aproveitando a sensação, e ele mesmo sem mexer as pernas por causa do tornozelo, me puxa para mais perto e me fazendo sentir a ereção dura encaixada na minha bunda.

— Que rápido — falo e levo minha mão para trás, começando a estimular ele ainda por cima do shorts de moletom que ele também usa.

— Tô sempre pronto pra você.

Joaquim me penetra uma dedo, me fazendo gemer, enquanto levo minha mão por dentro do shorts e da cueca dele, começando a acariciar o pau dele totalmente duro. Ele desliza mais um dedo para dentro de mim, me fazendo gemer e acelerar o movimento da minha mão sobre ele.

— Eu amo como você fica tão molhada pra mim — ele sussurra no meu ouvido e deixa uma mordida, me arrepiando. Retiro os dedos de Joaquim de mim e me levanto, retirando a roupa rapidamente enquanto ele se ajeita no sofá, sentando e se encostando, apenas para ficar em uma posição mais confortável. Ele já estava sem camisa, então ele apenas se ergue um pouco e tira o próprio shorts e a cueca boxer que ele usa.

Me aproximo e apoio meus braços no pescoço dele, sempre tendo cuidado para não encostar no tornozelo machucado. Joaquim geme e joga a cabeça para trás enquanto sento lentamente sobre ele, mas ele segura minha cintura e me ajuda nos movimentos de vai e vem cada vez mais rápidos.

Preciso fazer todo o trabalho já que ele não pode ficar apoiado de joelhos em nenhum local, apenas sentado.

Abraço o pescoço dele e acelero os movimentos quando sinto a sensação do orgasmo percorrer todo meu corpo, gemendo alto quando ele continua me movimentando mesmo após eu gozar, até que ele geme algo também e me aperta para baixo, gozando dentro de mim.

Deito a cabeça no pescoço dele para controlar a respiração, assim como ele que também respira fundo. Me sinto mole e anestesiada depois do orgasmo, mal raciocinando.

— Te amo — ele repete.

CAPÍTULO 16

Na segunda-feira passo o dia na correria para terminar mais um vestido, dessa vez o vestido de uma amiga de Pamela, que precisa do vestido hoje para viajar para o casamento. Ela me envia uma mensagem me avisando que está esperando no carro em frente ao prédio, então desço a escadaria correndo com o vestido em uma caixa com meu nome, a logo que mandei fazer para a minha própria marca.

Já fazem duas semanas desde que Joaquim se machucou e o Santa Rosa ganhou a Libertadores. A recuperação dele, por sorte, está indo muito bem e os médicos acreditam que ele voltará 100% aos campos. O técnico do time foi até a casa de Joaquim alguns dias depois de ele voltar do hospital para avisar que o lugar dele como titular e capitão estava reservado para quando ele voltar, então não precisava ter preocupações. Zé assumiu a posição de capitão do time para substituir Joaquim.

Não dormi com ele essa noite pois precisava acordar cedo para conseguir finalizar e entregar o vestido até meio dia, então acordei cedo para finalizar tudo o que precisava.

Joaquim já me mandou dezenas de mensagens pedindo para ir até a casa dele à noite, pois estava com saudades, mas estávamos juntos até a noite anterior.

— Obrigada, Laura, ficou perfeito — Ana fala assim que abre a caixa do vestido, passando as mãos pelo tecido. — Pode acreditar que vai ser o mais lindo, vou passar seu contato para todo mundo.

— Imagina, eu que agradeço — respondo e ela pede os dados para o pagamento, e assim que finaliza se despede com um abraço e entra no carro que estava esperando.

Pego meu celular para responder Joaquim, ainda parada na porta do prédio, já que com toda a correria mal consegui mandar uma mensagem decente.

Laura: Só vou se você pedir comida para mim.

Joaquim: Qual você quiser :).

— Finalmente te encontrei, Laura — ergo a cabeça quando escuto uma voz conhecida, quase deixando o celular cair com o susto.

— Marcos?



— O que você está fazendo aqui? — pergunto assustada.

— Tem noção de quanto tempo eu fiquei te procurando? — ele pergunta, aparentemente bravo.

— Não, você nem deveria ter vindo — respondo e abro a porta do prédio para entrar, mas Marcos me puxa e não permite. — Me solta.

— Laura, a gente precisa conversar.

— A gente não tem nada pra conversar.

— Sim, temos, você me deve isso desde que foi embora.

— Eu não te devo nada, Marcos.

Marcos me puxa de volta e me prende, puxando meu rosto para me dar um selinho, mas me debato e consigo me soltar.

— Qual seu problema? — eu grito, e percebo algumas pessoas na rua olhando para nós dois. — Por que você fez isso?

Marcos parece meio desnorteado quando percebe que fiquei brava com o que ele fez, então suspira e me solta, dando dois passos para trás.

— Eu não vou te obrigar a voltar, Laura, só preciso falar com você — ele fala apressado. — Podemos subir? Não quero conversar com você aqui na rua.

— Não, você não vai entrar na minha casa.

— Então, pode, por favor, achar um lugar pra gente conversar onde eu posso sentar?

Fico encarando Marcos, mas concordo e fecho a porta do prédio, andando na frente dele até a padaria no começo da rua, e não trocamos uma palavra pelo caminho. Estou furiosa por ele ter me beijado a força.

Sinto raiva de Marcos novamente por ter me traído e por ser um babaca, mas se não fosse isso talvez eu ainda estaria vivendo uma vida monótona e infeliz naquela casa em Brasília, e provavelmente ainda seria amiga apenas de Alice.

Entro na padaria e escolho uma mesa ao centro, então me sento e Marcos senta à minha frente, não falo nada e apenas encaro ele, esperando ele falar algo.

— Olha, Laura, sei que o que fiz foi errado, tá? Não deveria ter forçado a barra para você pedir desculpas para ele, sei que ele te assediou e foi um babaca, mas a gente precisava dele do nosso lado, ainda precisamos.

— Tudo bem.

— Volta pra casa?

— O que?

— Volta pra casa!

— Você tá maluco?

— Não Laura, tô com saudades de você, estamos juntos há tanto tempo e você vai abandonar isso?

Olho para ele incrédula e mal consigo responder.

— Você me traiu!

Marcos me olha assustado, mas não responde. Ele suspira e apoia os braços na mesa. Como ele não fala nada, continuo.

— O pior não é nem a sua traição, mas sim a de Alice — aponto o dedo para ele, brava, mas abaixo quando percebo algumas pessoas ao redor me olhando. — Eu contava tudo para ela, tudo. Considerava ela minha melhor amiga há anos, e você foi um merda também. Eu não vou voltar para casa, eu nunca mais quero pisar em Brasília.

— Como você soube?

— Como você soube meu endereço? — retruco.

— Mirtes deixou o comprovante do que ela te enviou na cozinha e achei.

— Eu não vou voltar, Marcos, eu não quero nem ter mais que olhar pra você.

— Tudo bem, me perdoa, nunca foi a minha intenção de decepcionar — ele fala, parecendo chateado, mas não dou bola. — Trouxe o contrato de divórcio para você assinar, já que me bloqueou.

— Fácil assim? — pergunto, surpresa.

— Eu ia tentar te convencer a voltar antes de falar isso — ele dá de ombros.

— Bem, obrigada por entender.

— O contrato está no carro, quando voltarmos você assina, mas vamos pelo menos tomar um café.

— Está bem.

Marcos levanta e vai até o balcão pedir dois cafés e pelo que vejo, pede também duas fatias de bolo. Me sinto aliviada por finalmente ter colocado um ponto final nisso, por não precisar mais me preocupar com nada disso além da minha nova vida.

Marcos volta e se senta, me encarando novamente.

— O que foi?

— Joaquim Calenari? — ele pergunta, então me dou conta que provavelmente todos devem saber a esse ponto, já que Joaquim é conhecido por todos no futebol e Marcos sempre foi um torcedor fanático do Santa Rosa, além de Joaquim também ter sido o capitão da seleção brasileira na copa passada. — Você fez de propósito pra se vingar só por ele ser meu ídolo?

Reviro os olhos com a suposição dele.

— Para de ser idiota, não estou mais nem aí pra você — ele ergue os braços. — Ele era meu ex namorado.

— O que? — Marcos quase grita. — Tá brincando?

— Não, nós namorávamos quando eu ainda morava aqui no Rio, mas quando fui pra São Paulo, terminei com ele.

— E por qual motivo eu nunca fiquei sabendo disso?

— Eu não gostava de falar disso, simples.

— Tu me viu chamar ele de foda por anos na na frente da televisão e nunca nem mencionou que conhecia ele, inacreditável.

Dou de ombros, mostrando que estou pouco me importando com ele.

— Não queria que você se sentisse mal por eu já ter namorado alguém tão foda.

— Também não precisa me esculachar.

— Tem razão, só vou gastar saliva.

Termino de comer rapidamente apenas para ir embora, então Marcos paga a conta e voltamos rapidamente quando falo a ele que tenho coisas para fazer. Marcos vai até o carro e me entrega o contrato de divórcio, mas sento na calçada em frente ao prédio para ler todas as cláusulas antes de assinar.

Pego a caneta que ele me oferece e assino, então devolvo o papel para ele.

— Vou mandar seu carro para cá, pode ser? Vou enviar o resto das suas coisas também.

— Pode ficar com o carro se quiser.

— Não, vou deixar com você, um presente por ter te tratado mal.

Confirmo com a cabeça e dou um abraço rápido nele, que se despede e entra no carro. Subo rapidamente as escadas, feliz por perceber que as coisas finalmente estão funcionando.

CAPÍTULO 17

Faço uma faxina geral no apartamento assim que volto da rua, ouvindo música alta na caixinha de música que Joaquim me deu. Tudo não leva mais do que quarenta minutos, já que mantenho tudo limpo todos os dias.

Perto do horário do almoço me deito no sofá para responder as mensagens de Joaquim, uma enviada dez minutos atrás. Abro o aplicativo e meu coração para.

Ele me encaminhou uma foto de uma hora atrás quando Marcos estava comigo na porta do prédio, e a foto é tirada exatamente no segundo que Marcos me beija.

Joaquim: Que merda é essa, Laura?
Joaquim: Não quero que você venha aqui.

Uma ansiedade fora do normal toma conta de mim, que mal consigo responder por alguns minutos. Tento ligar para Joaquim mas todas as vezes, a chamada cai na caixa postal, o que significa que ele não quer atender.

Começo a chorar quando tento ligar pela quinta vez, mas sem sucesso também.

— Atende, atende — falo sozinha enquanto ligo mais uma vez. — Droga, Marcos!

Vou até o apartamento de Madalena e bato na porta desesperada, então cinco segundos depois ela abre a porta assustada.

— Que susto, Laura. O que aconteceu? — ela pergunta preocupada quando me vê chorando.

Mostro a mensagem de Joaquim para ela, que me olha sem entender nada.

— Marcos veio aqui, primeiro ele pediu pra eu voltar pra casa, tentou me beijar, mas isso não durou dois segundos Madalena, eu juro que me afastei dele — choro mais forte quando lembro. — Depois ele me deu o contrato de divórcio para assinar.

— Alguém tirou a foto no segundo certo então — ela responde e me entrega o celular. — Já falou com Joaquim?

— Ele me mandou essa foto, alguém enviou pra ele. Já liguei várias vezes e ele não atende.

Madalena suspira e me diz para sentar no sofá, então pega o próprio celular e tenta ligar para o filho, que também não atende nas duas vezes que ela liga.

Laura: Joaquim, me atende!!!

Todas as mensagens sem respostas.

Madalena tenta me confortar, avisando que provavelmente Joaquim ficou nervoso com a foto mas logo me responde.

Esperamos mais de meia hora, enquanto ainda choro por ele não me responder.

— Vou até lá — respondo e saio correndo da casa de Madalena, indo até a minha e pegando o cartão, enquanto já chamo um Uber no celular. Por sorte, há um bem perto que aceita a viagem, então em minutos já estou indo na direção da casa de Joaquim.

O motorista não fala comigo em momento algum da viagem quando entro no carro e choro, já que ele deve ter ficado com dó de me ver nesse

estado. Mal me despeço dele quando finalizo o pagamento e corro em direção a portaria do prédio. Tenho a sorte de Joaquim ter passado a senha da entrada para mim, então não preciso de autorização para subir. Passo correndo pelo porteiro que mal me nota. O elevador parece que leva uma eternidade até chegar no andar do apartamento de Joaquim, mas assim que chega, ando rápido pelo corredor até chegar na porta, então começo a apertar a campainha várias vezes até ele abrir a porta.

Ouço o latido de Afonso com o barulho que faz pelo apartamento, então aperto mais algumas vezes. Provavelmente Joaquim já sabe que sou eu e talvez por isso demora para abrir. Me encosto na parede enquanto espero, mas dois minutos depois ele abre a porta.

Ele está usando uma calça de moletom e uma camiseta, com a bota ortopédica ainda no pé e se apoiando em uma muleta. O cabelo está todo revirado e ela está com olheiras, o que não é comum na aparência dele.

Ele me encara por um tempo e suspira, mas não entro no apartamento, continuo no corredor.

— Pode me ouvir? — pergunto antes de entrar, então ele deixa espaço para eu entrar no apartamento. Afonso vem correndo em minha direção quando me vê, pulando e totalmente feliz, alheio sobre o que está acontecendo. Faço um carinho na cabeça dele, mas logo deixo minha bolsa no aparador que fica no corredor, andando até a sala onde Joaquim senta no sofá e ficando de frente para ele, que mal me encara.

— Ele me beijou à força, Joaquim — é a primeira coisa que falo e ele dá um sorriso irônico, não acreditando no que falo. Sinto as lágrimas encherem meus olhos novamente com medo de ele não acreditar em mim. — Ele foi até lá para ver se eu queria voltar para Brasília com ele, então me beijou quando eu falei que não queria conversar com ele. Não sei quem tirou a foto, mas um segundo depois eu estava empurrando ele, eu não quis beijar ele, acredita em mim, por favor?

Não consigo conter meu choro, então falo com a voz embargada e trêmula.

— Assinei o divórcio hoje — falo e Joaquim me encara, parecendo surpreso agora. — Não quero nunca mais ficar longe de você Joaquim, quero passar a minha vida inteira contigo.

Ele suspira e continua me encarando, percebo que os olhos dele enchem de lágrima também.

— Eu — ele fala e para, com a voz embargada também. — Quando vi a foto achei que você ia embora de novo.

Me aproximo e me ajoelho no sofá, ficando ao lado dele. Levo uma das minhas mãos até o cabelo dele, acariciando, e fico aliviada quando ele pega minha mãe e deixa um beijo.

— Eu nunca mais vou embora, nunca — respondo. — Juro que eu jamais teria beijado ele, ainda mais depois de tudo o que ele me fez. Sou apaixonada por você, sempre fui.

— Me desculpa por não ter te escutado, ta? — ele pergunta e eu dou um abraço nele, respirando aliviada mais uma vez. Dou um beijo nele e começo a encará-lo.

— Meu lugar é aqui, com você. Quero passar o resto da minha vida ao seu lado.



Apesar dos desentendimentos, tudo deu certo no final. Madalena me manda mensagem depois perguntando se eu havia conseguido falar com

Joaquim. Respondo que sim e ela manda figurinhas comemorando.

As páginas de esportes que antes tinham compartilhado apenas a foto onde Marcos estava me beijando, horas depois compartilham o vídeo que receberam onde é possível ver que Marcos me puxa a força e me beija, então em seguida grito com ele no meio da rua. Joaquim pareceu mais aliviado ainda ao ver o vídeo, mas não fui poupada de milhares de comentários me xingando nas redes sociais.

Restringi minha conta e agora apenas quem eu sigo pode comentar meus posts, e Joaquim fez o mesmo. Passo o resto do dia e a noite com ele, já que tenho algumas roupas que deixei na casa dele e posso ficar sem me preocupar.

No dia seguinte, acordo e Joaquim já não está mais ao meu lado, mas sinto o cheiro de café pelo apartamento, o que significa que ele está preparando o café da manhã. Pego meu celular na cômoda que fica ao lado da cama e pego meu celular para ver a hora, mas quando desbloqueio, vejo que Joaquim me marcou em uma publicação no Instagram.

Abro a notificação e vejo que ele postou uma foto de nós dois, tirada há mais de dez anos atrás, onde nós dois estávamos sentados na areia da praia de Copacabana no final da tarde, abraçados. Mas o que me surpreende é a legenda.

Conheço a Laura a minha vida inteira, então não posso dizer ao certo quando me apaixonei por ela, mas lembro do dia que pensei comigo mesmo que queria passar o resto da minha vida ao lado dela. Lembro que ainda na base do Portobello ela foi assistir um jogo meu, enquanto ainda éramos só amigos, mas por um erro meu o time perdeu e foi desclassificado, então quando ela veio até mim no final do jogo ela me abraçou e disse que tudo ficaria bem, que ela estaria comigo sempre e que o importante para ela era ela ver eu realizando meu sonho de jogar futebol. Passei dias pensando

naquilo e pra mim não fazia sentido passar uma vida inteira sem ter ela como minha namorada, esposa, ou mãe dos meus filhos.

Por complicações no meio do caminho ficamos dez anos separados, nem sequer nos vimos uma só vez, mas foram dez anos onde todos os dias eu lembrava dela por algum motivo, e sempre era o momento onde eu desejava por um segundo para ter ela na minha vida de novo, mesmo sem nem saber como ela estava, se estava casada, solteira ou com filhos.

Eu não sou a pessoa mais religiosa do mundo, mas dois meses atrás quando você voltou e eu te encontrei novamente, eu agradeci a Deus por ter me dado esse presente. Já são dois meses onde me sinto completo mais uma vez, e não tenho dúvida alguma de que só vou ser feliz de verdade se continuar a minha vida com você.

Eu te amo gatinha.

Levanto da cama chorando e corro para a cozinha onde Joaquim está apoiado em um pé e encostado na bancada onde passa o café, e Afonso está deitado ao lado dele, como sempre. O cachorro me vê e ergue a cabeça, então Joaquim olha para trás e percebe que estou ali.

— O que aconteceu? — ele pergunta preocupado.

Aponto para o celular e ele dá um sorriso tímido. Me aproximo dele e abraço ele, forte, e torço em silêncio para nunca mais passar um dia da minha vida longe dele.

CAPÍTULO 18

Procuro em meio ao estádio o camarote reservado para a família e encontro Laura sentada ao lado de minha mãe. Sorrio para ela, que sorri de volta para mim.

Um ano inteiro se passou desde que ela voltou para o Rio e para a minha vida, e todo dia agradeço por tudo o que tenho ao lado dela.

Pela segunda vez consecutiva estamos na final da Copa Libertadores, dessa vez contra o nosso maior rival aqui no Brasil, mas tenho uma grande confiança de que a taça será nossa pela quarta vez.

Canto o hino de mãos dadas com meus sobrinhos que me acompanharam para o campo. Já fazem alguns meses desde que voltei da lesão que aconteceu na Libertadores do ano passado, fiquei com medo de que não jogaria igual de novo, mas o trabalho feito foi impecável e não tenho nenhum problema no tornozelo desde então. Como o treinador tinha me garantido, no meu primeiro jogo de volta o título de capitão voltou para mim, até mesmo recebi uma homenagem no meu primeiro jogo de volta. Cada dia que passa tenho mais certeza que o Santa Rosa é o meu lugar e não trocaria esse time por nada.

Encaminho meus sobrinhos para Hugo que está na beira do gramado esperando eles, então vou até o juíz para o sorteio do campo.

O jogo não é fácil e vamos até a prorrogação empatados em 1x1, mas parece que o título estava destinado para ser nosso quando nos últimos cinco minutos consigo fazer um gol, levando metade do estádio a loucura.

Os jogadores pulam em mim gritando e comemorando, sentindo que a taça está próxima de ser nossa mais uma vez. Olho mais uma vez para Laura, fazendo o mesmo gesto que faço todas as vezes que marco um gol, e ela me manda um beijo lá de cima mesmo.

Cinco minutos depois o juiz apita sinalizando o fim da partida, então fogos começam a explodir no céu escuro para comemorar.

Cumprimento os jogadores do outro time, parabenizando cada um pelo jogo, e logo vou comemorar com meus companheiros o título que tanto esperávamos.

Logo após a torcida ir se retirando, nossos familiares começam a chegar ao campo. Vejo minha mãe brincando com meus sobrinhos com os confetes que caíram no chão, enquanto Hugo e Sara conversam entre os dois. Procuro Laura e vejo ela se aproximando e sorrindo, me fazendo sorrir também.

— Parabéns, eu sabia que esse título seria de vocês de novo.

— Tô tão feliz — deixo um beijo nos lábios dela. — Obrigada por estar sempre comigo.

— Eu amo você — ela fala. — Quer dizer, nós dois amamos você.

O mundo parece parar ao meu redor.

— O que?

Ela dá um sorriso então me aproximo dela, colocando uma mão na barriga.

— Você está grávida? — sinto minha voz trêmula com a emoção que forma dentro de mim.

— Sim.

Olho para ela por mais alguns segundos antes de chorar. Ela dá risada e me abraça enquanto eu coloco minhas mãos nos meus olhos para

conter as lágrimas, então encaixo minha cabeça em seu ombro, abraçando ela forte enquanto nós dois choramos.

A ideia de ser pai sempre me emocionou, e ao pensar na possibilidade de estar começando a minha família com Laura, sinto que nada mais no mundo pode parar nós dois.

Em alguns momentos da vida podemos apenas colocar vírgulas nas histórias, deixando os pontos para depois.

E agradeço por nunca ter colocado um ponto final na minha história com ela.

Esse é apenas o começo da nossa vida.

FIM